

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

HIPPONACTEA

SUBSÍDIOS PARA UMA NOVA EDIÇÃO CRÍTICA DO IAMBÓGRAFO DE ÉFESO

Desde que, em 1817, Welcker publicou a primeira edição dos fragmentos de Hipónax, as dificuldades do texto do poeta efésio têm esprevidado o interesse de filólogos e linguistas de vários países. Até ao fim do século, outras tentativas, mais ou menos afortunadas, se sucederam, nas colectâneas de Schneidewin (1838-39), Bergk (II: 1843, 1853, 1866, 1882), Meineke (1845), Hartung (1858), Fick (1886-88), Hiller (1890), Crusius (1897) e Hoffmann (1898) (1); nem podem esquecer-se as contribuições, inquinadas embora de todos os vícios da sua época, de Ten Brink (2). O aparecimento dos epodos ditos de Estrasburgo reacendeu a atenção dos estudiosos, menos na altura da sua publicação por Reitzenstein em 1899 (3) do que trinta anos depois,

(1) Em *Hipónax de Éfeso: I. Fragmentos dos Iambos*, Coimbra, 1961, pp. IX-XI, encontrará o leitor as indicações bibliográficas completas e um breve juízo de orientação. Foram baldadas, até agora, as nossas diligências para consultar as antologias, aparentemente modestas e sem originalidade, de Rossignol (1849) e de Pomtow (1885), de que temos notícia através de raras citações.

(2) Sobretudo os *Hipponactea*, «Philologus», 6 (1851), pp. 35-80 e 215-227; 7 (1852), 739-743; 13 (1858), 395-396 e 605-608. — Outros estudos, artigos, notas ou recensões de interesse para a constituição ou explicação do texto hiponacteu, publicados entre 1833 e 1889, vêm, por ordem cronológica, arrolados no apêndice bibliográfico da edição de Masson, *Les fragments du poète Hipponax. Édition critique et commentée*, Paris, 1962, pp. 183-184.

(3) Apenas Blass, *Die neuen Fragmente griechischer Epoden*, «Rhein. Mus.», 55 (1900), pp. 341-347, manifestou discordância sobre algumas leituras do texto e a sua atribuição a Arquíloco. Gercke, pelo contrário, em *Zwei neue Fragmente der Epoden des Archilochos*, «Woch. f. klass. Philol.», 17 (1900), pp. 28-30, mostra-se favorável à tese de Reitzenstein.

quando um artigo de Coppola (4) determinou a reacção de Pasquali (5), e as intervenções subsequentes de Perrotta (6), Galli (7), Terzaghi (8), Del Grande (9), Cantarella (10), Morelli (11), Masson (12), Klinger (13), Lasserre (14), e mais recentemente Kirkwood (15). O problema da

(4) *Archiloco o imitazione ellenistica?*, «St. it. filol. class.», n. s. 7 (1929), pp. 155-168; cf. também *Cirene e il nuovo Callimaco*, Bologna, 1935, pp. 92-94. Entre Blass e Coppola, outros autores (Crönert, Crusius, Fraccaroli, Hauvette, Jurenka, Leo, etc.) se pronunciaram sobre o problema da autoria dos epodos: mas sem aduzirem, regra geral, argumentos pessoais. Demos, na introdução do nosso livro (cit. n. 1), pp. LV-LIX, uma síntese da questão.

(5) *Leggendo*, «St. it. filol. class.», n. s. 7 (1929), pp. 307-311. Pasquali modificou a sua opinião em *Archiloco*, «Pan» (1934), pp. 643-655 (artigo reproduzido em *Pagine meno stravaganti*, Firenze, 1935, pp. 91-111).

(6) *Il poeta degli epodi di Strasburgo*, «St. it. filol. class.», n. s. 15 (1938), pp. 3-41; v. a nota seguinte e *Polinnia. Poesia greca arcaica*. Messina-Firenze, 1948, pp. 262-270 (na 2.ª ed., Messina-Firenze, 1965: pp. 106-112).

(7) *Note agli epodi di Strasburgo*, «Atene e Roma», 6 (1938), pp. 157-175. Resposta de Perrotta em *Ancora gli epodi di Strasburgo*, «St. it. filol. class.», n. s. 16 (1940), pp. 177-188. Tréplica de Galli em *Postille agli epodi di Strasburgo*, «Atene e Roma», 8 (1940), pp. 255-267.

(8) *L'odio di Ipponatte ed il I epodo di Strasburgo*, «St. it. filol. class.», n. s. 17 (1940-41), pp. 217-235.

(9) *Intorno agli epodi di Strasburgo in Note filologiche*, Napoli, 1942, pp. 11-36; *Ancora sull'età di composizione del I epodo di Strasburgo*, «Giorn. it. filol.», 1 (1948), pp. 255-257; e crítica a Adrados, *Líricos griegos: elegíacos y yambógrafos arcaicos*, II, Barcelona, 1959: «Riv. filol. istr. class.», n. s. 38 (1960), pp. 409-412.

(10) *Gli epodi di Strasburgo*, «Aegyptus», 24 (1944), pp. 1-112; *A proposito di una nota di Gennaro Perrotta*, «Aevum», 23 (1949), pp. 208-209; crítica a Lasserre, *Les épodes d'Archiloque*, Paris, 1950: «Aevum», 24 (1950), pp. 507-509; e v. ainda a nota seguinte.

(11) «*Correptio attica*» in *Archiloco*, «Maia», 2 (1949), pp. 256-267. Réplica de Cantarella em *Di Archiloco, e di altri pretesti*, «Aevum», 24 (1950), pp. 415-417. Tréplica de Morelli, *Archiloco ed i pretesti del Prof. Cantarella*, «Maia», 3 (1950), pp. 310-312.

(12) *Les «épodes de Strasbourg»: Archiloque ou Hipponax? et quelques problèmes relatifs au texte d'Hipponax*, «Rev. ét. gr.», 59-60 (1946-47), pp. 8-27; *Encore les épodes d'Archiloque*, ibidem, 64 (1951), pp. 427-442; crítica a Lasserre, *Les épodes d'Archiloque*, Paris, 1950: «Gnomon», 24 (1952), p. 315.

(13) *De Archilochi fragmento papyraceo 79 D² eiusque exordio nondum recognito*, «Eos», 43 (1948-49), pp. 40-47.

(14) *Les épodes d'Archiloque*, Paris, 1950, pp. 274-285. Os argumentos do filólogo suíço foram criticados por Cantarella (cf. n. 10) e Masson (cf. n. 12).

(15) *The authorship of the Strasbourg Epodes*, «Transactions and proceedings of the Amer. Philol. Assoc.», 92 (1961), pp. 267-282. Recentemente, Marzullo,

autoria não ficou resolvido — antes parece que a atitude mais razoável, como sugeriu Page (16), consistirá, afinal, em declarar «anónimos» os três fragmentos: mas o apuramento do texto dos *Ἰαμβοὶ* e a valorização da arte de Hipónax fizeram consideráveis progressos. Mais consideráveis, estamos em dizer, que os realizados graças ao descobrimento de alguns papiros oxirrinquitas (17), tão deplorável era o seu estado de conservação, e de cinco versos desgarrados, que apareceram em um códice da *Exegesis in Iliadem* de Tzetzes (18).

Ao romper a segunda metade deste século, tornava-se necessária e urgente uma reedição aumentada e melhorada do texto hiponacteu. Diehl trabalhava neste campo (19), embora, como é óbvio, as caracte-

Frammenti della lirica greca, Firenze, 1965, pp. 23-28 e 140-142, e Tarditi, *Archilochus*, Romae, 1968, p. 21*, aderiram também à tese de Cantarella.

(16) Crítica a Diehl-Beutler, *Anthologia lyrica Graeca*, fasc. III: *Iamborum scriptores*, Lipsiae, 1952: «Class. Rev.», 4 (1954), p. 106.

(17) Referimo-nos ao chamado «fragmento florentino» («Pap. Gr. e Lat. della Soc. It.»: n.º 1089) e aos «Oxy. Pap.» 2174-2176 e 2323, publicados por Lobel em 1941 (adenda em 1948) e 1954. Relíquias insignificantes apareceram em um óstracon editado em 1918 por Wilamowitz («Sitz. d. preuss. Akad. d. Wiss.», 1918: n.º 12605), e em um papiro transcrito por Schubart (*Gr. lit. Pap.*, Berlin, 1950: n.º 10). — O «fragmento florentino» foi objecto, na altura da sua publicação, de alguns ensaios, timoratos ante a escatologia do conteúdo e o mau estado do papiro, de explicação textual: à bibliografia referida por Diehl-Beutler, p. 85, importa acrescentar Romagnoli, *I poeti lirici*, I, Bologna, 1931, pp. 223-225 e 229-235. Não são numerosos nem sistemáticos os estudos motivados pela publicação dos papiros lobelianos: sobressaem, pelo seu interesse, as contribuições de E. Fraenkel (*An epodic poem of Hipponax*, «Class. Quart.», 36 [1942], pp. 54-56), de Maas (*Commentarii in Hipponactem P. Oxy. 2176¹ fragm. 6*, ibidem, p. 133), de Diehl (*Lyrici Graeci rediitui: II. Ἰππώναξ Ὑπομνήματα εἰς Ἰππώνακτα*, «Rhein. Mus.», 92 [1943], pp. 289-318; inédito), e de Masson (*Sur un papyrus contenant des fragments d'Hipponax*, «Rev. ét. gr.», 62 [1949], pp. 300-319); mais recentemente, Bartalucci (*Hipponactae interpretatiunculae*, «Maia», 16 [1964], pp. 250-255) ocupou-se de uma parte do «Oxy. Pap.» 2175. 3-4 (frg. IX D.-B., 99 Med., 104 Mass.).

(18) Masson, *Nouveaux fragments d'Hipponax*, «Parola del passato», 5 (1950), pp. 71-76.

(19) Cf. a n. 17. Entre a primeira (1925) e a segunda (1936) edições da secção *Iamborum scriptores* da *Anthologia diehliana* — justamente famosa pelo eclectismo das soluções e equilíbrio do comentário —, saiu o texto de Knox (*Herodes, Cercidas and the Greek choliambic poets*, London, 1929, pp. 1-65), que, embora se ressinta do vezo das «correções» caprichosas e da rigidez de certos pontos de vista do editor, representa, pelo admirável conhecimento dos problemas do iambo antigo que tinha o filólogo inglês, um esforço crítico digno de séria consideração.

rísticas da sua *Anthologia lyrica Graeca* (I: 1925, 1936) o constran- gessem a seleccionar papiros e a renunciar à inserção de glossas isoladas. A morte, porém, veio surpreendê-lo na tarefa, e a terceira edição (1952) dos *Iamborum scriptores* saiu já sob a responsabilidade de Beutler. O livro não correspondeu, infelizmente, à expectativa dos estudiosos da lírica grega, os quais logo verificaram, no caso de Hipónax, que os novos papiros eram reproduzidos com incertezas de critério e suplementos por vezes abusivos, que alguns fragmentos espúrios haviam sido conservados e outros autênticos excluídos, que perduravam lições viciadas e lacunas ou impropriedades de comentário (20). Sete anos depois, surgia a edição de Adrados (*Líricos griegos: elegíacos y yambógrafos arcaicos*. II. Barcelona, 1959), que apresentava, sobre a de Diehl-Beutler, a vantagem de editar a quase totalidade dos fragmentos papiráceos e registar, em apêndice, a maior parte das glossas: mas não transcrevia fontes e testemunhos, necessários muitas vezes à interpretação ou localização dos fragmentos, prescindia quase sempre de um comentário seguido (substituindo-o — o que é insuficiente nestes casos — por uma tradução), e adoptava em geral o texto, muitas vezes discutível, como dissemos, da *Anthologia* (21). Nem o autor deste artigo nem Olivier Masson, que, na altura, independentemente um do outro, trabalhavam sobre o texto do poeta efésio, se consideraram, por isso, desobrigados de publicar as suas edições, que viram a luz, em Coimbra e em Paris, dois e três anos, respectivamente, após a publicação da colectânea de Adrados (22).

A crítica assinalou diferenças de método e de propósitos entre

(20) Entre as críticas — pouco numerosas, aliás — deste volume sobressaem a de Masson, *Une nouvelle édition des iambographes grecs*, «Rev. ét. gr.», 66 (1953), pp. 407-410, e a de Page, «Class. Rev.», 4 (1954), pp. 105-107.

(21) Algumas recensões: Del Grande, «Riv. filol. istr. class.», n.s. 38 (1960), pp. 409-412; Masson, «Ant. Class.», 30 (1961), pp. 189-190; Page, «Class. Rev.», 11 (1961), p. 159; Young, «Gnomon», 32 (1960), pp. 740-744.

(22) W. de Sousa Medeiros, *Hipónax de Éfeso: I. Fragmentos dos Iambos*, Coimbra, 1961; O. Masson, *Les fragments du poète Hipponax. Édition critique et commentée*, Paris, 1962. Ambos os trabalhos constituem dissertações de doutoramento. Poucos meses depois da publicação do livro de Masson, terceiro editor tentava a sua sorte (A. Farina, *Ipponatte*. Introduzione, testo critico, testimonianza, traduzione, commento; con appendice e lessico. Napoli, 1963): mas, por deficiência de preparação, o método que adoptou e os resultados a que chegou tornam francamente inane o seu labor.

os dois editores (23): mas reconheceu geralmente que ambos se esforçaram por apresentar um texto melhorado — graças à justificação de versos que se supunham alterados (24), à explicação de formas que só na aparência eram corruptas (25), à rejeição de suplementos não evidentes (26), à eliminação de algumas perplexidades pela aceitação de emendas objectivamente recomendáveis (27), à indicação inequívoca dos *loci desperati* (28). O confronto minucioso dos dois trabalhos, e a consideração atenta de três artigos (29) e de um punhado de recensões críticas publicadas entre 1962 e 1968 (30), além de outras contri-

(23) Principalmente Lasserre, *crit. a Masson*, «Ant. class.», 32 (1963), p. 615.

(24) Caso dos isquiorrógicos, dos trímetros rectos entre escizontes, de várias substituições ou soluções que alguns editores (sobretudo Knox) se obstinavam em rejeitar ou «normalizar». Importa reconhecer que a Masson (*Les épodes de Strasbourg: Archiloque ou Hipponax?...*, cit. n. 12) se ficou devendo, em larga medida, a resolução definitiva da maior parte destas dificuldades.

(25) Assim *πανδάλητος* 8.1 Med. (5.1 D.-B., 4.1 Mass.), *κατωμόχανε* 34.1 (45.1 D.-B., 28.1 Mass.), *Τωπος* 36.4 (3.4 D.-B., 42.4 Mass.).

(26) Sobretudo daqueles que inçavam os frgs. 64 (14A D.-B., 92 Mass.) e 78 (V D.-B., 82 Mass.).

(27) Por exemplo, na edição de Masson, 6.1 (7.1 D.-B., 27.1 Med.) *λειμών*, proposta de Schneidewin, e 72.6 (41.2 D.-B., 68.6 Med.) *ιαύων*, de Mayor; na nossa, 36.3 (3.3 D.-B., 42.3 Mass.) *μεγ' ἄκτω κκαλ*, de Buckler.

(28) Três *cruces* apenas figuram em Diehl-Beutler (15.3 [23.3 Med., 12.3 Mass.], 53 [51 Med., 57 Mass.], VI.17 [80.17 Med., 84.17 Mass.], nenhuma em Adrados (embora, em anotações à tradução, se mencionem três, correspondentes a 15.3 D.-B. [23.3 Med., 12.3 Mass.], 24a.5 D.-B. [4.3 Med., 32.5 Mass.], VI.17 D.-B. [80.17 Med., 84.17 Mass.] — contra dez na nossa edição (8.2 [5.2 D.-B., om. Mass.], 24.2 [67.2 D.-B., 30.2 Mass.], 34.5 [45.5 D.-B., 28.5 Mass.], 51 [53 D.-B., 57 Mass.], 80.17 [VI.17 D.-B., 84.17 Mass.], 126 [28 D.-B., 23 Mass.], 129 [71 D.-B., 75.4-5 Mass.], 130 [76 D.-B., 114a Mass.], 138 [133 Bgk., om. Mass.], 141 [99 Bgk., 131 Mass.]) e sete na de Masson (28.5 [45.5 D.-B., 34.5 Med.], 42.1,3,4 [3.1,3,4 D.-B., 36.1,3,4 Med.], 62 [59 D.-B., 43 Med.], 139 [107 Bgk., 149 Med.], 156a [122 Bgk., 164 Med.]). Como se vê, poucas vezes há coincidência entre os vários editores sobre a posição dos *loci desperati*.

(29) Degani, *Hipponactea*, «Helikon», 2 (1962), pp. 625-629; Bartalucci, *Hipponactea interpretatiunculae*, «Maia», 16 (1964), pp. 243-258; Roux, *Hipponax rediuius*. *À propos d'une nouvelle édition des «Iambes»*, «Rev. ét. anc.», 66 (1964), pp. 121-131.

(30) Temos conhecimento de trinta, que enumeramos a seguir por ordem alfabética dos autores:

À nossa edição: D'Agostino, «Riv. st. class.», 10 (1962), pp. 190-191; Daly, «Amer. Journ. of Philol.», 84 (1963), pp. 438-441; Davison, «Class. Rev.», n.s. 13

buições ocasionais⁽³¹⁾, permitem, no entanto, verificar que se não atingiu ainda, para muitos passos de Hipónax, a unanimidade de vistas que assegure o estabelecimento de um texto satisfatório do velho iambógrafo. Os embaraços subsistentes provêm, na sua maior parte, quer da má qualidade de alguns códices e da irreparável mutilação de quase todos os papiros, quer das dificuldades inerentes ao carácter fragmentário da transmissão, quer das disparidades de critério com que tem sido encarado o problema da autenticidade de vários fragmentos⁽³²⁾.

(1963), pp. 218-219; Degani, «Gnomon», 34 (1962), pp. 753-757; Duchemin, «Rev. belge de philol. et d'hist.», 46 (1968), pp. 172-173; Garzya, «Le parole e le idee», 4 (1962), p. 326; Georgountzos, *Πλάτων*, 14 (1962), pp. 471-472; Koster, «Mnem.», s. 4, 16 (1963), pp. 299-302; Marengi, «Athenaeum», 41 (1963), pp. 184-186; Masson, «Ant. class.», 32 (1963), pp. 212-214; Id., «Rev. philol.», 90 (1964), pp. 89-94; Pisani, «Paideia», 18 (1963), pp. 226-227; Pontani, «Helikon», 2 (1962), pp. 336-340; Scivoletto, «Giorn. it. filol.», 15 (1962), pp. 272-273; Tarditi, «Riv. filol. istr. class.», 40 (1962), pp. 191-194; Van der Mühl, «Mus. Helv.», 19 (1962), pp. 233-234.

À edição de Masson: Daly, «Amer. Journ. of Philol.», 85 (1964), pp. 108-110; Davison, «Class. Rev.», n. s. 14 (1964), pp. 20-21; Defradas, «Rev. ét. gr.», 78 (1965), pp. 384-386; Duchemin, «Rev. belge de philol. et d'hist.», 46 (1968), pp. 171-172; Gusmani, «Indog. Forsch.», 68 (1963), pp. 331-332; Lasserre, «Ant. Class.», 32 (1963), pp. 615-617; Medeiros, «Humanitas», 15-16 (1963-64), pp. 559-567; Radt, «Mnem.», 18 (1965), pp. 191-196; Redard, «Kratylos», 8 (1963), pp. 210-211; Szastyńska-Siemionowa, «Eos», 54 (1964), pp. 204-205; Vian, «Rev. philol.», 90 (1964), pp. 119-121.

As duas edições, conjuntamente: Morelli, *Due nuove edizioni di Ipponatte*, «Riv. filol. istr. class.», 92 (1964), pp. 370-376; Pavese, «Atene e Roma», n.s. 10 (1965), pp. 120-123; Thummer, «Anz. f. d. Altertumsw.», 18 (1965), col. 221.

Só aqui aproveitaremos, como é óbvio, as recensões que se ocupem de problemas textuais.

⁽³¹⁾ É o caso dos *Frammenti della lirica greca* de Marzullo (cit. n. 15); e de várias sugestões que recebemos por carta. Com prazer se agradece aqui a ajuda — quer bibliográfica, quer doutrinária — de alguns especialistas: Barigazzi (Pavia, depois Florença), Bartalucci (Pisa), Degani (Cagliari), Gentili (Urbino), Koster (Groningen), Lasserre (Lausanne), Lobel (Oxford), Masson (Paris), Pieraccioni (Florença), Schwartz (Estrasburgo). Quando doutrinária, essa ajuda vai assinalada, como é de rigor, nos lugares próprios.

⁽³²⁾ Continuamos persuadidos de que se deve usar de severidade na aceitação dos fragmentos apenas «prováveis». O leitor terá ensejo de observar, nas páginas seguintes, que, se por um lado propomos a eliminação dos frgs. 1.1, 4.2 (5.3 D.-B.), 64 (*62 D.-B.), 68 (col. adésp. 1 D.-B.), 151a, 151b de Masson, e a colocação de 118.16 (*185 Med.), 135d (*188 Med.), 152 (*186 Med.), 161 (*187 Med.) do mesmo editor entre os ἀμφιβητήματα, por outro renunciamos agora, na esteira

Tentamos, nas páginas seguintes, uma recapitulação dos erros e incertezas principais que, depois das edições de 1961 e 1962, foram ou poderiam ter sido assinalados pelos estudiosos do texto hiponacteu. Uma recapitulação, apenas: ou um inventário comentado, se se preferir. Mais do que as propostas de solução que temos para referir contam as perplexidades que confessamos e importaria eliminar. Por outro lado, alguns fragmentos novos, de tradição indirecta, apareceram dos últimos anos: todos diminutos — dois versos desligados (um dos quais incompleto) e cinco glossas avulsas. Deles se fará o devido registo e se extrairão, quando possível, os ensinamentos que comportem. Outras relíquias — desta vez papiráceas — poderão surgir brevemente, em frústulos que provêm, segundo parece, de um comentário a Hipónax⁽³³⁾.

Não se estranhará, por último (ousamos esperá-lo), que o autor deste inventário tenha tomado, como ponto de partida, a sua própria edição⁽³⁴⁾. Para a emendar, com humildade, todas as vezes que for necessário.

1 (34-35 D.-B., 38 Mass.)

ὦ Ζεῦ, πάτερ <Ζεῦ>, θεῶν Ὀλυμπίων πάλμω,
τί μ' οὐκ ἔδωκας χροσόν, ἀργύρον πάλμω;

Com fundamento, sobretudo, na repetição, considerada improvável em versos contíguos, do lidismo *πάλμω*, ou na persuasão, gratuita,

de Diehl e Masson, ao frg. 55 (75 Bgk.), que Eustácio atribuiu a Hipónax, mas que, na forma conservada, é certamente um verso da exclusiva responsabilidade de Herodas (5.74-75).

⁽³³⁾ Sobre a origem dos fragmentos novos, adiante publicados, v. o que dizemos nos números 61A e 153A. A possibilidade de surgirem novos fragmentos papiráceos de interesse para Hipónax foi-nos amavelmente anunciada pelo editor Lobel (carta de 1-11-1968): «Among the pieces to be published in Oxy. Pap. XXXVIII are some scraps which might come from a commentary on Hipponax. The number at present assigned is 2811.»

⁽³⁴⁾ Por isso, na falta de outra indicação, se deverá entender que a numeração dos fragmentos corresponde à adoptada em *Hipónax de Éfeso. I. Fragmentos dos Iambos* (em abreviatura: *Hipónax*). A edição de Masson (*Les fragments du poète Hipponax*) é designada pela sigla *Poète Hipponax*, para evitar confusões com vários artigos do autor em cujo título figura a palavra *fragments*.

de que o segundo se referisse a Hermes e não a Zeus, todos os editores, desde Bergk (Knox com reservas), haviam separado os dois iambos deste fragmento, que na citação de Tzetzes (*Schol. in Lycophr.* 690 Scheer) se apresentam unidos. A estranheza desapareceu dos textos de Medeiros e Masson: Zeus, «miramolim» do Olimpo, é também o distribuidor do ouro⁽³⁵⁾; e nenhuma objecção levanta a ocorrência de *πάλμυς* em versos seguidos, porquanto repetições deste tipo estão atestadas em outros fragmentos de Hipónax⁽³⁶⁾.

Subsistia, no entanto, uma dificuldade: o sentido da expressão *ἀργύρου πάλμυς* (lição tradicional de P H), que descontentava alguns estudiosos e os levava a admitir a possibilidade de uma ditografia⁽³⁷⁾. Ora Tarditi observou⁽³⁸⁾, com razão, que a reminiscência de Aristófanes — *Plut.* 130-131 (*XP.*) *ἄρχει διὰ τί ὁ Ζεὺς τῶν θεῶν;* (*KA.*) *διὰ τὰργύριον · πλεῖστον γὰρ ἔστ' αὐτῶι.* —, pela primeira vez invocada no aparato da nossa edição, convidava à aceitação da variante *πάλμυς*, lição de A V. No mesmo sentido se pronunciou Degani⁽³⁹⁾: a própria fórmula da pergunta — *τί μ' οὐκ ἔδωκα σ....* — sugeriria *πάλμυς*, e não *πάλμυς*.

No v. 1, o suplemento <Zeῦ> de Meineke (ex Archil. 94.1 D.-B. [171.1 L.-B., 174.1 Tarditi] *ὦ Ζεῦ, πάτερ Ζεῦ, δὸν μὲν οὐρανοῦ κράτος*) encontrou, desde Diehl, o favor de todos os editores do poeta, à excepção de Adrados: e bem o merecia, já que a incisão normal do verso, em um iambógrafo antigo, se opunha à conservação do texto transmitido⁽⁴⁰⁾. Mas Diehl, nas três edições da *Anthologia*, e ainda Masson,

(35) *Hipónax*, pp. 12-15.

(36) Assim 6.2-3 (25.2-3 D.-B., 34.2-3 Mass.) *δασειῶν ... / δασειῶμι*, 90.3-4 (95.3-4 Mass.) *Βουπάλωι ... / Βούπαλον*, 115-116 (70.1-2 D.-B., 120.1-2 Mass.) *κόψω ... / κόπτω*. Não é perfeitamente seguro, como pode ver-se adiante, o texto de 30.2 (10.2 D.-B., 9.2 Mass.) *ἔχοντες, ὡς ἔχουσι*, em que a repetição (de outro tipo, aliás) se verifica no mesmo verso. Quanto a *184 (*72 D.-B.) e 117 (73 D.-B.), onde se lê *δικάζεσθαι / ... δικάζεσθαι*, temos opinião diferente da de Masson, que, seguindo Ten Brink, apresenta unidos os dois fragmentos (122-123).

(37) Assim Knox (*Herodes*, p. 45 n. 1) e, mais recentemente, Pontani, *crit.* cit. (n. 30), p. 338. Não parece convincente, de facto, a justificação de Masson (*Poète Hipponax*, p. 127): «o ouro é o rei da prata, quer dizer, mais precioso que a prata.»

(38) *Crít. cit.* (n. 30), p. 193.

(39) *Crít. cit.* (n. 30), p. 754.

(40) A iteração do nome do deus invocado tem paralelo no próprio poeta: 3.1 (24a.1 D.-B., 32.1 Mass.) *Ἐρμῆ, φίλ' Ἐρμῆ*.

pontuaram *ὦ Ζεῦ πάτερ*, <Zeῦ>, *θεῶν κτλ.*, esquecendo, como recordou Morelli⁽⁴¹⁾, que deste modo violavam «um dos mais severos tabus do trímetro iâmbico — o que proíbe a presença de um monossílabo autónomo (para mais isolado entre vírgulas), antes e depois da cesura, no início e no fim do verso.»

2 (29 D.-B., 36 Mass.)

*ἔμοι δ' ὁ Πλοῦτος — ἔστι γὰρ λίην τυφλός —
ἔς τῶικί' ἐλθὼν οὐδάμ' εἶπεν' ἰππῶναξ,
δίδωμί τοι μνέας ἀργύρου τριήκοντα
καὶ πόλλ' ἔτ' ἄλλα.' δέλιαιος γὰρ τὰς φρένας.*

Impõe-se, a nosso ver, para o v. 1, a correcção *δ' ὁ Πλοῦτος* (*δὲ Πλοῦτος* codd.), indicada por Marzullo⁽⁴²⁾: em Aristófanes, como em outros cómicos atenienses, o nome do deus, quando precedido de *δέ*, vem sempre acompanhado de artigo⁽⁴³⁾. O colorido «afectivo» do passo — resposta irada, ou fingidamente irada, do poeta aos rapazinhos que cantavam a *εἰρεσιώνη* (segundo a interpretação recente de Bartalucci)⁽⁴⁴⁾ — justifica perfeitamente essa «apresentatividade», que é toante, para mais, com a prática do Efésio noutros lugares

(41) *Studi sul trimetro giambico*, «Maia», 13 (1961), pp. 147-148.

(42) *Frammenti* cit. (n. 15), p. 133.

(43) Assim nos quatro exemplos que conhecemos: Aristófanes, *Plut.* 331 *αὐτὸν δὲ τὸν Πλοῦτον*, 634 *μᾶλλον δ' ὁ Πλοῦτος αὐτός · ἀντί γὰρ τυφλοῦ* (significativo para o verso de Hipónax); Ánfi, frg. 23 Kock *τυφλός, τυφλός δ' ὁ Πλοῦτος εἶναί μοι δοκεῖ, / ὅστις γε παρὰ ταύτην μὲν οὐκ εἰσέρχεται* (reminiscência provável do Efésio); Antífan, frg. 259 Kock *ὁ δὲ Πλοῦτος ἡμᾶς καθάπερ ἰατρὸς κακὸς / πάντα βλέποντας παραλαβὼν τυφλοὺς ποιεῖ*. Cf. ainda Teócrito, 10.19 *τυφλός δ' οὐκ αὐτὸς ὁ Πλοῦτος*.

(44) *Hipponactae interpretatiunculae* cit. (n. 29), pp. 256-258, onde se põe também outra hipótese, tão interessante como verosímil: o poeta justificaria, naqueles termos de burlesca indignação, a recusa a colaborar, com uma composição da sua autoria, em uma festa do tipo da *εἰρεσιώνη* (cf. Pseudo-Plutarco, *De mus.* 8 [Mor. p. 1133 f], cit. no aparato do frg. 161 [96 Bgk., 153 Mass.]).

(cf., para o nome de um deus, 13 [36 D.-B., 25 Mass.] *κώπόλλων*, e 61.₁ [61.₁ D.-B., 63.₁ Mass.] *ὠπόλλων*)⁽⁴⁵⁾.

Bartalucci⁽⁴⁶⁾ inclina-se para a ideia de que o v. 4 (em tempos condenado como texto do citador, Tzetzes) seja o último da composição a que pertencia este fragmento: sem falar já da apóstrofe agarotada que o encerra, e que torna muito provável tal opinião, haveria que considerar o facto de esse verso ser um trímetro recto, e Hipónax ter algumas vezes — aparentemente, pelo menos — terminado assim as suas poesias em colíambos (caso de 34 [45 D.-B., 28 Mass.], que julgamos seguro; e de 7 [42 D.-B., 39 Mass.], que deixa dúvidas)⁽⁴⁷⁾.

Está destinada a perdurar, vistas as disparidades de critério dos editores e as hesitações dos códices e dos papiros, a divergência de grafia que se observa, no v. 3, entre *μνᾶς* (Bergk, Diehl, Adrados, Masson) e *μνέας* (Knox, Medeiros)⁽⁴⁸⁾.

4 (24a.₃₋₅ D.-B., 32.₃₋₅ Mass.)

δὸς χλαῖναν Ἰππώνακι καὶ κυπακκίκων
καὶ σαμβάλικα κᾶκκερίκα καὶ χρυσῶ
στατήρας ἐξήκοντα τοῦτέρου τοίχου.

Há discordância de pareceres sobre o significado de *τοῦτέρου τοίχου*⁽⁴⁹⁾, que Bergk considerava «locus suspectus»⁽⁵⁰⁾, mas que tem sido geralmente conservado pelos últimos editores, até porque

⁽⁴⁵⁾ Diverso, como é óbvio, o caso de 11.₂ (37.₂ D.-B., 47.₂ Mass.) *τὸν Φλυγίων Ἐρμῆν*.

⁽⁴⁶⁾ *Hipponactiae interpretatiunculae* cit. (n. 29), p. 256 n. 52. Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 31), p. 133, fala também, mais vagamente, de «conclusionone epigrammatica».

⁽⁴⁷⁾ Em 3.₁ (24a.₁ D.-B., 32.₁ Mass.), o trímetro recto poderá ser inicial de composição; em 24.₁ (67.₁ D.-B., 30.₁ Mass.) e 39.₁ (39.₁ D.-B., 26.₁ Mass.), não sabemos ao certo; em 36.₄ (3.₄ D.-B., 42.₄ Mass.), 75.₁₇ (IV.₁₇ D.-B., 79.₁₇ Mass.), 99.₁₁ (IX.₁₁ D.-B., 104.₁₁ Mass.) é interior.

⁽⁴⁸⁾ V. o que dizemos sobre *μολοβοίτω* (frg. 133 [68 D.-B., 114b Mass.]).

⁽⁴⁹⁾ *Hipónax*, p. 20; cf. Pontani, *crit. cit.* (n. 30), p. 338.

⁽⁵⁰⁾ No aparato crítico do fragmento (*P.L.G.*, II, p. 469).

o seu modelo é homérico (*I* 219 *τοίχου τοῦ ἐτέρου*, *Ω* 598 = *ψ* 90 *τοίχου τοῦ ἐτέρου*: sempre, no entanto, em incipit e com um valor «espacial» bastante concreto: [acomodar-se] 'do outro lado da parede'). Recentemente Marzullo declarou-se convencido de que «a difícil expressão viria integrada pela sequência do texto do verso imediato»⁽⁵¹⁾: mas poderá objectar-se que Tzetzes não costuma citar fragmentos hiponacteus de sentido truncado. Mais atraente nos parece a explicação, inédita, de Barigazzi⁽⁵²⁾, que se apoia na glosa *τοίχου ἄμερου* dos códices: o poeta, querulo na sua crónica pobreza, alude com *τοῦτέρου τοίχου* à 'outra classe', àquela (assim se justifica a presença do artigo) a que não tem a dita de pertencer — a classe dos ricos. Os ricos têm boas capas e gibões e alpercatas e pantufas e muitos estateres de ouro; o pobre Hipónax nada tem — e aspira a que, por intervenção de Hermes, uma parte desses bens lhe seja facultada: «Dá-me isto e aquilo e aqueloutro — dá-me daquilo que tem a outra gente (isto é: os mimosos da fortuna)!» Mas o deus, empedernido, não cedeu às reivindicações ... socialistas do poeta.

6 (25 D.-B., 34 Mass.)

ἐμοὶ γὰρ οὐκ ἔδωκας οὔτε κω χλαῖναν
δασειαν, ἐν χειμῶνι φάρμακον ὄλεως,
οὔτ' ἀκέρησι τοὺς πόδας δασειῆσιν
ἔκρυσας, ὥς μοι μὴ χίμετρα ῥήγνυται.

Na esteira de Sitzler, Knox emendou — *incisionis causa* — *μὴ μοι* dos códices em *μοι μὴ* (v. 4). A correcção foi aceite, desde então, por todos os editores de Hipónax (Diehl, Adrados, Medeiros, Masson). Koster entende, porém, que é ilegítima, «qua efficitur ut et uox enclítica

⁽⁵¹⁾ *Frammenti* cit. (n. 15), p. 132.

⁽⁵²⁾ Carta de 11-12-1968: mas o nosso desenvolvimento afasta-se, em alguns pormenores, da explicação do professor italiano. Explicação que evita, segundo cremos, as dificuldades do entendimento de *τοῦτέρου τοίχου* como '(tirados) da casa do vizinho' (Coppola, Romagnoli, Perrotta, Medeiros, entre outros), que deveria exigir o emprego de *ἐκ* (Marzullo, *Frammenti* cit. [n. 15], p. 132); e o recurso da maioria dos comentadores ao paralelo não convincente com Aristófanes, *Ran.* 536-

et uox negantis de iusto loco depellitur» (53). Sentimos a dificuldade — mas não cremos, apesar disso, que se deva regressar à ordem transmitida (54).

Parece preferível, em edições futuras, agrupar os fragmentos 3, 4 e 5 em um único número (3a, b, c), visto que são versos pertencentes, verosimilmente, à mesma composição (55). A ligação entre estes e 6 é menos evidente (56).

7 (42 D.-B., 39 Mass.)

κακοῖσι δώσω τὴν πολύστονον ψυχὴν,
ἦν μὴ ἀποπέμψης ὡς τάχιτά μοι κριθέων
μέδιμνον, ὡς ἂν ἄλφιτον ποιήσωμαι,
κυκεῶνα πίνων φάρμακον πονηρίας.

É ἄλφιτον (v. 3) a lição geral dos códices: Bergk, que ligava a palavra a *κυκεῶνα* (v. 4) e atendia ao seu emprego predominante como neutro do plural, julgou-se autorizado a fazer a correcção *ἀλφίτων*

-537 μετακυλίνδειν αὐτὸν ἀεὶ / πρὸς τὸν εὖ πράττοντα τοίχον e Eurípides, frg. 89 Nauck *eis tòn eũtyxḗ / xwroũnta toĩxon*, onde, por *τοίχον* vir determinado pelos adjectivos *εὖ πράττοντα* e *εὖτυχῆ*, as expressões adquirem uma toada proverbial que falta neste passo do Efésio.

(53) Crít. cit. (n. 30), p. 301.

(54) Igual convicção nos exprimiu Gentili (carta de 10-12-1965): «la correzione di Sitzler mi sembra necessaria per la cesura pentemimere, sebbene mi renda conto che la sequenza normale sia *μὴ μοι*. Ma con quella sequenza avremmo una cesura *mediana* (!). È possibile in Ipponatte una cesura del genere? Non credo.»

(55) Assim Diehl-Beutler para todos (24ab), Masson para os dois primeiros (32); parecer discordante de Adrados, *Líricos griegos*, II, p. 35 n. 3; concordante de Pontani, crít. cit. (n. 30), pp. 336-337. Perrotta-Gentili, *Polinnia* cit. (n. 6), pp. 99-102, agrupam os quatro fragmentos sob o mesmo título, e Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 15), pp. 131-133, os quatro e ainda o frg. 2: mas trata-se, antes de mais, de óbvias razões de conveniência didáctica.

(56) Bartalucci, *Hippnactaeae interpretatiunculae* cit. (n. 29), p. 257 n. 54, tem, no entanto, a este respeito, uma opinião peremptória: «Non dubitandum est quin hoc fragmentum (25 D.-B. [6 Med., 34 Mass.]) ab eodem carmine, a quo frgg. 24a et b [3,4,5 Med., 32,33 Mass.], profectum sit (v. Masson, p. 126 [onde, todavia, o editor francês é mais cauto: «Ce passage doit appartenir à la même pièce que 32: le poète n'a pas reçu satisfaction et il se plaint des rigueurs du froid.»)].»

— logo adoptada por todos os editores, com excepção de Knox. Mas o exemplo de Heródoto, 7.119.2 *δασάμενοι κῆτον ἐν τῆμι πόλισι οἱ ἀστοὶ ἄλευρά τε καὶ ἄλφιτα ἐποίησαν*, invocado por Degani (57), aconselha uma sintaxe diferente (mais límpida, por sinal, que a anterior), e permite a conservação da forma original.

πίνων, do último verso, constitui, para alguns, texto pouco satisfatório: Ahrens propôs *πίνειν* (cf. *Hymn. Cer.* 1.208-210), que Bergk, Fick, Hoffmann, Sitzler estariam dispostos a aceitar; Meineke, *πίνων* (58); Roscher, *πεινῶν*; Knox, com dúvida, *πᾶσι*. Não parece necessário modificar o texto tradicional: cf. a reminiscência de um epígono, Pármenon Bizantino, 1.4 D.-B. *κάθυπνος ὡς μήκωνα φάρμακον πίνων*.

Bartalucci (cf. frg. 2) pensa que o verso 4 poderá ser o último deste iambo: a presença do trímetro recto em tal posição constituiria um indício (embora precário) dessa possibilidade.

8 (5.1-2 D.-B., 4 Mass.)

Κίκων δ' ὁ πανδάλητος, ἄμμορος καύης,
† τοιόνδε τι δάφνας κατέχων †

Renunciando à conjectura *τοιόνδε δάφνης κλάδον ἔχων*, apresentada *exempli gratia* por Bergk⁴ (59), mas adoptada por Diehl¹⁻² e Adrados, bem como às «hipóteses fantasistas» de Knox (60) e de Ramsay (61),

(57) Crít. cit. (n. 30), p. 755. Mesma opinião em Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 15), p. 136.

(58) Hipótese ressuscitada por Tarditi, crít. cit. (n. 30), p. 193.

(59) De facto, o que se lê nos *P.L.G.*, II, p. 461, é o seguinte: «*τοιόνδε δάφνης κλάδον ἔχων* siue *κλῶν ἔχων* malis: oratio est imperfecta, ac *τοιόνδε* non ad *κλάδον ἔχων* referendum, sed ad uerbum, quod subsequeretur, uelut *ἐθέσπιζεν*, nisi forte scribendum *τοιόνδ' ἔφη δάφνησιν κρᾶτ' ἔχων* (θάλλον) ut τὸ κρᾶτα iambographus dixerit, quemadmodum Sophocles; quod si cui displiceat, poterit *τέτεπτον* addere.» Manifesto o cepticismo do filólogo quanto à possibilidade de sanar efectivamente a corrupção do texto.

(60) *Herodes*, p. 34 (frg. 46.2-3): *τοιόνδε <μοι> κατέειπε, κρῆτ' > ἔχων <δαῦλον> / δάφνησιν <<ω>*.

(61) *Asiatic elements in Greek civilization*, London, 1928, p. 180: *τεροῦν δέ, χερὶ δάφνας ἔχων <'Απόλλωνος>*.

considerámos irremediavelmente corrompido o v. 2 deste fragmento e assinalámos a *crux*. Mais radical, Masson preferiu eliminá-lo, declarando-se persuadido de que, na *Exegesis in Iliadem* (A 14) 76 Hermann, como também nos *Schol. in Lycophr.* 425 e 741 Scheer, Tzetzes citou apenas um verso desta poesia e «resumiu o resto à sua maneira». «De facto — argumenta o editor francês (62) — em um passo paralelo deste autor [...], encontra-se parafraseado, de modo análogo, o mesmo passo homérico relativo a Crises, com a forma verbal *κατέχων* (63); e, além disso, a fórmula *τοιόνδε τι* parece característica da prosa de Tzetzes (64).»

Estas observações são interessantes, mas não se nos afiguram decisivas. Ao citar Hipónax, na *Exegesis in Iliadem* (A 14) 76, o Bizantino pretendia, antes de mais, abonar o uso de corças de louro por parte dos sacerdotes do Sol, dos magos e dos adivinhos: *ἦν δάφνην οἱ ἱερεῖς τοῦ Ἥλιου, ἦτοι μάντις καὶ μάγοι, οἷος ἦν καὶ ὁ Χρόνης, στεφανούμενοι ἐπορεύοντο, καθὼς δηλοῖ καὶ Ἰππῶναξ ἐν τῷ κατὰ Βουπάλοι ἰάμβωι· 'Κίτων κτλ.'* Transcrito o v. 1, em que o lidismo *καύης* 'ἱερέυς' constituía o primeiro elemento «específico» da abonação (65), limitar-se-ia a parafrasear o v. 2, que corroborava, afinal, a parte mais importante? (66) Na sua predilecção por Hipónax, Tzetzes, mesmo quando parafraseia um texto do poeta efésio (67), nem por isso se julga dispensado de reproduzir o original: típico, entre todos, o caso dos frgs. 26-31 (6-11 D.-B., 5-10 Mass.) e 32 (65B D.-B., 65 Mass.), transcritos respectivamente em *Hist. uar. Chil.* 5.726-756

(62) *Poète Hipponax*, pp. 108-109. É também de Masson a apreciação «hipóteses fantasistas», que nenhum filólogo, neste caso, deixará de subscrever.

(63) *Alleg. Iliad.* Boissonade, Paris, 1851, 67 ss., v. 12 ss. e 21 ss. *χερὶ κατέχων στέφανον Ἀπόλλωνος Ἥλιου | τούτετιν ἐδοδέετατον θάλλοντα κλάδον δάφνης.*

(64) *Poète Hipponax*, p. 109 n. 2: «Notar o aticismo *τοιόδε τις*; o neutro, aqui, com valor adverbial: cf. o adv. recente *τοιῶδε*, para o qual o *Thesaurus*, s.u., fornece exemplos de Tzetzes.»

(65) Para nós, não para Tzetzes, que interpretava erroneamente a palavra como 'λάος': v. Masson, *Lydien kaves* (καύης), «Jahrb. f. klein. Forsch.», 1 (1950-51), pp. 182-184.

(66) Argumentação semelhante em Radt, *crit. cit.* (n. 30), pp. 192-193.

(67) O que raro acontece, como justamente nota Bergk, *loc. cit.* (n. 59): «Verum neque solet Tzetzes interpretis munere fungi neque interpretamenti speciem omnino referunt illa uerba: itaque ipsi Hipponacti tribuo [...]»

(cf. *Epist.* 116 Pressel) e *Exeg. in Iliad.* A 314 Masson, e que documentam pormenores do rito dos *φαρμακοί*. Quanto à presença de *κατέχων* nas *Alleg. Iliad.* (cf. n. 63), a coincidência prova, antes de mais, que o verbo figurava realmente, como figura em Homero, no texto hiponacteu. Resta o aticismo *τοιόνδε τι*, em que *τι* pode ser tão abusivo como no frg. 10.2 (4.3 D.-B., 3.3 Mass.) (*δεῦρο {τι} μοι codd.*) ou representar o vestígio de uma palavra deturpada. Colonna (68) via neste lugar a paródia de um verso famoso de Arquíloco — frg. 83 D.-B. (233 L.-B., 189 Tarditi) *τοιόνδε δ', ὦ πίθηγε, τὴν πυγὴν ἔχων* (cf. Aristófanes, *Ach.* 120 *τοιόνδε δ', ὦ πίθηγε, τὸν πύγων' ἔχων*): não é possível confirmar a sugestão, mas, de qualquer modo, pensamos que Beutler fez bem em conservar, na terceira edição da *Anthologia diehliana*, a palavra inicial do v. 2: *τοιόνδε*. Pela nossa parte, continuamos a reproduzir a lição integral dos códices — † *τοιόνδε τι δάφνας κατέχων* † —, que, embora corrompida, nos parece ter valor indicativo.

Não assim as palavras *οὐδὲν αἴσιον προθεσπίζων* (5.3 D.-B., 4.2 Mass.) da glossa *Κίτων* de Hesíquio: a sua atribuição a Hipónax (69) constitui uma simples probabilidade ou suspeita indemonstrável. Melhor, portanto, a colocação no aparato crítico do que no texto do poeta.

12 (56 D.-B., 40 Mass.)

*Μαλίς, † κοινικε † καὶ με δεσπότηω βεβροῦ
λαχόντα λίσσομαι σε μὴ ὑαπίζεσθαι.*

A autoridade de Bergk⁴ (frg. 64) induzira a maior parte dos editores — únicas excepções Knox (frg. 71), que tentou um inverosímil <ἰ>λ<α>σ<κο>μαί <ε>, e agora Masson — a escrever, no início do fragmento, *Μαλίς, κοινικε* (*Μαλί, κοινικε* Schmidt), e a considerar a segunda palavra um lidismo (glosado por Tzetzes com *χαίρε*). Mas, se o códice C (Bodleianus Auct. t. 1.10, do séc. XVI) tem *κοινικε*, A (Paris., gr. 2644, dos sécs. XIII-XIV) apresenta *κο[* (rasura de seis

(68) *L'antica lirica greca*, Torino, 1953, p. 107.

(69) Síntese do problema em *Hipónax*, p. LI, com as nn. 51 a 53.

letras, aproximadamente)]ρικκε; e, por outro lado, o pretense lidismo carece totalmente de outra abonação. Masson preferiu, nestas condições, assinalar a *crux* (70). Cremos que procedeu acertadamente.

20 (2.2 D.-B., 2.2 Mass.)

Κινδικόν διάσφαγμα

É inaceitável a lição <γυμνή δέ> πρὸς τὸ Κινδικόν διάσφαγμα, proposta por Crusius e adoptada por Diehl, Adrados e Masson: πρὸς τὸ (πρώτοι, na correcção desnecessária de Meineke) pertence ao escoliasta de Apolónio Ródio que cita o fragmento (71); além disso, como diz justamente Knox (72), «a weak caesura would be incredible». Por atraente que pareça o aproveitamento da reminiscência de Fénix de Cólono, 3.14-15 D.-B. ἢ Κοραξὸς ἢ ἀπὸ τῶν ἄνω λιμνῶν/Κινδὸς κομήτης, importa reconhecer que as palavras de ligação entre 19 (2.1 D.-B., 2.1 Mass.) Κοραξικὸν μὲν ἡμφιεσμένη λῶπιος e 20 (2.2 D.-B., 2.2 Mass.) Κινδικὸν διάσφαγμα nos são completamente desconhecidas: e a incógnita não pode resolver-se com suplementos mais ou menos aventurosos.

23 (15 D.-B., 12 Mass.)

τούτοις θήπειον τοὺς Ἐρυθραίων παιδας
ὁ μητροκόιτης Βούπαλος σὺν Ἀρήτη
□— ὑφέλων τὸν δυσώνυμον δαρτόν.

Em vez da lição θήπων (v. 1) dos códices — que Masson, na esteira de Bergk e Knox, emendou para θηπέων (73) — preferimos agora, aceitando uma sugestão de Sitzler (ap. Diehl), escrever θήπων (isto é: θήπειον),

(70) *Poète Hipponax*, p. 128 e n. 3.

(71) Wendel, *Schol. in Apoll. Rhod. uet.*, 4.321-322.

(72) *Herodes*, p. 28 n. — Idêntica opinião em Medeiros, *Hipónax*, pp. LXIV e 46; Id., *crit. cit.* (n. 30), pp. 564-565; e Morelli, *crit. cit.* (n. 30), p. 373.

(73) θηπέω, de facto, «é um presente iónico, refeito secundariamente sobre τέθηπα» (*Poète Hipponax*, p. 114).

de acordo com o lema de Tzetzes em que se lê a citação: *Schol. ad Posthom.* 687 θήπειον (θήπων codd.) · ἐθαύμαζον τὸ θέμα θηπῶ (θήπω codd.) · καὶ Ἰππῶναξ · τούτοις — δαρτόν (αρτον codd.)' Esta correcção — muito simples e de algum modo abonável com o exemplo do frg. 17 (17 D.-B., 14 Mass.) ἐκ δὲ τῆς πέλλης / ἔπιων · ἄλλοτ' αὐτός, ἄλλοτ' Ἀρήτη / προόπιεν — tem a vantagem, além disso, de proporcionar uma sintaxe mais airosa e mais natural do fragmento: *blanditiis pelliciebant... ut titillarent...* (note-se a forma de futuro ὑφέλων); e até a de limitar, ainda mais, a importância da lacuna do v. 3 (74).

Este verso, variamente manipulado e desfigurado por alguns filólogos do século XIX, apresenta-se corrompido, no início, pela provável introdução de uma glosa (κνίζων H) que expulsou a palavra genuína (75). A final τὸν δυσώνυμον ἄρτον dos códices é insustentável como métrica e até como sentido. O paralelo com Herodas, 5.45 τὴν ἀνώνυμον κέρκον induzira Hoffmann (76) a propor a correcção algo ousada τὴν δυσώνυμον κέρκον, que Diehl acolheu nas duas primeiras edições da sua *Anthologia* (77). Mais satisfatória do ponto de vista paleográfico é, sem dúvida, a emenda δαρτόν, de Masson (sobre δαρτήν que lhe fora sugerida por Desrousseaux). Como substantivo (78), a palavra só tem abonações tardias (textos médicos de Celso e Rufo

(74) Devemos estas duas observações a Barigazzi (carta de 11-12-1968), que assim nos incitou a adoptar uma preferência já indicada — embora com dúvida — no aparato da nossa edição (p. 49: «θήπων Sitzler fort. recte»).

(75) Masson, *Poète Hipponax*, p. 114; e anteriormente no artigo *Nouveaux fragments* cit. (n. 18), p. 73 n. 1, onde, pela primeira vez, se indicou a solução mais razoável da *crux*. — Com a sua habitual prodigalidade em matéria de sugestões de «restauração» textual, Knox (*Herodes*, p. 36) propunha, em vez de κνίζων καὶ ἴ inicial do verso nos códices, «a simpler correction» καὶ κνυελίζων (ou ἐκνυελίζε), extraída, segundo cremos, de *ψελιτήν* (a emendar para *κνυελιτήν*...) de Hesíquio; e alinhava, no aparato, outras glossas do mesmo lexicógrafo, que poderiam estar desfiguradas neste passo: ἐλλίζων · τίλλον; χναίων · περικνίζων, περιτίλλον; χναίει · λαμβάνει, κνίσει.

(76) *Die griechische Dialekte*, III, Göttingen, 1898, p. 137 ss.

(77) Estranha-se, porém, que conservasse τὸν dos códices, quando, na realidade, a palavra — como o seu equivalente latino *cauda* (cf. Hor., *Serm.* 1.2.45 *testis caudamque salacem*) — é do género feminino. Beutler preferiu escrever ἴαρτον.

(78) Taillardat (ap. Masson, *Poète Hipponax*, p. 115 e n. 2) aventou a possibilidade — remota, a nosso ver — de se tratar de um adjectivo ligado à palavra desaparecida no início do verso.

de Éfeso, em que indica 'membrana do escroto'): mas é evidente que «pode ter sido empregada muito antes, visto que se trata de um particípio de *δέρω* (verbo que assume, por vezes, significado erótico: Aristófanes, *Vesp.* 450, *Lys.* 158 [Ferécrites, 179 Kock], 739-740, 953)» (79). *δαρτόν* foi aceite, com dúvida, pelos dois últimos editores: mas talvez que as reservas possam ser eliminadas, embora ainda recentemente Bartalucci (80) tenha proposto o regresso à lição (*facilior*) de Hoffmann.

24 (67 D.-B., 30 Mass.)

οὐ μοι δικάως μοιχὸς ἀλῶναι δοκέει
Κριτίης ὁ Χίος ἐν κατορύχῳ (?) δούμῳι.

No v. 1, *δοκέει* (Bergk, Knox, Masson), e não *δοκεῖ* (Diehl¹⁻³, Adrados, Medeiros), é a lição dos códices, e a forma que Tzetzes tinha realmente diante dos olhos ao falar de versos «dóricos» que admitiriam pés trissilábicos na final (Schol. [Tzetz.] ad Tzetz. *Περὶ τοῦ ἰαμβικοῦ μέτρον*: ap. *Anecd. Oxon.* 3.308.29-33 Cramer) (81).

A correcção do lema *δοῦλος* de Hesíquio em *δοῦμος*, proposta por Wackernagel e aceite por Latte na sua edição do lexicógrafo alexandrino, levou Masson (82) a recomendar idêntica rectificação para a última palavra deste fragmento, que os escribas grafaram *δοῦλοι*. É *δούμῳι*, efectivamente, que apresentam já as edições de Medeiros e de Masson.

(79) *Poète Hipponax*, pp. 114-115; e já *Nouveaux fragments* cit. (n. 18), p. 73 n. 4. Concordância de Barigazzi (carta de 11-12-1968). — *δαρτόν* 'despelado', 'esfolado' sugere uma equivalência 'ψολή' ('membrum uirile praeputium retracto': Liddell-Scott-Jones, s.u.), mas a definição do léxico de Dimitrakos, s.u. *δαρτός* ... *χιτῶν ἀποτελῶν συστατικὸν τοῦ δέρματος τῆς πόσθης*, corresponde mais exactamente a 'prepúcio'. Em Mileto (Schwyzer, 726: séc. v), *δαρτόν* designa uma vítima despojada da sua pele (Chantraine, *D.E.L.G.*, s.u. *δέρω*).

(80) *Hipponactaeae interpretatiunculae* cit. (n. 29), p. 245 n. 10.

(81) Masson, *Poète Hipponax*, p. 122 e n. 3. Reparo em Degani, *crit. cit.* (n. 30), p. 754 n. 2. Por paralelismo, adoptaremos em 113.2 (X.2 D.-B., 118.2 Mass.) *κατακράτεις*, de Lobel, e não *κατακράτεις*, de Diehl-Beutler.

(82) Crítica a Latte, *Hesychii Alexandrini Lexicon*, I, Hauniae, 1953: «*Rev. philol.*», 29 (1955), p. 289. Cf. agora Chantraine, *D.E.L.G.*, s.uu. *δοῦλος* e *δοῦμος*.

Com *δοῦμος*, termo de origem frígia, importado pelos Lídios e pelos Íonios da Ásia, se designava uma 'assembleia ou associação religiosa', nomeadamente para o culto a Deméter, em que, como é sabido, as mulheres tinham largo domínio. A glosa de Hesíquio, que não é inverosímil supor que se refira a este passo do Efésio ou a um comentário do mesmo (83), diz exactamente 'ἢ οἰκία, ἢ τὴν ἐπὶ τὸ αὐτὸ συνέλευσιν τῶν γυναικῶν'. Ora tais associações reuniam-se, por vezes, em santuários subterrâneos, onde era rigorosamente vedado o acesso aos homens (cf., p. ex., Pausânias, 8.36.2-3). Este pormenor oferece, quanto a nós, uma possibilidade de solução para a aporia que encerra a penúltima palavra do fragmento, escrita nos

códices em abreviatura (*κατώξ*^τ A, *κτώξ* B) e desenvolvida por Cramer em *κατωτικῶι*. Dindorf tentou *κακοτικῶι*; Meineke escreveu *κατώγει*; Bergk⁴ preferiu, com base na glosa hiponacteia *καωρῆτι* (117 Bgk., 160 Med., 135c Mass.), um hipotético **καωρικῶι*: e esta lição, que era simplesmente engenhosa, foi adoptada por Diehl¹⁻³ e Adrados. Ora porque não arriscar *κατορύχῳι* 'subterrâneo', um adjectivo (substantivo) que, em flexões diferentes (*κατῶρυξ*, *κατορυχῆς*), tem a abonação de Homero (ζ 267, ι 185) e dos Trágicos (Ésquilo, *Prom.* 452; Sófocles, *Ant.* 774, 1100; Eurípides, *Hec.* 1002), e óbvio parentesco com *κατορύσσω*, de largo emprego entre os Cómicos (84)? Masson — que só posteriormente conheceu a solução provisória adoptada na nossa edição (85) — considerava *κατωτικῶι* (palavra da «grecidade tardia») como glosa de Tzetzes, «que acabou por tomar o lugar da palavra glosada»; e, nesta persuasão, escreveu ἐν ὠ—δ—δούμῳι. Mas a leitura de Cramer não é a única possível: Knox (86) sugeriu *κατωπάτωι*, «uma palavra favorita de Tzetzes na exposição

(83) Masson, *Poète Hipponax*, p. 123 e n. 9.

(84) Sem esquecer que *ορύσσω* e os seus compostos se prestam, por vezes, a conotações obscenas (cf. Aristófanes, *Pax* 898, *Nub.* 714, *Au.* 442, Ferécrites, frg. 145.19 Kock; e v. Romagnoli, *I poeti lirici* cit. [n. 17], p. 233 e Taillardat, *Les images d'Aristophane*, Paris, 1962, p. 101). Cf. a n. 88.

(85) O manuscrito da sua edição já fora entregue ao impressor quando Masson recebeu o nosso trabalho (pref., p. 5). Mas na *crit. cit.* (n. 30) da «*Rev. philol.*», p. 92, considera «interessante» a conjectura ἐν κατορύχῳι: «car on connaît des sanctuaires souterrains (cavernes sacrées) réservés à des divinités féminines (cf. de Sousa Medeiros, p. 52, et mon édition, p. 123 e n. 9).»

(86) *Herodes*, pp. 48-49 n. 1.

(p. ex. *Schol. in Lycophr.* 121 ἐν τῷ τοῦ κρυπτοῦ καὶ κατωτάτου τόπου σήραγγι); aproximamo-nos da ideia de 'subterrâneo', que também sorriera a Meineke, quando propôs o seu κατώγειο, de abonação «recente»; e o próprio Masson alude, em nota, à informação citada de Pausânias. Teríamos, deste modo — a ideia é ainda do editor francês (87) —, um episódio comparável, mais ou menos longinquamente, à intrusão do parente de Eurípides nas Tesmofórias (Aristófanes, *Thesm.* 279 ss.) ou de Clódio nos mistérios da Boa Deusa (Cícero, *Ad Att.* 1.16, etc.) (88).

27 (7 D.-B., 6 Mass.)

βάλλοντες ἐν λειμῶνι καὶ ῥαπίζοντες
κράδησι καὶ κίλλησι ὥσπερ φαρμακόν

Tentaram alguns estudiosos a defesa da lição ἐν χειμῶνι de todos os códices: com argumentos, valha a verdade, pouco persuasivos — que não justificam a sua conservação nas edições de Diehl¹⁻³, Adrados e Medeiros. Baseando-se na glossa de Hesíquio χειμών· ἡ ὥρα καὶ κίνδυνος· ταραχή· ζάλη· διωγμός, Gebhard (89) daria a χειμών os significados de 'perseguição' ou de 'tumulto, remoinho' (Trágicos), que não parecem muito justificados pelo contexto nem sequer adaptados ao estilo «concretista» do poeta. Pensámos (90), pela nossa parte, que a expressão ἐν χειμῶνι pudesse ter um valor de *contraste*: açoitados ao estilo «concretista» do poeta. Pensámos (90), pela nossa parte, que a expressão ἐν χειμῶνι pudesse ter um valor de *contraste*: açoitados «em pleno inverno» — quando, em regra, as bastonadas rituais aos φαρμακοί se aplicavam nas Targélias, celebradas quase no fim da primavera. Mas só um texto mais extenso poderia confirmar ou infirmar esta interpretação especiosa: nas condições actuais do fragmento, não pode dizer-se que seja das mais esperáveis a referência a uma

(87) *Poète Hipponax*, pp. 123 e 124 (e n. 1).

(88) Pouco defensável nos parece, pelo contrário, a correcção ἐγκατώρυξεν δούμοι (com ὀρύσσω em sentido obsceno), sugerida por Tarditi (crít. cit. [n. 30], p. 193). Mas não excluíríamos, apesar disso, a possibilidade de ἐν κατωρύχοι (?) δούμοι conter um equívoco brejeiro (cf. n. 84).

(89) Art. *Thargelia*, P.-W. *RE*, 10 (1934), col. 1294.

(90) *Hipónax*, p. 56.

estação do ano (91). Esperável, sim, é a indicação de *um local*, que não será o local *da cena*, como pensou Schneidewin, ao propor a excelente correcção ἐν λειμῶνι (adoptada por Bergk, Hoffmann, Knox e Masson) — pois não podemos garantir que, em Éfeso e Clazómenas, os φαρμακοί fossem açoitados num 'prado' (92) —, mas o local *do corpo* sobre que incidiam as pancadas: cf. frg. 31 (11 D.-B., 10 Mass.) ἐν δὲ τῷ θύμῳ / φαρμακός ἀχθεὶς ἐπτάκις ῥαπιθεῖη e Teócrito, 7.106-109 μὴ τί τῶν παῖδες / Ἀρκαδικοὶ κίλλαισιν ὑπὸ πλευράς τε καὶ ὄμων / τανίκα ματίσδοιεν, bem como este passo da paráfrase de Tzetzes (*Hist. uar. Chil.* 5.726 ss) que precede a transcrição dos fragmentos: ῥαπίσαντες ἐκείνον εἰς τὸ πέος κίλλαις, σκαῖς ἀγρίαις τε καὶ ἄλλοις τῶν ἀγρίων. A vítima, porém, não seria, neste caso, Búpalo, Aténis ou outro homem inimigo de Hipónax — mas Arete ou outra ἀναεισίφαλλος que despertara a sanha vindicativa do poeta: efectivamente λειμών, como κῆπος, νάπος, νέμος, πεδίον, lat. *campus, hortus, saltus* é metáfora obscena, designativa dos 'pudenda muliebria' (cf. Eurípides, *Cycl.* 171) (93).

29 (9 D.-B., 8 Mass.)

κάφη παρέξεν ἰσχάδας τε καὶ μᾶζαν
καὶ τυρόν, οἷον ἐσθίουσι φαρμακοί

Todos os editores — à excepção de Knox, que assinalou uma *crux* (extensiva a παρέξεν), e de Crusius, que leu κάφη — adoptam, para a primeira palavra do texto, escrita nos códices καφή, κάφη, a correcção κάφη<ι> (= καὶ ἀφή, com psilose iónica) de Schneidewin. O filólogo

(91) Farina, *Ipponacte* cit. (n. 22), p. 83 n., sugere, no entanto, esta insólita justificação: «Non è però da escludere che ἐν χειμῶνι sia una delle solite volgarità ipponattee, usata ad indicare quel posto di cui noi, con analoga metafora, diciamo che 'non vi batte mai il sole'».

(92) Agrário é, com efeito, o ritual das Targélias; e Tzetzes, na paráfrase que antecede este e os outros fragmentos relativos aos φαρμακοί (*Hist. uar. Chil.* 5.726-756) emprega por três vezes o adjectivo ἀγριος.

(93) Manifestaram concordância com o nosso ponto de vista Bartalucci (carta de 1-11-1965) e Koster (carta de 5-11-1966). O último recorda Anacreonte, frg. 60.6 ss. Gentili e as anotações do editor (*Anacreon*, Romae, 1958, p. 187).

germânico inspirava-se em um trecho da paráfrase de Tzetzes que precede o fragmento (*Hist. uar. Chil.* 5.732 *τυρόν τε δόντες τῆι χειρὶ καὶ μᾶζαν καὶ ἰσχάδα*) e em uma glossa de Hesíquio (*ἀφή· αἰσθητικὴ χειρῶν, ἤγουν ψηλάφησις*, a que Favorino acrescenta *ἢ χεῖρ*); e, para a psilose iónica, em um escólio marginal dos códices A e B (*ἀφή καὶ ἄρμα καὶ τὰ λοιπὰ οἱ Ἴωνες ψιλοῦσιν*). Mas a bizarra equivalência *ἀφή*: '*χεῖρ*' não tem outra abonação que a recomende, e bem pode ser um equívoco de Tzetzes e de Favorino, iludidos pelo próprio texto do poeta (onde, no entanto, *καφῆι* = *καὶ χειροί* nos parece um autêntico verbo-de-encher). Preferimos, assim, regressar a *κάφη* (= *καὶ ἔφη*) de Crusius⁽⁹⁴⁾: a contiguidade do infinitivo *παρέξεν* favorece, sem dúvida, esta interpretação.

30 (10 D.-B., 9 Mass.)

*πάλαι γὰρ αὐτοὺς προσδέκονται χάσκοντες
κράδας ἔχοντες, ὡς ἔχονσι φαρμακοῖς*

O texto do v. 2 foi dos mais torturados pelos editores⁽⁹⁵⁾: Diehl, Adrados, Medeiros, Masson aceitam a correção simples de *ἔχοντας*, dos códices, em *ἔχοντες*, proposta por Meineke. Como ignoramos, no entanto, a que espécie de indivíduos se refere o pronome *αὐτούς*, algumas dúvidas subsistem sobre a oportunidade da intervenção. A mesma incerteza paira sobre a frase final *ὡς ἔχονσι φαρμακοῖς*, que depende da solução que se der ao primeiro membro⁽⁹⁶⁾.

Não parecerá excessivo que, no v. 1, substituamos o aticismo *προσδέκονται* dos códices pela genuína forma iónica *προσδέκονται*, já preferida por Schneidewin.

⁽⁹⁴⁾ Solução adoptada também por Koster (carta de 5-11-1966) e, com reservas, por Barigazzi (carta de 11-12-1968).

⁽⁹⁵⁾ Acrescente-se ao rol das propostas mencionadas por Bergk⁴ (p. 463) a tentativa posterior de Knox (frg. 51): *κράδας ἔχοντες / ἔχοντας*

⁽⁹⁶⁾ Cf. Bergk⁴, *ibid.*; e *Hipónax*, pp. 58-60.

31 (11 D.-B., 10 Mass.)

*λιμῶι γένηται ξηρός, ἐν δὲ τῶι θύμωι
φαρμακὸς ἀχθεῖς ἐπτάκις ῥαπικθεῖη*

Creemos que tem razão Koster⁽⁹⁷⁾ em preferir *θύμωι* a *θυμῶι*: são frequentes em grego, como é sabido, as designações dos *ἀπόρογητα* de ambos os sexos com metáforas extraídas do mundo vegetal (cf. *ἐρέβρωθος*, *κνέωρον*, *κρηθή*, *μύκης*, *μύρτον* (frg. 169A), *ῥόδον*, *ῥοιά*, *κέλιον*, *σῆσαμον*, *κύμβριον*, *κύκον*, etc. e a glossa de Arcádio em Herodiano, 1.169.12 Lenz *θύμος δὲ τὸ μόριον* [ex corr.] *ἢ ἢ βοτάνη*). Parece pouco provável, com efeito, que *θυμός* possa significar 'membro vital', como entende Masson: mas não é de excluir uma paródia zombeteira a certas expressões da linguagem épica em que *βάλλω* se acompanha de *ἐν θυμῶι* (p. ex. *Ξ 50 ἐν θυμῶι βάλλονται ἐμοὶ χόλον*, *O 566 ἐν θυμῶι δ' ἐβάλοντο ἔπος*, *Υ 195-196 ὡς ἐνὶ θυμῶι / βάλλεαι*, *μ 217-218 ἀλλ' ἐνὶ θυμῶι / βάλλεν*).

33 (32A D.-B., 24 Mass.)

*μυδῶντ' ἤδη
καὶ καπρόν*

Degani mostrou, por forma concludente, que deve ler-se *μυδῶντ(α)* (Diehl, Knox, Adrados, Medeiros), e não *μαδῶντ(α)* (Bergk, Fick, Hoffmann, Masson); e que *ἤδη καί* constitui, na fórmula, um elemento obrigatório (cf. Díon Crisóstomo, 5.27; Luciano, *Dial. mort.* 14.5; Alcifron, 1.20; etc.)⁽⁹⁸⁾.

⁽⁹⁷⁾ Crit. cit. (n. 30), p. 301. No mesmo sentido se pronunciara já Gruppe, *Griechische Mythologie und Religionsgeschichte*, München, 1906, p. 923 n. 6, que chamava a atenção para o passo do comentário de Tzetzes (cit. supra, frg. 27) onde se lê *ῥαπικαντες ἐκείνον εἰς τὸ πέος*.

⁽⁹⁸⁾ *Hipponactea* cit. (n. 29), pp. 625-627; cf., do mesmo autor, *Marginalia*, «Helikon», 3 (1963), p. 485.

34 (45 D.-B., 28 Mass.)

Μιμνή κατωμόχανε, μηκέτι γράψης
 ὄφιν τριήρεος ἐν πολυζύγῳ τοίχῳ
 ἀπ' ἐμβόλον φεύγοντα πρὸς κυβερνήτην·
 αὕτη γὰρ ἔστι κυμοφορή τε καὶ κληδών,
 νικύρτα καὶ σαρωνί, τῷ κυβερνήτῃ,
 ἦν αὐτὸν ὄφιν τῶντικημίον δάκνη.

Os códices dão, para a terceira palavra do v. 5, formas muito variadas (*σαρωνίω, κυωνι, κινωι, δαβωνι; σαβαννι, σαβαννι; σαμμαννι* ou *σαμμαννι*): os últimos editores dividiram-se entre † *σαβωνι* (Knox, Medeiros), *κάβαννι* (Bergk, Diehl, Adrados), † *κάβαννι* (Masson). Sugerimos, no comentário da nossa edição (99), o paralelo com algumas palavras designativas do órgão sexual feminino (*σαβαρίχης, σαβαρίχη, σαμαρίχη, κάραβος*) e uma provável acepção 'pathicus', que estaria em concordância com *κατωμόχανε* do v. 1. Neste último sentido, Tarditi (100) propôs a leitura *σαρωνί*, vocativo de *σαρωνίς* com significado obsceno (cf. Hesíquio *κάρων· λάγνος, τινὲς δὲ τὸ γυναικεῖον; σαρωνίδες· ... ἢ αἱ διὰ παλαιότητα κεληρνῖα δρέες; διασαρώνισμα· ἀσελγὲς τι σχῆμα; διασαρώνισε· ... οἱ δὲ διέχανε*). Hipótese de considerar, atenta ainda a existência de *σαρωνί* no frg. 78.3 (V.3 D.-B., 82.3 Mass.); e de qualquer modo preferível, segundo cremos, ao **κίνδρωνι* sugerido por Masson (101), vocativo de um **κίνδρωνις* desconhecido e redundante (102).

Bartalucci exprimiu a firme convicção de que este número constitui «non fragmentum, sed paruum quoddam carmen, uel dicam epigrammation» (103). Cremos que outros estarão dispostos, como nós, a dar-lhe franco assentimento.

(99) *Hipónax*, p. 64.

(100) Crít. cit. (n. 30), p. 193.

(101) *Poète Hipponax*, p. 121.

(102) Derivado hipotético de *κίνδρων*, que significaria, como o *νικύρτα* que o precede, 'δουλέκδουλος'.

(103) *Hipponactaeae interpretatiunculae* cit. (n. 29), p. 256 n. 52. O professor italiano vê uma certa confirmação do seu ponto de vista no facto de estes versos terminarem por um trímetro iâmbico recto (cf. supra, frgs. 2 e 7). — Anteriormente Masson exprimira opinião contrária em *Poète Hipponax*, p. 120 e n. 3.

36 (3 D.-B., 42 Mass.)

πᾶσαν † τεαρ † <ὄ>δευε τὴν ἐπὶ Κυρόνης·
 ἴθι διὰ Λυδῶν παρὰ τὸν Ἀττάλεω τύμβον
 καὶ σῆμα Γύγεω καὶ μέγ' ἄκτω <καὶ> ετήλην
 καὶ μνήμα Γωτος, Μυτάλιδι παλμυδος,
 πρὸς ἥλιον δόνοντα γαστέρα τρέψας.

Sentiram os dois últimos editores de Hipónax a necessidade de libertar este fragmento de algumas alterações arbitrarias que nele haviam sido introduzidas por filólogos do século passado: mas os resultados a que chegaram, idênticos para o v. 4, são discordantes para os vv. 1 e 3.

Seguindo a opinião de Meineke, adoptada por Bergk e Knox, Masson (104) entende que há uma lacuna no início do primeiro iambo: a sigla πᾶγ dos códices A e C deve ser lida πάλιν e — tal como sucede com *καὶ πᾶσα* em vez de *καὶ πάλιν* no princípio do frg. 12 (56 D.-B., 40 Mass.) —, atribuída a Tzetzes. Na esteira de Schneidewin, e em companhia de Diehl e Adrados, nós pensamos que a sigla vale efectivamente *πᾶσαν*, como a transcreveu Cramer, e que constitui a primeira palavra deste fragmento. É que seria caso ímpar, nas citações de Hipónax feitas por Tzetzes, a transcrição de um trímetro iâmbico truncado no início (diverso o caso do frg. 12, em que a fórmula *καὶ πάλιν* não prejudica a integridade do iambo); e, por outro lado, o verso parece reflectir a influência de *A 569 πάντας δὲ προέεργε θεὰς ἐπὶ νῆας ὀδεύειν* (cf. também Apolónio Ródio, 4.272-273 *διὰ πᾶσαν ὀδεύσαι / Ἐδρώπην Ἀκίην τε*). Mais embaraçosa é a interpretação das letras que se seguem: *τεαρ* (lacuna de 5/6 letras) *δευει* em A, *τεαρδευει* em C. Schneidewin propôs *τέαρ' (Τέαρ') ὀδευε*: mas, porque a existência de um *τέαρ(ε)* (*Τέαρε*) é realmente problemática (105), e o verso assim constituído apresentaria uma dificuldade métrica grave — a interpunção proibida depois do segundo pé do trímetro iâmbico (106) —, nem é possível ler simplesmente *τῆι ἄρ'*, como no passo

(104) *Poète Hipponax*, p. 130.

(105) Masson, *ibid.*, p. 130 n. 5.

(106) Morelli, *Studi sul trimetro giambico*, «Maia», 13 (1961), p. 148. Com a mesma objecção depararia a conjectura *δ' ἐταῖρ' ὀδευε* de Schneidewin.

homérico citado abaixo⁽¹⁰⁷⁾, preferimos seguir aqui o exemplo de Masson e assinalar a *crux*.

Na segunda metade do v. 3, os códices dão um impossível † *μεγατρον*. Schneidewin lançou * *Μεγατρονος*, genitivo de um * *Μεγατρονος* nunca atestado, e que seria o nome da hetera favorita de Giges; Meineke, Hoffmann, Crusius, Diehl¹⁻³ e Adrados aceitaram esta criação arbitrária; Bergk, Knox e Masson assinalaram a *crux*. Mas Buckler, apoiado por Ramsay, indicara, a seu tempo, uma solução singela e, quanto a nós, satisfatória⁽¹⁰⁸⁾: ler *μέγ' ἄκτυ <καί>*, e entender a grande metrópole de Sárdis, que de facto o viajante encontrava depois de transpor as colinas sobranceiras ao lago gígio. A proposta não agradou a Masson⁽¹⁰⁹⁾: pela má opinião que tem, segundo cremos, dos dois proponentes. Mas ainda ninguém observou, salvo erro, que, em Homero, o nexa *ἄκτυ μέγα* (*Πριάμοιο* ou *Πριάμου*) ocorre dez vezes (*B* 332, 803, *H* 296, *I* 136, 278, *Π* 448, *P* 160, *Φ* 309, *X* 251, *γ* 107) e *μέγα ἄκτυ* (sem determinação, como aqui) três (*Z* 392, *I* 589, *O* 681) — pelo que devia ser familiar ao ouvido do poeta efésio. Para mais, um destes passos descreve a marcha de Heitor através de Tróia, como Hipónax descreve a marcha de um desconhecido através da Estrada Real:

Z 390-393 ὁ δ' ἀπέσσυτο δώματος Ἐκτωρ
τὴν αὐτὴν ὁδὸν αὖτις ἐνπιμένας κατ' ἀγυιάς·
εὔτε πόλις ἴκανε διερχόμενος μέγα ἄκτυ
Κραιάς, τῆι ἄρ' ἔμελλε διεξιμέναι πεδίον δέ [...]

Coincidência fortuita? É improvável em um poeta que, na criação de efeitos paródicos, revela um conhecimento profundo do texto de Homero⁽¹¹⁰⁾.

⁽¹⁰⁷⁾ Pisani, em crítica a Colonna, *L'antica lirica greca* cit. (n. 68), «*Paideia*», 12 (1957), p. 122, sugeriu *πᾶσαν τε ἄρ' ὄδου*, porque «ninguém nos disse que este verso iniciasse a composição».

⁽¹⁰⁸⁾ Foi aprovada por Mazzarino, *Fra Oriente e Occidente. Ricerche di storia greca arcaica*, Firenze, 1947, p. 176.

⁽¹⁰⁹⁾ *Poète Hipponax*, pp. 132-133: «Une conjecture due à W. H. Buckler et publiée par Ramsay n'est pas meilleure [que *Μεγάτρονος* de Schneidewin].»

⁽¹¹⁰⁾ Sobre o texto do v. 4, há concordância, como dissemos, entre os dois últimos editores: *μῆμα Τωτος (Τῶτος, Τωτός?)*, *Μυτάλιδι πάλμυδος*. Masson,

37 (44 D.-B., 50 Mass.)

ὄικεε δ' ὄπισθε τῆς πόλιος ἐν Ἐμόρῳ
μεταξὺ Τρηχέης τε καὶ Λέπρης ἀκτῆς

Embora a tradição manuscrita dê *πόλιος ἐν*, que Meineke corrigiu em *πόλιος ἐνί*, e seja verosímil uma reminiscência da fórmula homérica *προπάρουθε πόλιος* (*B* 811, *Φ* 567) — é preferível aceitar a emenda *πόλιος ἐν* de Allatius, a adoptar uma forma *ἐνί* que parece desconhecida dos iambógrafos⁽¹¹¹⁾.

Nenhuma coerência se observa nas inscrições e nos códices sobre o tratamento das formas susceptíveis de contracção: a insistência, porém, com que, em alguns papiros de Arquíloco, se exemplificam as dicções «abertas» (sobretudo neste caso de *εε*), tem levado alguns dos últimos editores do poeta (Lasserre, Page, Tarditi) a restabelecer, com prudência, as formas iónicas mais prováveis. Idêntica «normalização» — meramente convencional — se poderá tentar para Hipónax: *ὄικεε*, neste fragmento; *αἰτέε* em 45 (14b D.-B., 21 Mass.)⁽¹¹²⁾.

39 (39.1-6 D.-B., 26.1-6 Mass.)

ὁ μὲν γὰρ αὐτως ἤκυχῆ τε καὶ ἑύδη
θύννην τε καὶ μυκωτὸν ἡμέρας πάσας
δαινόμενος ὥσπερ Λαμψακηνὸς εὐνοῦχος
κατέφαγε δὴ τὸν κλῆρον· ὥστε χρῆ κάπτειν
πέτρας γ' ὄρειας, εὔκα μέτρα τρώγων
καὶ κριθῶν κόλλιχα, δούλιον χόρτον.

porém, assinala *crux* em *Μυτάλιδι* e propõe — desnecessariamente, a nosso ver — uma versão «helenizada» deste genitivo patronímico, *Μυταλίδου*.

⁽¹¹¹⁾ Observação de Degani, *crit. cit.* (n. 30), p. 755, aprovada por Masson, *crit. cit.* (n. 30) da «*Rev. philol.*», p. 93.

⁽¹¹²⁾ Tarditi, *crit. cit.* (n. 30), p. 194. — Mas hesitamos em aceitar a sugestão *ὄικεε* (*οἰκει*) de Schneidewin, Ten Brink, Bergk e Knox: cf., em incipit, *Ε* 116 *ὄικεον* (*οἰκειον* Herodiano, in *Anecd. Ox.* 3.260.18) *δ' ἐν Πλευρώνι καὶ αἰπεινῆι Καλυδῶνι* e *ι* 400 *ὄικεον ἐν σπῆρσι*; e, depois de pausa, *ι* 200 *ὄικει* (*οἰκει* codd.) *γὰρ ἐν ἄλκεϊ δεινδρήεντι*. Cf. *Hipónax*, p. LXXV.

No v. 1, *αὐτως*, em vez do transmitido *αὐτῶν*, é correção recente de Marzullo⁽¹¹³⁾, justificada pela vizinhança do correlativo *ὡςπερ*: cf. X124-125 *πενέει δέ με γυμνὸν ἔοντα/αὐτως ὡς τε γυναῖκα*. O mesmo filólogo emenda acertadamente *θόνναν* de uma parte dos códices em *θόννην*: não parece oportuna, com efeito, a alteração *θοννίδα*, proposta — na fé do lema de Ateneu (7.304b) — por Meineke e adoptada por Masson, já que a presença do dáctilo inicial em dois iambos sucessivos não tem paralelo nos versos conservados de Hipónax. Acrescentemos que os exemplos de *μυσσωτός* em Hipócrates, *Loc. Hom.* 47, e *μωσωτός* em Calímaco (frg. 605 Pfeiffer), permitem corrigir *μυττωτόν* do v. 2 em *μυσσωτόν*, como faz justamente Masson⁽¹¹⁴⁾.

A existência de uma lacuna entre os vv. 4 e 5 — postulada por Gaisford, Schneidewin e Bergk para obviar à dificuldade de *πέτρας τ' ὄρειας* dos códices e da pretensa impropriedade da expressão *κάπτειν πέτρας* — foi aceite por Diehl, Adrados e Masson, mas contestada, implícita ou explicitamente, por outros editores ou estudiosos do poeta, os quais, no entanto, fizeram propostas inaceitáveis (p. ex. Hoffmann: ler *τορεύσας* ou *τορητάς*; Kalinka: ler *βορείας*; Medeiros: ligar *πέτρας* a *τρώγων*, considerando *κάπτειν* intransitivo) ou desprovidas de fundamentação (Fick, Crusius, Knox: suprimir τ'). Por último, Roux, em artigo provocado pela edição de Masson⁽¹¹⁵⁾, deu ao problema a solução mais simples e mais satisfatória, ao justificar com dados da sua experiência da vida helénica («Que de fois en Grèce, sur les hauteurs arides du Parnasse ou de l'Argolide, tandis qu'une paysanne en voile noir s'acharnait à retourner la mince couche de terre de son lopin, j'ai entendu le son clair de la bêche rebondissant sur la roche sous-jacente! 'Piocher les rochers de la montagne' est une expression vigoureuse qui dit bien ce qu'elle veut dire, et sans rhétorique aucune.»)⁽¹¹⁶⁾ — e com exemplos de Menandro, *Dysc.* 3-4; Anón. 380 Kock; Aristóteles, *Const. Athen.* 16.6; Luciano, *Phal.* 2.8 — a perfeita

⁽¹¹³⁾ *Frammenti* cit. (n. 31), p. 134.

⁽¹¹⁴⁾ Consideramos agora improvável a intencionalidade de uma alteração *θόννην τε καὶ μυττωτόν* (cf. Aristófanes, *Eq.* 771), que invocámos em *Hipónax*, p. LXXII. É possível que *ἐν μυττωτόν* de Anânio (frg. 5.8 D.-B.) seja igualmente um aticismo dos copistas.

⁽¹¹⁵⁾ *Hipponax rediuius* cit. (n. 30), pp. 123-124.

⁽¹¹⁶⁾ Art. cit. (v. n. ant.), pp. 124-125.

naturalidade da expressão *κάπτειν πέτρας*: simplesmente, em vez de eliminar τ', como propõe o articulista, é preferível corrigi-lo em γ', como adverte Marzullo⁽¹¹⁷⁾.

42 (55 D.-B., 59 Mass.)

*πρὸς τὴν μαρίλην τὰς φοῖδας θερμαίνων
οὐ πάεται.*

Aceitamos agora, em vez de *φοῖδας* dos códices (Diehl¹⁻³, Adrados, Medeiros), o abreviamento *φοῖδας*, previsível em iónico (cf. p. ex., *Δητάλκος* > *Δεῖταλκος* em Tasos) e imposto pelo metro (Hoffmann, Knox, Perrotta, Masson). A mesma atitude será adoptada em 68.5 (41.5 D.-B., 72.5 Masson) *Θρεῖκίων*, e em 120 (120 Bgk., 127 Mass.) *Θρεῖκίη*.

43 (59 D.-B., 62 Mass.)

ἐν ταμείῳ τε καὶ χαμενίῳ γυμνόν

A boa forma é certamente *ταμείῳ*⁽¹¹⁸⁾, como grafaram os dois últimos editores do poeta; e a possibilidade de escan- dir o início do verso como dáctilo mais iambo⁽¹¹⁹⁾ evita que o mesmo deva ser considerado «corrupto»⁽¹²⁰⁾. Também não vemos

⁽¹¹⁷⁾ *Frammenti* cit. (n. 15), p. 135: anteriormente, porém, Marzullo comunicara a emenda ao seu discípulo Degani (crít. cit. [n. 30], p. 755).

⁽¹¹⁸⁾ *Hipónax*, p. LXXI; *Poète Hipponax*, p. 138 n. 4.

⁽¹¹⁹⁾ São numerosos os casos de abreviamento de ditongo em Hipónax: 2.4 (29.4 D.-B., 36.4 Mass.) *δέλιαιος*, 23.1 (15.1 D.-B., 12.1 Mass.) *Ἐρυθραίων*, 52 (30 D.-B., 43 Mass.) *θηρεύει*, 53 (31 D.-B., 44 Mass.) *εἴωνον*, 54 (32 D.-B., 37 Mass.) *ἐκέλευε, λέειν*, 28 (8 D.-B., 7 Mass.) *ἐκποιήσασθαι*; cf. também Herodas, 5.32 *ζήτρειον*.

⁽¹²⁰⁾ Assim o considerava Masson, *Poète Hipponax*, p. 138. Posteriormente o editor francês exprimiu a sua concordância com o nosso ponto de vista

motivos bastantes para dizer «suspeita» a ligação entre *ταμείωι* e *χαμενίωι* mediante *τε καί* (121).

44 (14a D.-B., 20 Mass.)

δοκέων ἰκτῖνον τῆ βακτηρήι κόψαι

Há discordância entre a nossa edição, que aceita, como solução para *εκτεινον* do códice U, a conjectura *ἰκτῖνον* de Maas (122), e a de Masson, que se atém à correcção tradicional *ἐκείνον* de Hörschmann (123). Ao contrário, portanto, do que afirma o editor francês, não nos parece que o seu texto possa dizer-se «assegurado» (124). Melhor se concebe, realmente, que *ἰκτῖνον*, escrito *εικτεινον*, tenha passado, por dissimilação gráfica de pseudoditongos, a *εκτεινον*, do que um banalíssimo *ἐκείνον* se desfigurasse em *εκτεινον*. Mas nem

(«Ant. Class.», 32 [1963], p. 214, e «Rev. de philol.», 90 [1964], p. 93). Opinião divergente de Marengi, *crit. cit.* (n. 30), p. 185. — Consultado sobre a métrica deste fragmento, Koster teve a gentileza de nos dar a seguinte opinião (carta de 17-11-1968): «dactylum in initio admitti posse credo, cum et ipse Hipponax saepius tribrachye usus sit et Archilochus, in pedibus trisyllabis admittendis parcissimus, ipsum illum dactylum initialem habeat fr. 18.4 D.-B. [18.2 L.-B., 18.2 Tarditi].»

(121) Dúvidas de Maas em carta a Masson, *Poète Hipponax*, p. 138 n. 4, e de Pavese, *crit. cit.* (n. 30), p. 122. Cf. a nossa interpretação, *Hipónax*, p. 80.

(122) *Griechische Metrik*, Leipzig-Berlin, 1929², p. 37. A proposta, que figurava em adenda, e que fora implicitamente adoptada por Knox (*On editing Hipponax: a palinode?*, «St. it. filol. class.», n.s. 15 [1938], p. 194), desapareceu, no entanto, da versão inglesa de Lloyd-Jones (*Greek metre*, Oxford, 1962). Mas não porque o seu autor a tivesse abandonado: depois de ler o nosso artigo *O milhafre, a garça e o báratro nos fragmentos de Hipónax* («Humanitas», 11-12 [1959-60], pp. 133-140), em que a sua sugestão *ex ingenio* era confirmada, Maas referia-se-lhe nestes termos (carta de 8-3-1961 ao autor do presente trabalho): «my conjecture *ἰκτῖνος* which I now consider to be nearly certain.»

(123) Depois de aludir à conjectura de Maas e à sua justificação no nosso artigo, Masson acrescenta apenas, sem as discutir (*Poète Hipponax*, p. 116 n. 3): «Le texte traditionnel me paraît cependant toujours acceptable.»

(124) *Poète Hipponax*, p. 116.

sequer está provado que Hipónax tenha usado a forma *ἐκείνος* (125): antes o que aparece no fragmento papiráceo 69.8 (73.8 Mass.), e muito provavelmente em 74.4 (III.4 D.-B., 78.4 Mass.), é *κείνος*. Por último, uma reminiscência de Aristófanes, *Au.* 497-499 *λωποδύτης παίει ῥοπάλωι με τὸ νῶτον / κἀγὼ πίπτω μέλλω μέλλω τε βοῶν, ὁ δ' ἀπέβλιε θοιμάτιόν μου. / — ἰκτῖνος δ' οὖν τῶν Ἑλλήνων ἤρχεν τότε κἀβακίλευεν* (cf. também 1628-1629 — *οἰμώζειν δοκεῖ σοι; — σαν νακα / βακταρι κρουσα*) parece confirmar a feliz intuição de Maas (126).

45 (14b D.-B., 21 Mass.)

ἡμίεκτον αἰτέε τοῦ φάλεω κολάψασα

O códice tem na final *κολαψαιε*, que Diehl escreveu *κολάψαιε(ν)*; Sitzler preferia a correcção *κολάψαιε*, adoptada pelos últimos editores de Hipónax (Adrados, Medeiros, Masson); Knox assinalou *crux* e sugeriu, em nota ao fragmento, *κολάψαι <μ>ε* (com interrogação em *αἰτέε*) (127) ou *κολάψασα*. Por esta última solução se decidiu, nove anos mais tarde (128); e nós cremos, também, que é a mais simples para

(125) O único exemplo «hiponacteu» de *ἐκείνος* estaria no último epodo de Estrasburgo (Archil. 80.9 D.-B., *183.9 Med., 117.9 Mass.) *ἐκείνος ἡμερσεῖ*: mas é, por motivos óbvios, inutilizável. — Não queremos com isto negar a possibilidade de Hipónax ter alguma vez usado *ἐκείνος*, que ocorre em Homero, em Arquiloco (mas não em Semónides), e parece preferido por Heródoto (Untersteiner, *La lingua di Erodoto*, Bari, 1948, p. 107): declaramos apenas que, nos fragmentos insuspeitos, não há exemplos de *ἐκείνος*. Herodas usa, por sinal, de uma e de outra forma (Bo, *La lingua di Eroda*, Torino, 1962, p. 62); e o mesmo sucede com Calímaco (cf. o *index uocabulorum* da ed. Pfeiffer).

(126) Sobre o enquadramento dos passos de Aristófanes e a sua relação com este e com outros fragmentos de Aristófanes, v. *O milhafre, a garça e o báratro* cit. (n. 122).

(127) Aprovação de Koster, *crit. cit.* (n. 30), p. 301.

(128) *On editing Hipponax: a palinode?* cit. (n. 122), p. 195, onde, todavia, a correcção adoptada não traz justificação. A edição knoxiana de Hipónax (in *Herodes...*) é, como se sabe, de 1929.

quem suponha, como agora supomos, que encerra sentido completo ⁽¹²⁹⁾, e se refere claramente a matéria erótica ⁽¹³⁰⁾.

Escrevemos *αἰτέε* em vez de *αἰτεῖ*, pelos motivos indicados a propósito de *ὄικεε* 37 (44 D.-B., 50 Mass.).

47 (51 D.-B., 73.3 Mass.)

Este número deve ser eliminado, e o verso

ὄμειξε δ' (131) αἶμα καὶ χολήν ἐτίλησεν

incorporado no frg. 69.3 a que pertence.

⁽¹²⁹⁾ Parece interessante registrar, como achega em favor de *κολάψαα*, que Hipónax encerra amiúde os seus versos com um particípio: 11.1 (37.1 D.-B., 47.1 Mass.) *μείνας*, 14.2 (12.2 D.-B., 19.2 Mass.) *ἀσκαρίζοντα*, 22 (23 D.-B., 22 Mass.) *ἐξαράξασα*, 27.1 (7.1 D.-B., 6.1 Mass.) *ἀπίζοντες*, 30.1 (10.1 D.-B., 9.1 Mass.) *χάσκοντες*, 32 (65b D.-B., 65 Mass.) *σπένδοντες*, 35 (46 D.-B., 51 Mass.) *παραχρίσας*, 36.5 (3.5 D.-B., 42.5 Mass.) *τρέψας*, 38.2 (43.2 D.-B., 27.2 Mass.) *ἀλφιτεύοντας*, 39.5 (39.5 D.-B., 26.5 Mass.) *τρώγων*, 40.1,2,3 (39.7,8,9 D.-B., 26.7,8,9 Mass.) *καταβρύκων*, *φαρμάκων*, *ἐμβάπτων*, 42.1 (55.1 D.-B., 59 Mass.) *θερμαίνων*, 46 (49 D.-B., 53 Mass.) *ἐμβαβάξαντες*, 50 (52 D.-B., 56 Mass.) *τετρήνας*, 60 (66 D.-B., 67 Mass.) *πεπωκότες*, 63.1 *ἰουσης* (?), 64.10 (14A.10 D.-B., 92.10 Mass.) *ῥοιζεῦντες*, 65.7 (65A.1 D.-B., 70.7 Mass.) *κατευδούσης* (cf. 63.1?), 74.14 (III.14 D.-B., 78.14 Mass.) *φονίξας*, 75.9,19 (IV.9,19 D.-B., 79.9,19 Mass.) *ἀκολουθήσας*, *δφέλλοντα*, 80.17 (VI.17 D.-B., 84.17 Mass.) *ψύχων*, 81.3 (85.3 Mass.) *ἀπαλλαχθείς*, 99.7 (IX.7 D.-B., 104.7 Mass.) *ἰρρήσων*, 10 *μεταστρέψας*, 12 *ἀσκαρίζοντα*, 13 *ἐνώρου[ς]α*, 15 *ἐπιβρύκων*, 16 *καταπλ[ί]ξας*, 18 *περιψήσας*, 19 *ἐπάπτωσα*, 20 *κατακρύψας*, 25 *ἰδοντες*, 33 *σημαίνων* (onze exemplos, pelo menos, em vinte e sete versos), 107.9 (112.9 Mass.) *ἰαα* (?), 116 (70.2 D.-B., 120.2 Mass.) *κόπτων*. Expediente cómodo, afinal, para um colíam-bógrafo!

⁽¹³⁰⁾ Movidos por uma sugestão epistolar de Del Grande, exprimimos a ideia de que se tratasse de uma cena de mercado. Mais razoável, no entanto, será admitir a opinião de Knox (*Herodes*, p. 15 n. 2): «Videor mihi fata Aretes uidere quae nunc in quadriuitis et angiportis glubit magnanimi Remi nepotes.» Em conformidade com esta ideia, e com a lição *κολάψαα*, o editor inglês deu mais tarde (*On editing Hipponax: a palinode?* cit. [n. 122], p. 195) a seguinte tradução do fragmento: «asking 'a nickel dearie' for her lip-service.» Interpretação semelhante de Masson (*Poète Hipponax*, p. 117), que se não pronuncia (porque tal não é possível) sobre a identidade da personagem visada.

⁽¹³¹⁾ Os códices têm *ὄμηξεν*, *ὄμειξεν*, *ὄμηξεν*: à forma *ὄμειξε*, usada no papiro e adoptada por Masson, preferimos *ὄμειξε*, que tem maior autoridade

48 (60 D.-B., 41 Mass.)

καὶ νῦν ἀρειᾶι κύκινόν με ποιῆσαι

Não é fácil decidir-se entre *ἀρειᾶι*, do *Etym. Gen. A* (Knox, Diehl, Adrados, Masson), e *ἀρειᾶις*, do *Etym. Magn.* e de Herodiano, 1.454.10-12 (Bergk, Hoffmann, Medeiros) ⁽¹³²⁾. Atendendo, porém, a que o *Etym. Gen. B* tem *ἀρειῶ* (por *ἀρειᾶι*: cf. a explicação 'τοντέετν ἀπελεῖ'), e que, de algum modo, a frase parece mais «natural» na pena do narrador que na boca de um interlocutor, isto é, ser antes «consequência» presente de um acto recordado do que «protesto» directo e actual de um interveniente em cena—pode, com dúvida, dar-se preferência a *ἀρειᾶι* ⁽¹³³⁾.

49 (65c D.-B., 66 Mass.)

κοῦκ ὡς κῶων λάθαργος ὕστερον τρώγει

Mantemos a forma *λάθαργος* da tradição manuscrita, abonada por Hesíquio, s.u. *λάθαργοι*, Frínico, *Praep. soph.* 87.9-11 (onde *λαίθαργος* é correcção do editor De Borries), e Eustátio, 1493.32, e ocorrente, embora como substantivo de sentido diverso, em Nicandro, *Theor.* 423. Masson escreve *λαίθαργος* (Aristófanes, *Eq.* 1068 [orác.]; Sófocles, frg. 885 Pearson [800 Nauck]; Trág. adésp., frg. 227 Nauck; Pseudo-Pisandro in *Anth. Pal.* 7.304, como nome próprio): acaso para dissociar melhor a forma de *λήθαργος*, que pode ser uma palavra diferente ⁽¹³⁴⁾.

(cf. Liddell-Scott-Jones, Hofmann, Frisk, s.u. *ὄμειχο*). De igual modo, no frg. 74.11 (III.11 D.-B., 78.11 Mass.), emendámos *Καβιγ[ς]* do papiro para *Καβειγ[ς]* (cf. n. 161).

⁽¹³²⁾ Problema semelhante se quis pôr, com menos razão, para o frg. 56 (48 D.-B., 52 Mass.).

⁽¹³³⁾ Mesma opinião em Bartalucci, *Hipponactae interpretatiunculae* cit. (n. 29), pp. 248-249 e n. 19, onde se dá uma nova interpretação do fragmento.

⁽¹³⁴⁾ *Poète Hipponax*, p. 139 e nn. 4 e 5; v. também Pearson, *The fragments of Sophocles*, Cambridge, 1917, III, p. 78.

51 (53 D.-B., 57 Mass.)

στάζουσιν † ὡσπερι τροποιον † κάκκος

De ὡσπερι τροποιον dos códices fez Welcker ὡσπερ ἐς τροπήιον; Dobree e Meineke, ὡσπερ εἰ τροπήιον; Bergk⁴ pronunciou-se enfim por ὡσπερ ἐκ τροπήιον, que os dois últimos editores — impelidos talvez pelo exemplo de Herodas, 3.33 δκως νιν ἐκ τετραμένης ἦθει — reproduziram (embora nós tenhamos assinalado a *crux*). Mas o texto, aceitável como sentido, continua mètricamente defeituoso: e, porque ὡσπερ ἔει τροπήιον, sugerido por Knox⁽¹³⁵⁾, é mais engenhoso que convincente, preferimos estagiar, até melhor solução, na forma alterada que os manuscritos nos legaram.

52 (30 D.-B., 43 Mass.)

μάκαρ ὅτις θηρέει † πρήσας....

A forma πρήσας — que falta em um dos códices (K) — parece suspeita: de resto, «se a *correptio* da sílaba *ρεν* de θηρέει cai efectivamente no quarto pé, como afirma a fonte, teríamos uma final de verso 3, 2, 2, proibida pela lei de Knox»⁽¹³⁶⁾.

Outro caso, salvo erro, de corrupção irremediável do texto.

⁽¹³⁵⁾ «Since ὡσπερ — argumenta o editor inglês (*Herodes*, p. 24 n.) — requires a main verb»: o que não é exacto. Além disso, ἔει, depois de στάζουσι, pior que redundante, parece inadequado. Quanto à palavra seguinte, a correcção τροπή-, de Hemsterhuys, merece ser considerada. Lembraremos, por último, que Bergk — hesitante entre κάκκος (lição dos códices) e κάκκος (emenda de Dobree e Meineke) — se decidiu justamente no texto pela segunda, com esta nota no aparato: «Sed nescio an hoc loco κάκκος potius scribendum sit.» (*P. L. G.*, II, p. 481.)

⁽¹³⁶⁾ Pontani, *crit. cit.* (n. 30), p. 339. — Perplexidade em Masson, *Poète Hipponax*, p. 135.

55 (75 Bgk.)

Preferimos agora, como Diehl e Masson, eliminar este número. Eustátio, 1542.50-52, iludido pela presença de ἐπτάβουλος e ἐπτάδουλος em Hipónax (cf. frg. 156 Med. = 113v Bgk., 147 Mass.), deve ter-se equivocado ao atribuir a Hipónax um texto pertencente, na realidade, ao seu epígono Herodas (5.74-75 ἀφέω τοῦτον / τὸν ἐπτάδουλον:).

56 (48 D.-B., 52 Mass.)

καί μιν καλόπτει. — μῶν χαραδριὸν περνᾷς;

καλόπτει é a lição adoptada pela maioria dos editores modernos em vez de καλόπτεις, advogada — em atenção a περνᾷς — por Ruhnken, Meineke, Bergk e Knox⁽¹³⁷⁾: o «alinhamento» proposto iria esbater o ressaltado inesperado e eficaz da segunda metade do iambo. Recordemos, porém, que uma parte dos códices tem καλόπτει (καλόπτει > καλόπτει?), forma que — observa Knox⁽¹³⁸⁾ — «poderia ser conservada, como média, se μιν designar uma parte do corpo».

59 (50 D.-B., 54 Mass.)

κρίγη δὲ νεκρῶν ἄγγελός τε καὶ κῆρυξ

Aceitável, embora não documentada, a distinção prosódica, proposta por Masson⁽¹³⁹⁾, entre κρίγη 'coruja' (*nomen agentis*) e κριγή 'estertor' (*nomen actionis*): cf. ἀρπάγη e ἀρπαγή, κάμπη e καμπή, κιάφη e κιαφή.

⁽¹³⁷⁾ Mais embaraçoso, porque a hesitação vem dos próprios códices, é o caso paralelo de ἀρειῶν / ἀρειῶν do frg. 48 (60 D.-B., 41 Mass.), atrás estudado.

⁽¹³⁸⁾ *Herodes*, p. 25 n.

⁽¹³⁹⁾ *Poète Hipponax*, p. 137, com as nn. 3 e 4; v. também Rees, *On some passages from the Greek lyrics*, «Class. Weekly», 41 (1947-48), pp. 60-61.

61A

καὶ † ἐπλεν † ὡςπερ κερκύδιλος ἐν λαύρη

Herodian. *Περὶ καθολ. προσωιδ.* (Hunger, fr. 3; pp. 4, 23) κερκύδιλος (-δει- cod.: -δι- nos) ὄνομα προπαροξύνεται ἐπὶ [τ(οῦ) καύ]ρου (suppl. West) τιθέμενον (-ου cod.: corr. West) παρὰ τοῖς Ἴωσι, ὡςπερ παρ' Ἰππώνακτι· καὶ κτλ.

† indicavit West, qui tamen ἐνίλλεν e.g. proposuit | κερκύδειλος cod.: κερκ- metri causa corr. West (-δι- nos)

Em um palimpsesto do *Περὶ καθολικῆ προσωιδία* de Herodiano, descoberto e estudado por Hunger, apareceram recentemente (1967) três fragmentos novos de Hipónax, o primeiro (61A) e o último (159A) enucleados pelo erudito austríaco⁽¹⁴⁰⁾, o segundo (61B) reconhecido por West⁽¹⁴¹⁾. O frg. 61A constitui um trímetro iâmbico completo; 61B, um trímetro iâmbico mutilado; 159A, uma glossa isolada.

O primeiro — que é também o mais interessante — apresenta a mesma final ἐν λαύρη que ocorre, como variante (?) de ἐς λαύρη, no 127 (58 D.-B., 61 Mass.). Em um como em outro fragmento, parece lícito entrever um conteúdo obsceno: e em abono do paralelo, sugerido por West⁽¹⁴²⁾, entre κερκύδιλος e καύρα 'pénis (de adolescente)' (cf. Estráton, in *Anth. Pal.* 12.3 e 242), observaremos que a correcção κερκύδιλος (κερκύδιλος cod.), imposta pelo metro, tem a vantagem de aproximar o primeiro elemento do nome do réptil (κερκο-) de uma designação popular do 'membro viril', κέρκος (cf., por ex., Herodas, 5.45 τὴν ἀνώνυμον κέρκον, que é reminiscência de Hipónax, frg. 23.3 [15.3 D.-B., 12.3 Mass.] τὸν δυνάωνυμον δαρτόν; Aristófanes, *Thesm.* 239; e lat. *cauda*): aproximação que o segundo elemento, -διλος (dissimilação de δριλος 'uerpus': Lucílio, in *Anth. Pal.* 11.197), sublinha — e que é típica de um autor que nitidamente prelude aos

⁽¹⁴⁰⁾ *Palimpsest Fragmente aus Herodians Katholikhē Proσωιδία*, «Jahrb. d. österr. byz. Gesellschaft», 16 (1967), pp. 4-5 e 23.

⁽¹⁴¹⁾ *Notes on newly-discovered fragments of Greek authors*, «Maia», 20 (1968), pp. 198-199.

⁽¹⁴²⁾ Art. cit. (n. ant.), p. 198.

trocadilhos brejeiros da comédia antiga. Quanto a λαύρη — que no frg. 64.10 (14A.10 D.-B., 92.10 Mass.) e em Sótades (frg. 2 Diehl ὁ δ' ἀποστεγάσας τὸ τρηῆμα τῆς ὀπισθε λαύρης) parece indicar o 'ânus' —, pode ter aqui o significado de 'pudenda muliebria': metáfora semelhante — uma vez que λαύρη designa inicialmente 'betesga', 'azinhaga', 'congosta', 'passagem estreita' — a διασφάξ, διάσφαγμα (cf. 20 [2.2 D.-B., 2.2 Mass.] *Κωδικὸν διάσφαγμα*), ῥαγάς, ρχίςμα, lat. *rima*, *saltus*. *εποδησιλαύρα* (Cóm. adésp. 1352 Kock; atribuído por Schneider, depois por Masson [frg. 135d], ao poeta efésio; aceite agora por nós [frg. *188] entre os *dubia*) — ganharia, portanto, uma acepção bem mais crespia que a sugerida por Eustátio (1921.65 παρὰ τὸ διατρέβειν τὰ πολλὰ ἐν ταῖς ὁδοῖς) e, na sua esteira, por Liddell-Scott-Jones ('street-walker') e por nós próprios ('esfarela-sarjetas')... Mas a ausência de contexto não permite decidir, com segurança, se o objectivo visado pelo κερκύδιλος é uma *meretrix* ou um *pathicus*.

Mais difícil é suprimir a *crux* em um autor tão imprevisível como Hipónax: ἔπλεν do códice parece efectivamente de enjeitar, não por ser «too Homeric», como diz West (nenhum homerismo é demasiado para o Efésio, que exemplifica dezenas), ou por violentar a métrica do poeta (καὶ ἔπλ- pode contar como um iambo: embora, valha a verdade, dos numerosos exemplos de *correptio* de ditongo em Hipónax nenhum esteja em início de verso), — mas porque é realmente «weak in sense». Cremos, no entanto, que a sugestão ἐνίλλεν 'olhou de soslaio', do mesmo West, tem pitoresco e interesse: Bartalucci (carta de 12-12-1968) pensa mesmo que a ideia é «particolarmente indovinata e valga bene ad evidenziare un tratto di felicissima, balenante intuizione della realtà da parte del poeta: quanto appare vivo e reale quel κερκύδιλος che ammicca (o guarda di sbieco) sulla via!»

61B

ἢ κερκύδιλον ἢ πίθηκον

Herodian. *Περὶ καθολ. προσωιδ.* (Hunger, pp. 4, 23) καὶ ἐν ἑτέροις ἢ κερκύδιλον κτλ. † καλῆ (καλεῖ Hunger) τὴν φορὸν ἐτυμολογίαν (ἐτοιμολογία lusit West).

† iambum cognovit West | κερκύδειλον cod.: κερκ- metri causa emend. West (-δι- nos)

tando atentamente, sobre uma reprodução fotográfica, todos os $\pi\pi$ e $\tau\tau$ do papiro, chegámos também à mesma conclusão. E Lobel acaba de nos informar (carta de 1-11-1968) que, com todas as reservas que pode inspirar a observação em facsímile, preferiria agora] $\pi\omega\iota$.

Assim, excluída a possibilidade do artigo, e não superada a dificuldade, para Hipónax, de uma final substantiva de dativo do plural em $-οις$, parece-nos mais rigoroso prescindir, neste verso, de suplementos de qualquer espécie.

Nem é esta a única incerteza do texto mutilado. No v. 3, escreveram concordemente os dois últimos editores (e já Adrados, frg. 92) $\kappa\alpha\acute{\iota} \mu\omega\iota \tau\acute{\omicron}\nu \delta\acute{\rho}\chi\omega\nu \tau\eta\varsigma \varphi\alpha\lambda\lambda$, renunciando a $\tau\eta\kappa\iota \varsigma \varphi\alpha\lambda\lambda$ de Latte, aceite por Diehl e Knox. Mas a solução do lexicógrafo germânico — que admitia a existência, neste ponto do verso, de um epíteto de $\kappa\rho\acute{\alpha}\delta\eta\iota$, formado a partir do verbo atestado na glossa hesiquiana $\varsigma\varphi\alpha\lambda\acute{\alpha}\varsigma\varsigma\epsilon\omega\nu \cdot \tau\acute{\epsilon}\mu\upsilon\epsilon\omega\nu, \kappa\epsilon\upsilon\tau\epsilon\acute{\iota}\nu$ (149) — oferece duas vantagens, pelo menos, que não podem ser minimizadas: evita a ligação, realmente improvável, de $\tau\eta\varsigma \varphi\acute{\alpha}\lambda\lambda\epsilon\omega$ a $\tau\acute{\omicron}\nu \delta\acute{\rho}\chi\omega\nu$ (150); e a suposição, gratuita, de que $\varphi\alpha\lambda\lambda\eta\varsigma$ ($\varphi\acute{\alpha}\lambda\lambda\eta\varsigma$) possa ser do género feminino (151). Mais razoável parece um texto como $\tau\eta\kappa\iota \varsigma \varphi\alpha\lambda\lambda[\alpha\varsigma\varsigma\omicron\upsilon\varsigma\eta\iota \varsigma\varphi\acute{\omicron}\delta\delta\eta$ — citado, *exempli gratia*, por Barigazzi (152) — sobretudo se pensarmos que o papiro dá outro exemplo (por sinal no verso seguinte: $\kappa\eta\kappa\rho\acute{\alpha}\delta\eta\kappa\iota$) de omissão do ι final em ditongo de base longa, e que a existência de isquiorrógicos em Hipónax é um facto reconhecido unânimemente nos últimos anos (153).

sfaldamento della fibra con conseguente perdita della prima asta del π , come anche del κ nella riga precedente.» Idêntica opinião fora expressa por Pavese na crít. cit. (n. 30), p. 122, e em carta de 26-10-1966, dirigida ao autor deste trabalho: «è vero che di π resta solo un'asta, ma la forma di τ è diversa in questo papiro.»

(149) *Hipponactium*, «Hermes», 64 (1929), p. 387.

(150) Sentindo a dificuldade, Romagnoli (*I poeti lirici* cit. [n. 17], pp. 230-231) propunha para $\delta\acute{\rho}\chi\omega\iota\varsigma$ o sentido de 'azeitona' (em sentido erótico, como $\kappa\acute{\omicron}\nu\tau\tau\alpha\sigma\omicron\nu$ 'glans') e ligava $\tau\eta\varsigma \varphi\alpha\lambda\lambda\eta\varsigma$ (ou $\tau\eta\varsigma \varphi\acute{\alpha}\lambda\lambda\epsilon\omega$, como no frg. 45 [14b D.-B., 21 Mass.]?) a um suposto $\acute{\epsilon}\kappa\lambda\acute{\epsilon}\psi\alpha\varsigma\alpha \acute{\alpha}\pi\omicron\lambda\acute{\epsilon}\psi\alpha\varsigma\alpha$. — Improvável, quanto a nós, a presença, neste ponto, do adjectivo $\varphi\alpha\lambda\acute{\omicron}\varsigma$ 'branco' (Coppola, *Un nuovo frammento* cit. [n. 144], p. 503, cf. Masson, *Poète Hipponax*, p. 151; Pavese, crít. cit. [n. 30], p. 122).

(151) Para Hipónax está atestado precisamente o masculino (frg. 45 [14b D.-B., 21 Mass.] $\tau\omicron\upsilon\delta \varphi\acute{\alpha}\lambda\epsilon\omega$); e não tem muito valor a alegação de Romagnoli (loc. cit. n. ant.) de que $\rho\acute{\omicron}\varsigma\theta\eta, \varsigma\acute{\alpha}\theta\eta, \mu\acute{\upsilon}\kappa\eta$, etc., lat. *mentula*, roman. *nerchia*, etc. são do género feminino...

(152) Em carta de 3-11-1965 ao autor destes *Hipponactea*.

(153) V. a n. 24. — Isquiorrógico, aliás, é o próprio v. 10 deste fragmento ($\eta\lambda\theta\omicron\nu \kappa\alpha\tau' \acute{\omicron}\delta\mu\eta\nu \pi\lambda\epsilon\upsilon\nu\epsilon\varsigma \eta \pi\epsilon\nu\tau\eta\kappa\omicron\nu\tau\alpha$).

68 (72 Mass.; cf. 41 D.-B.)

.....
5 $\acute{\epsilon}\pi' \lambda\acute{\alpha}\rho\mu\acute{\alpha}\tau\omega\nu \tau\epsilon \kappa\alpha\acute{\iota} \Theta\eta\rho\epsilon\acute{\iota}\kappa\iota\omega\nu \pi\acute{\omega}\lambda\omega\nu$
 $\lambda\epsilon\upsilon\kappa\acute{\omega}\nu \iota\acute{\alpha}\upsilon\omega\nu \acute{\epsilon}\gamma\gamma\acute{\omicron}\varsigma \textit{Ἴλιον πύργων}$
 $\acute{\alpha}\pi\eta\eta\nu\alpha\rho\acute{\iota}\varsigma\theta\eta \textit{Ῥῆκος, Αἰνειῶν πάλμυς}$
.....

Até 1962, a lição do v. 6 (2 nos códices de Tzetzes, *Schol. ad Posthom.* 186 = *Carm. Il.*, p. 65 Schirach) constituía um problema para os editores de Hipónax, que não haviam chegado a acordo sobre a correcção do *monstrum oeiouς κατεγγυς erecto* após $\lambda\epsilon\upsilon\kappa\acute{\omega}\nu$: Meineke tentou um engenhoso $\varsigma\upsilon\theta\epsilon\acute{\iota}\varsigma \kappa\alpha\tau\epsilon\gamma\gamma\acute{\omicron}\varsigma$, que mereceu a aceitação de Diehl e de Adrados, e até um registo de Liddell-Scott-Jones para $\kappa\alpha\tau\epsilon\gamma\gamma\acute{\omicron}\varsigma$; menos afortunado, Ten Brink sugeriu $\iota\acute{\omega}\nu \kappa\omicron\tau' \acute{\epsilon}\gamma\gamma\acute{\omicron}\varsigma$, que não passou da edição de Bergk (frg. 42.2); Knox, esteado em exemplos homéricos, lançou $\delta\acute{\rho}\omicron\upsilon\varsigma\alpha\varsigma \acute{\epsilon}\gamma\gamma\acute{\omicron}\varsigma$, a que demos incautamente a nossa preferência. A solução convincente veio, afinal, de Mayor, que, sobre o escólio $\iota\kappa\acute{\alpha}\upsilon\omega\nu \kappa\alpha\tau\epsilon\gamma\gamma\acute{\omicron}\varsigma$ do códice L, indicou a Masson a emenda $\iota\acute{\alpha}\upsilon\omega\nu \acute{\epsilon}\gamma\gamma\acute{\omicron}\varsigma$, concordante com o segundo escólio $\kappa\alpha\tau\epsilon\acute{\omicron}\delta\omega\nu \acute{\epsilon}\gamma\gamma\acute{\omicron}\varsigma$ e a situação de Reso em Homero (*K* 474: o rei trácio dormia efectivamente ao lado dos seus cavalos) (154).

É preferível, no v. 5, escrever $\Theta\eta\rho\epsilon\acute{\iota}\kappa\iota\omega\nu$ em vez de $\Theta\eta\rho\eta\kappa\iota\omega\nu$ (cf. frg. 42); e, no v. 6, conservar a forma $\textit{Αἰνειῶν}$ dos manuscritos: a correcção $\textit{Αἰνῶν}$, de Ten Brink (adoptada por Diehl, por Knox e por nós próprios), não se impõe, já que nenhuma tradição associa a cidade de Enos, de fundação eólica, ao mito de Reso (155).

(154) *Poète Hipponax*, p. 142.

(155) *Poète Hipponax*, *ibid.*, com a n. 9.

69 (73 Mass.; cf. 51 e 71 D.-B.)

..ηλ[
 ..ιπ.[
 ὤμειξε δ' αἷμα καὶ χολήν ἐτίληεν
 ἐγὼ ὡς οἱ δέ μεν ὀδόντες
 5 ἐν ταῖς γνάθοις πάντες <ἐκ>κεκινέεται (?).
 φοιτῶ δ[
 δ]έδοικ' α[
 κείνος δ[
 κλ. ωσ..[
 10] αργωσ[
] μσανμ. [.
 ..[] . [

A possibilidade de inserir nesta relíquia papirácea dois fragmentos há muito fornecidos pela tradição indirecta⁽¹⁵⁶⁾ permitiu, por um lado, verificar que o frústulo continha inícios de verso e, por outro, reconhecer que os vv. 4-5 (frg. 71 D.-B.) estavam escritos em colíambos, como supunha Bergk (frg. 62), e não em tetrâmetros trocaicos, como pensavam, antes de 1962, os demais editores de Hipónax.

Nenhuma dúvida no tocante ao v. 3: o papiro mostra apenas que se deve preferir ὤμειξε δ' a ὤμειξεν (ὤμηξεν, ὤμειξεν) dos códices. Não assim quanto aos vv. 4-5, que suscitam algumas perplexidades métricas (final οἱ δέ μεν ὀδόντες?)⁽¹⁵⁷⁾ e morfológicas (pap. ἐν τῆμι dub. Lobel, ἐν ταῖς Masson: codd. ἐν τοῖσι).

⁽¹⁵⁶⁾ Verificada em primeiro lugar, para o frg. 51 D.-B., por Diehl, *Lyrici Graeci rediitui* cit. (n. 17), p. 317 (à gentileza de Masson devemos a consulta deste artigo inédito); e, independentemente, também pelo editor francês, com o aplauso de Maas (*Poète Hipponax*, p. 143 n. 2). Masson viria depois a descobrir a posição do frg. 71 D.-B.

⁽¹⁵⁷⁾ Preferiríamos escrever οἱ δέ μεν πάντες / ἐν ταῖς γνάθοις ὀδόντες <ἐκ>κεκινέεται, mas a isso se opõe a ordem οἱ δέ μεν ὀδόντες, constante em todos os códices.

71 (I D.-B., 75 Mass.)

1] ὠλήν . [

Não parece oportuno inserir, neste lugar do papiro, como fizeram Diehl e, na sua esteira, Adrados e nós próprios, o frg. 71 Bgk. πολλήν μαρίλην ἀνθρώκων⁽¹⁵⁸⁾: na realidade — observa Masson⁽¹⁵⁹⁾ — Lobel admite] ὠλήν . [ou] ὀλήν . [⁽¹⁶⁰⁾, mas não] μλήν . [. O editor francês entende, por isso, que o referido texto pertence ao frg. 74 (III D.-B., 78 Mass.), onde, no v. 9, o papiro apresenta claramente a parte principal da citação:

..] . ac μαρίλην ἀνθ[άκων

Mas a colocação de πολλήν no fim do v. 8

.] . [.] ἔδυσφήμει τε καὶ [σ-] πολλήν

é, quanto a nós, arbitrária. Preferimos, na dúvida, fazer de 71 Bgk. um fragmento independente (133A).

74 (III D.-B., 78 Mass.)

] c δετ[
] τιτο[
] ομβε[
 .] εμοσ γι[
 5 ὡσπερ τραγω[
 ὀ]πέατι καὶ μιν [
 ὡσπερ Κίκων α[
 .] . [.] ἔδυσφήμει τε καὶ [
 ..] . ac μαρίλην ἀνθ[άκων
 10 ...] c δέ κ[α] λὶ πῶρ οὐκ ἐσερχ[] υρη[

⁽¹⁵⁸⁾ Cit. por Erociano, p. 61 Nachmanson.

⁽¹⁵⁹⁾ *Poète Hipponax*, p. 144.

⁽¹⁶⁰⁾ Ou ainda] ὠλήν ou] ὀλήν (Δ em que a linha de base se tivesse delido com o tempo). Consultado por nós, Lobel reafirmou claramente a sua opinião (carta de 1-11-1968): «] μ is out of question.] ω, or possibly] ο, was written.»

ἀ]θερίνην ἐς Καβειρ[]ουτε[
 τὸν Τ[αν]ριῶνα μῆνα κα[]θαρο[]
 ἐ]λθὼν δ' ἐς οἴ]χο]ν κυκάλμυα δ[.]π[
 καὶ τῶι κίμαιοι τον[]. ὄ]να φοινίξα[
 15 ἐπιπύσας τρις καὶ τ[
 ὅ]π' ὄν ἐδέψατ' ὥς.[
 ...]νδ' ἐ[.]
] . [

Com excepção de *πολλήν*, introduzido por Masson — como acabamos de ver — no fim do v. 8, e de alguns suplementos (4 κ]εῖνος, 10 οὐκ ἐξερχε], 11 Καβείρ[ων, 14 τόν]δε), que mencionámos (salvo Καβείρ[ων] (161) no aparato crítico, e que o professor francês, na esteira de Adrados, resolveu inserir no próprio texto do poeta, as lições dos dois últimos editores diferem apenas no v. 16, onde escrevemos ὅ]π' ὄν ἐδέψατ' ὥς.[. Prescindindo da incerteza sobre o prevérbio (ὕπο- na nossa edição, como em Diehl; ἀπο- em Masson, como em Adrados) (162), é preferível realmente escrever ἐδέψατ', e não ἐδεψᾶτ' (grafia do papiro), porque — a observação pertence a Scheller (163) — nestas construções em que há tmese e o emprego da partícula ὄν (οὐδ'ν) se utiliza normalmente o aoristo; e, além disso — nota Masson —, o revisor do papiro semeou alguns circunflexos abusivos (164).

(161) Ignoramos a razão por que Masson conserva Καβειρ- do papiro, quando bons editores (por ex. Page e Pfeiffer) e bons dicionaristas (por ex. Liddell-Scott-Jones e Frisk), esteados em Herodiano, 2.411 e na lição das inscrições não tardias, preferem Καβειρ-. O professor francês escreve também ὄμειξε por ὄμειξε no frg. 69.3 (51 D.-B., 73.3 Mass.); cf. n. 131.

(162) O próprio Diehl hesitava entre os dois prevérbios, confrontando ao mesmo tempo ὕπομαλάσσω e ἀπομαλακίζομαι. Em favor de ὕπο-, podem recordar-se ὕφέλων (23.3 [15.3 D.-B., 12.3 Mass.]) e ὕποργάσαι (130 [76 D.-B., 114a Mass.])

(163) Art. in «Münch. Stud. z. Sprachw.», 6 (1955), pp. 88-90, cit. por Masson, *Poète Hipponax*, p. 146.

(164) *Poète Hipponax*, loc. laud. Por exemplo: 74.9 (III.9 D.-B., 78.9 Mass.) μαρίλῆν e 80.4 (VI.4 D.-B., 84.4 Mass.) γληχῶνος (nesta forma; porém, o circunflexo pode ser justificado: v. infra, frg. 80.4 e n. 170).

75 (IV D.-B., 79 Mass.)

] . [
 ἀ]λοιᾶσθα[ι
] ἀνοίης ταύτη[
 τή]ν γνάθον παρα.[
 5] . κηρίονος ἐποί]ησε
] κἀνετίλησε[
] χρυσολαμπέτωι ῥάβδωι
] ν ἐγγυὸς ἐρμῖνος
 1 Ἐρμῆς δ' ἐς Ἴππῶν]ακτος ἀκολοθήσας
 10 το]ῦ κινός τὸν φιλήτην
] ὥς ἔχιδνα κυρίζει
 Ἴππῶν]αξ δὲ νυκτὶ Βου[παλ-
] καὶ κατεφράσθη[
 Μαια]δεὺς κατέσκηψε
 15 ἐμει]μήριξε τῶι δὲ κ[η]λήτ[η]ι
] ἔ παῖνι μύϊαν . [
 ἰό δ' ἀπὲ]κ ἐλθ]ῶν ἐν τριοῖσι μ]ίαρτυσι
 ἰόκον τὸν ἔρπιν ὁ κόντος καπηλεύει
 ἰάνθρωπον εἶρε τὴν κτέγην ὀφέλλοντα
 20 ἰ — σὺ γὰρ παρῆν ὀφελμα — πυθμένι κτοιβῆς .]

Diferenças insignificativas entre os dois últimos editores: 5 ἐποί]ησε Masson (ἐποί]ησε- Med., agora também ἐποί]ησε, em atenção a]κἀνετίλησε[do verso seguinte), 12 Βου[πάλωι dub. Mass. (Βου[παλ- Med.). No v. 18, onde se lia ἔρπιν (Med. e todos os editores precedentes) deve ler-se ἔρπιν: em estudo recente sobre esta palavra (165) Masson provou que é errónea a grafia tradicional com a vogal aspirada.

(165) ἔρπιν, «Rev. philol.», 88 (1962), pp. 46-50. — Por simples erro tipográfico, lê-se em Masson, no v. 16, μύϊαν em vez de μύϊαν.

78 (V D.-B., 82 Mass.)

λοιον Τρυμ[
 κυς]οχήνηι πολλα[
 ἔ]βηξε καὶ σαρων[
]ν κελήνην ει[

Não é evidente, em nossa opinião, o suplemento λοιον Τρυμ[όνος de Diehl, aceite por Adrados e Masson: porquanto, a par da possibilidade, sem dúvida atraente, de o poeta comparar a εὐρουπροκτία de um adversário à largueza do estuário do Estrímon, outras se vislumbram, como a referência, por ex., a um καταπόγων de nome Estrímodoro (166).

80 (VI D.-B., 84 Mass.)

.] ὄνο[
 .] (.) δ' ἦλθεν ο.[
 .] εἰου[.]ακες[
 γληχῶνος[
 5 κ]αί μ' εἴρεθ' ὄ[
 εἶπας[
 κοῦ δι[
 ἀλλ' ἐς τεγυ[
 χαμαὶ ἐπιφ[
 10 ἐκδόντες α[
 ἐδάκνομέν τε κἀφ[
 διέκ θυρέων βλε[π-
 μὴ ἡμεας λαβ[
 γυμονὸς ἐρο[
 15 ἔσπευδε δ' ἦμ[
 ἐγὼ δ' ἐβίνε[ον]τεκα[
 ἐπ' ἄκρον ἔλκων ὥσπερ ἀλλᾶντα ψύχων,

(166) Cf. 62.2 (42A.2 D.-B., 49.2 Mass.) Ἀσωποδώρου παῖδα; e as três referências de Aristófanes a um Estrímodoro: *Ach.* 273, *Vesp.* 233, *Lys.* 259.

κλαίειν κελει[Βού]παλο[ν
 κ[αί] μ' αὐτίκ' ἐξ[έω]σεν εκδεπ[
 20 καὶ δὴ 'πὶ τοῖς' ἔργοισιν εἶχομ[
 ἐγὼ μὲν ὥσπερ ἄ]κρον ἰκτίον[
 φάζειν ὕπε[.....] φαλ...τ[

Sem aduzir razões convincentes, têm os editores, à exceção de Bergk, entrevisto uma corrupção na última palavra do v. 17 (*cruix* em Diehl, Adrados e Medeiros). Propôs Maas saná-la com ἄψυχον, Knox (167) com ψήχων, que foi aceite por Masson. Na sequência da cena erótica que se descreve, e em que o protagonista teria sido surpreendido no auge das operações (ἐγὼ δ' ἐβίνε[ον, informa o verso precedente), a frase ἐπ' ἄκρον ἔλκων ὥσπερ ἀλλᾶντα ψύχων «puxando-o pela ponta, como quem põe uma salsicha a arejar (ou: a secar)», dita obviamente do φαλλός da pessoa que fala, parece mais própria de uma atitude de retirada... do campo de batalha (que a sequência do texto claramente indica) (168) do que o seria ὥσπερ ἀλλᾶντα ψήχων «como quem raspa uma salsicha», que supõe — na aparência, pelo menos! — a continuação da actividade interrompida. E é oportuno lembrar que, ainda recentemente, Rees (169) mostrou que, no frg. 191.11 (iambo 1) de Calímaco, γέρον λαλάζων ἄδικα βιβλία ψύχει, se deve abandonar a correção ψήχει de Bentley em benefício do texto dos manuscritos ψύχει (já defendido, aliás, por Reiske); e que — acrescentaremos nós —, em posição também final, como em Hipónax e em Calímaco, a palavra reaparece, embora sob forma composta, em um epigono do Efésio, Herodas, 4.29 ἐκ τάχα ψύξει.

No v. 21, Masson propôs uma restituição excelente das últimas letras legíveis: ὥσπερ ἄ]κρον ἰκτίον, que posteriormente tivemos ensejo de confirmar com dois passos de poetas da comédia antiga: Aristófanes, *Ran.* 999-1000 ἄκροισι | χρώμενος τοῖς ἰκτίοις e Estrátis, frg. 30.3 Kock

(167) O editor inglês negava a autenticidade deste verso (assinalado com * por Bergk, frg. 48), então conhecido isoladamente por uma citação de Heféstion (5.4, p. 17 Consbruch) e de um seu escoliasta (pp. 268-269 Consbruch). Mas a sua reaparição nos «Oxy. Pap.» 2174.16 a tirou todas as dúvidas.

(168) O narrador (da primeira pessoa) esboçou uma reacção contra Bupallo (v. 18 κλαίειν κελει[Βού]παλον), mas viu-se forçado a abandonar o campo de luta (v. 19 κ[αί] μ' αὐτίκ' ἐξ[έω]σεν εκδεπ[), «arborant le grand mâ», como diz a pitoresca tradução de Roux, *Hippanax rediuius* cit. (n. 29), p. 130.

(169) *Callimachus, Iambus* 1.9-11, «Class. Rev.», 11 (1961), pp. 2-3.

εις ἄκρον ὡσπερ ἰκτίον τὸν ἰκτόν. Em sentido obsceno, como neste passo de Hipónax, parece estar empregado o substantivo *ἰκτός* no frg. 247 L.-B. de Arquíloco ([?] om. Tarditi) *τήκοντιν ἰκτοί* («les verges mollissent», na tradução de Bonnard).

Algumas divergências, de pequena importância, se podem assinalar no texto das edições portuguesa e francesa:

v. 4 *γλήχωνος* (170) Med., *γλήχωνος* Mass.;

8 *ἐς τεγυ* (171) Med., *ἐς τε γυ* Mass.;

15 *δ' ἦμ* Med. (por sugestão de 13 *μῆ ἦμεας*), *δημ* Mass.;

16 (depois da lacuna) [...] Med., *τεκα* Mass. (possibilidade indicada por Lobel, que também inserimos agora no nosso texto);

18 *κελευ* Med., *κελεύεας* Mass.

81 (85 Mass.)

	<i>a</i>	<i>b</i>	<i>c</i>
]π[]ησα
]ων[]ἀπαλλαχθείς
]ρε.κωσ[]ων χλαίνας
]·[]ἀσεβής·[]..ρησφε[
5]·[]ικ[.]αφ[]πα και κα[
]ατελ[]π[.]κεν[]υλος καθ[
]γε[]π[.]ω·[]ε εκδετ[
]κωνθ[]ξεδίφησ[ε
]ουκα[]κε·[
10]θω]καλ[

Para Masson, *c* 2 *ἀπαλλαχθείς* e 3 *]ων χλαίνας* constituem finais de verso, o que não temos dúvidas em aceitar; em *a* 6, o editor francês, como Adrados, assinala início de palavra: *]ατελ[* — e nós, pelo contrário, preferimos adoptar maior reserva (cf. 90.12 [95.12 Mass.] **]ατεῖλ[*).

(170) De acordo com a acentuação — por vezes abusiva — do papiro. Note-se, porém, que Frínico, *Praep. soph.* 53.16-18, informa que *οἱ Δωριεῖς γλαχὼν λέγουσι· οἱ δὲ Ἴωνες γληχῶν*; cf. Schol. Aristoph. *Pax* 711).

(171) *ἐς (ε)τεγύλλιον*, cf. Herodas, 7.83 *στεγύλλιον*?

98 (VIII D.-B., 103 Mass.)

]λασας τὸν τράχ[ηλον
]ν ἐς Μίλητον ἔξεκ[
	Λάδη]ν νησιδα τερματιζ[
]· σφιν κάγορη πέπο[
5]· [.]ν οὐκ οἶδ' ηκ[.]ειτ[
]· ἤσαντο και δ. [.]απο[
	ἐ]γγὺς τῆς θαλάσσης[η]ς· ε[
]εὺς κ[α]ρκίνωι κ[.]ηρ[
]· ἱερεν[.]ν .στ[.] κατ[
10]ἀ[ε]βόλ[ου] κακιγ[νήτ-
]πας]πα[λ]ηφι[ά]γον γιρόμφων]
]κωνα[
]· ε[.]ν[
]· [.]·[

No v. 1, Masson acolhe o suplemento *-θ]λάσας* («fort. περιθ]λάσας») de Adrados, que indicámos apenas no aparato crítico; omite, em contrapartida, no v. 3, referindo-a unicamente em rodapé e no comentário (p. 154), a tentativa *Λάδη]ν* de Diehl, aceite por Adrados e por nós, na fé de Heródoto, 6.7 *ἐς Λάδην προναυμαχῆσοντας τῆς Μιλήτων· ἡ δὲ Λάδη ἐστὶ νῆκος σμικρῆ ἐπὶ τῆι πόλι τῆι Μιλησίων κειμένη*; adopta para o v. 10, a sugestão *μαρίλην,*] *ἀ[ε]βόλ[ου] κακιγ[νήτην]* de Lobel, que figura no aparato, mas não no texto da nossa edição.

99 (IX D.-B., 104 Mass.)

10	δακ]τύλους μεταστρέψας
]ος τε και ἑύδη
]πων δ' αὐτὸν ἀκαρίζοντα
]ν ἐν τῆι γαστρὶ λάξ ἐνώρον[ε]α
15]· κ μῆ [δ]οκῆι με λασθαίνειν
]δενν ἐπιβρούκων

]ιον καταπλ[ι]ξας
 ἐξέδουσα τὴν χλαῖναν
 πό]δας περιψήσας
] θύρην ἐπάκτωσα
 20] τὸ πῦρ κατακρόψας
]βακκάρμ δὲ τὰς ῥῖνας
]ῥ]λειφον]]ο]ῖ]η]ν]περ Κρο]ῖ]ος]
 ἐ]ν Δασκ]υλείω
] Διωνύ] []ωι
 25] μ]βολα[.]δοντε[]
] ω]ῖ]να[...]
] π.χ. κ]ορ[...]
] λό]γων κα[.] κ]ε]ζ[]
] . ς]υ]λας[]
 30] ανδ]ρος ο. []
] ται καθ]η. [] αι
 ν]ε]ν]χ]μ]έν]ω]ι π]ρω]κ]τῶ]ι
] ι] σ]η]μαίν]ων
]]ε]λλῆ] πό]ρνη
 35] . α . . . ν] ἐ]ξο]ρῶ]ξ]ειαν
] α]κ]ι. ρ. ρ . . ν]ή]σον
] ε]ς κατὰ κ]νί]στην
] . κ]ικ]κ]ν. τι. ε]σ]γ]α]ρ. []
 ἐ]κ]ά]μου] λο]φο]ρῶ]γας
 40] . α]π]α]λων τ[.] . c . . c. []
] . . τ]α]τον δι . . . []
] . ε]σ]εν]δε]ξ[]
] (.) . π. λ]α]λα[.] . []
] . θ . . ι]ε[.] . ψ []
 45] . . c] χο]ρῶ]ι [.] . []
] τ]α]ρα]ξ[ί]π]ου]ν
]ό δ' ἐ]ξο]λι]κ]θῶ]ν ἰ]κέ]τευ]ε τ]ῆ]ν κ]ρά]μ]ι]β]ι]νη]ν
] τ]ῆ]ν ἐ]π]τά]φυ]λλον, ἥ]ι θύ]ε]σ]κε Π]α]ρ]θῶ]ρη]ν
] Τ]α]ρ]γ]η]λ]ο]ι]σ]ιν ἐ]γ]χ]υ]τον]ι π]ρὸ φ]α]ρ]μα]κ]ι]οῦ]ν
 50] τ]ω]π]ον καὶ π]λ[]
] ρ]ω]σ]α]ν. [.] π]η[]
] .

Diferenças várias, mas, em geral, pouco significativas entre os dois últimos editores:

v. 12 Masson introduz no texto o suplemento ἀπέ]ψων, apresentado *exempli gratia* por Lobel (que também aventou ἀπο]ψῶν);

13 ἐ]νῶ]ρουσα (Lobel) em Med., ἐ]πῶ]ρουσα (Diehl) em Mass.;

18 τοὺς πό]δας, 19 τ]ῆ]ν] θύ]ρην Mass. (sem o artigo, na nossa edição);

22]ῥ]λειφον.] - ἔ]στι δ' ο]ῖ]η]ν]περ Κρο]ῖ]ος Med. (segundo Lobel, que se baseava em Ateneu, 15.690a ἔ]στι δ' ο]ῖ]η]περ cód. C); ἥ]λειφον] ο]ῖ]η]ν]περ Κρο]ῖ]ος mais seguramente Mass.;

24 Διωνύ] []ωι é fim de verso para Masson (o que parece realmente de aceitar);

27 κ]ορ[.] Med., κ]ό]ρ]δον Mass. (após Adrados);

30] ανδ]ρος Med.,] ανδ]ρὸς Mass., que assim exclui a possibilidade de um composto (mas cf. frg. 157 Med. [148 Mass.] ἡ]μί]ανδ]ρος);

34]ε]λλῆ] πό]ρνη Med.,]ε]λλῆ] πό]ρνη Mass.: mas o editor francês fez bem, aqui e no fragmento seguinte (100.3 [105.3 Mass.]]ε]λλῆ]α), em seguir a opinião de Diehl (172), como mostrou Bartalucci (173);

35 ἐ]ξο]ρῶ]ξ]ειαν: fim de verso para Masson (agora também para nós);

39] .]ά]μου] (agora ἐ]κ]]ά]μου]: Diehl) λο]φο]ρῶ]γας[Med.,] . α]μου] λο]φο]ρῶ]γας Mass.: mas a probabilidade da leitura e do suplemento diehlianos é defendida, com bons argumentos, por Bartalucci (174);

49 Τ]α]ρ]γ]η]λ]ο]ι]σ]ιν Med., Θ]α]ρ]γ]η]λ]ο]ι]σ]ιν Mass. (mas as lições γ]α]ρ]γα]λι]ο]σ]ιν, γ]α]ρ]γα]λι]ο]σ]ιν de uma parte dos códices de Ateneu favorecem Τ]α]ρ]γ]η]λ]ο]ι]σ]ιν de Schneidewin, que também adoptaram Bergk, Hoffmann e Knox;

50] τ]ω]π]ον καὶ π]λ[Med. (após Diehl e Adrados, mas esteando-se em Anaxândrides, 41.66-69 Kock τοὐδὲ / τοῦ χάκοντος διατειναμένη / διὰ τοῦ π]ρω]κ]τῶ]υ καὶ τῶ]ν π]λ]ε]ν]ρῶ]ν / διακό]φ]ειεν τὸ μ]έ]τ]ω]π]ον e Herodas, 8.41 χοῖ μὲν μετῶποις ἐ[] κόνιν κολυμβῶ]ντες);] . ν] καὶ π]λ[Mass.

Desapareceram as dúvidas que nutríamos sobre o suplemento lobeliano do v. 10 δακ]τύ]λους με]τα]κ]τρέ]ψας, depois que Barigazzi (175)

(172) *Lyrici Graeci rediitui* cit. (n. 17), pp. 292, 294, 309 e 318.

(173) *Hipponactea interpretatiunculae* cit. (n. 29), pp. 252-253.

(174) *Ibid.*, pp. 254-255.

(175) Carta de 3-11-1965.

no-lo abonou com um passo de Menandro, *Dysc.* 91-92 τὸς δακτύλους [κατέαξα multi: cf. Libânio, *Decl.* 27.18 (siue συνέτριψα Shipp: cf., por ex., Hipónax, frg. 97.¹¹ [VII.12 D.-B., 102.¹¹ Mass.] γὰρ] / χεδόν τι προσπταίων ἀπα[ντας.

100 (105 Mass.)

.[.]....[
]πωλ.[]ε.[
].ω.. Ζελλέα.[
].[.]......[
 5]αλω [..] ακ..κ[
] Βάραγχος ἀρτεμ[έας
]θ[.....] α[.] λον[.].[
 κ]αί. ζτατῆρας πε[ν] [τ-
]ου κωνός τόν .μ[
 10]τὸν μουαχρόν πολ[
]λον του[
]. .ων.[
]καιςγ.[
].κόν[

Eliminamos as diferenças de pequena importância que se observavam entre os dois editores:

v. 5 Ζελλέα (em vez de ζελλεα): deve realmente tratar-se, como pensam Diehl e Masson, de um antropónimo, que faz pensar no Ζελλεύς, pai do adivinho Batusíades, em Arquíloco ([?]*218 L.-B., *186 Tarditi).

6 Βάραγχος ἀρτεμ[έας]: aceitamos o cauto suplemento de Masson, que se inspira em Calímaco, frg. 194.²⁸⁻³¹ Pfeiffer (Iamb. 4) τοὺς δὲ παῖδας οὐ Βράγχος [...]/ δὲς ἢ τρεῖς ε[ἰ]πὼν ἀρτεμέας ἐποίησε; Diehl (176) propunha [παῖδας δ' ~-]μ (siue ν) Βάραγχος ἀρτεμ[έας ποιῆι (ἐποίησε Mass.).

Sòmente no v. 8 (onde aproveitamos a leitura κ]αί do editor francês) hesitamos em adoptar πέν[τε de Masson, porque outras formas serão possíveis (por ex. πεν[τάμνονς Diehl).

(176) *Lyrici Graeci rediitui cit.* (n. 17), p. 318.

108 (113 Mass.)

5]μ[
]ρριζο[
]κυψαν[
]ν[.]μ.[
]ελθον[
]σπ[
]ωσ...[
]ωντ...[
 πο]λύθρονα .[

v. 2: lemos, seguindo Lobel,]ρριζο[; Masson,]..ιζο[.

5: escrevemos]ελθον[, e não]ἐλθον[(Mass.), porque poderá inclusivamente tratar-se de uma forma composta (ἐξ-, ἐπ-, κατ-, παρ-, προσ-, por ex., são prevérbios frequentes em Hipónax).

9: a partir de Nicandro, *Ther.* 875, conjecturamos πο]λύθρονα; Masson,]υθρον α.[.

111 (25 Bgk., 173 Mass.)

κυθροπόδιον

Adoptamos, em vez do aticismo *χυτροπόδιον* dos códices, a forma iónica *κυθροπόδιον* (cf. Herodas, frg. 12.1 Puccioni κύθρην e 7.76 κύθρη ex corr.), sugerida por Renner e recordada por Masson (177).

(177) *Poète Hipponax*, pp. 97 e 182.

113 (X D.-B., 118 Mass.)

ὦ Cάνν', ἐπεὶ δὴ ῥίνα θεο[^σ-^υ]εις
καὶ γαστρὸς οὐ κατακρα[τέεις,
λαιμῶν δέ σοι τὸ ἰχθυόλος ὡς ἐρωιδιοῦ
σ-υ-σ-υ-σ

5 τοὺς μοι παράχες, ὦ [^υ-^σ-^υ-^σ]ν,
εὖν τοί τι βουλευῆσαι θέ[λω
σ-υ-σ-υ-σ] τοὺς βρα[χίονας
καὶ τὸν τράχηλον[-^υ-^σ]

κα[-^υ-^σ]. ἢ σε γαστρή [^υ-^σ]
10 πρῶτον μὲν ἐκδὸς νε[
σ-υ-σ-υ-σ

σ-υ-σ-υ-σ]αυλήσει δέ σοι
Κίκων τὸ Κωδά[λον μέλος

v. 1. Reconhecendo embora a verosimilhança de outros suplementos, Masson preenche a lacuna com θεό[*σ*υλιν] de Lobel, inspirado em τὴν [ἰε]ρόσουλιν ῥίνα do comentário anónimo a Hipónax (a. 14), e com τρέφ[εις] de Latte e Snell. Mas, em vez de θεό[*σ*υλιν] (que também nos parece o suplemento mais provável), Vogliano e E. Fraenkel inclinavam-se para θεο[*ι*σχθρήν] (cf. frg. 65.7 [65A.1 D.-B., 70.7 Mass.] τὸν θεοῖς <ι> ἔχθρόν), Latte para θεο[*ι*μνσῆ]; e em vez de τρέφ[εις], Vogliano e E. Fraenkel propunham ἔχ[εις], Diehl φέρ[εις]. A própria variedade de soluções dos eruditos nos convida a não impor nenhuma, por enquanto, ao texto mutilado do epodo.

2 κατακρα[τέεις]. Por paralelismo com δοκέει do frg. 24.1 (67.1 D.-B., 30.1 Mass.), damos agora preferência a esta forma «aberta», adoptada por Lobel e em seguida por Masson.

3 e 13. Subsiste a estranheza de dois σοι imprevistos no mesmo epodo em que se emprega a forma τοι (v. 6), constante — em posição de atonia (que é a única exemplificada) — nos demais fragmentos do poeta (2.3 [29.3 D.-B., 36.3 Mass.], 3.2 [24a.2 D.-B., 32.2 Mass.], 53 [31 D.-B., 44 Mass.]) e realmente esperada no dialecto iónico que utilizou. Mas seria ilícita qualquer intervenção «normalizadora», até

porque estas «dissonâncias» figuram em textos que, embora extraídos de um comentário antigo de Hipónax, são procedentes de papiros.

9 κα[-^υ-^σ]. ἢ σε γαστρή [^υ-^σ]. Aceitando uma proposta de Maas e Snell, consignada em Diehl-Beutler, escrevemos, depois da primeira lacuna, μή: mas importa reconhecer que μ é realmente ilegível no papiro («a spot of ink on the line», anota Lobel), e o texto demasiado lacunoso para garantir esta conjectura (cf., no entanto, c. 10-11 καὶ μή σε κατα[λείπει λι]μός). Masson dá inexactamente κα[-^υ-^σ]ή, quando, de facto, há um vestígio de letra antes de η.

11 ἐκδὸς νε[^σ]. Diehl-Beutler, Adrados e Masson escrevem νε[^σ]: mas, no papiro, σ não está alinhado com νε: pertence a uma linha intercalar; e, por baixo dele — escreve-nos Lobel (carta de 1-11-1968) —, «is the upper part of an upright, followed by the upper part of an upright, inclining very slightly leftwards in its lower part: perhaps two letters, ι.^o» Poderá entrever-se algo como νε[^σι]ατον / κενεῶν(α) (cf. E 857 νείατον ἐς κενεῶνα), já que a hipótese sedutora de νειωή, νείαυρα (sc. γαστήρ, κοιλία) 'baixo-ventre' tropeçaria desde logo com embaraços métricos?

No frg. c. 10-11 do comentário a Hipónax de onde foram enucleados alguns destes versos, lêem-se as palavras κατεθίεις καὶ μή σε κατα[λείπει λι]μός, que Rupprecht, depois Adrados e Tarditi⁽¹⁷⁸⁾, atribuem ao Efésio. Tal hipótese, como diz justamente Masson⁽¹⁷⁹⁾, «é pouco plausível: antes de mais, a presença de um coliambo (final λιμός!), isolado neste epodo, seria uma extravagância; além disso, a presença de um tríbraco no quarto pé e o emprego de μή seguido de indicativo não são satisfatórios.»

118 (75 D.-B., 125 Mass.)

Κυπρίων βέκος φαγεῖσι κάμαθουσίων πυρόν

Masson conserva a forma φαγοῦσι dos códices, embora não tenha hesitado em corrigir, no frg. 60 (66 D.-B., 67 Mass.), φρονοῦσιν em

⁽¹⁷⁸⁾ Rupprecht, em opinião transmitida a Beutler e registada no aparato crítico do frg. X.11 D.-B.; Adrados, no próprio texto do frg. 118.11 da sua edição; Tarditi, na crít. cit. (n. 30), p. 194.

⁽¹⁷⁹⁾ Poète Hipponax, p. 164 e n. 2.

φρονεῦσι: mas cf. Arquíloco, frg. 68.3 D.-B. (116 L.-B., 108 Tarditi) *φρονεῦσι*; Anacreonte, 7.4 Gentili *παταγεῦσι*; Herodas, 3.6 *ἀπαρμεῦσι*, 4.64 *ἐκβαλεῦσι*, etc.; Calímaco, *Hymn.* 2.82 *ἀγνεῦσι* (180).

Não parece justificada a nossa acentuação *βεκός* (segundo Liddell-Scott-Jones: a par de *βέκος*): a palavra figura como paroxítona em todos os editores de Hipónax, bem como nos de Heródoto (2.2), e ainda no recente *Dictionnaire étymologique de la langue grecque* de Chantraine (s. u.).

119 (74 D.-B., 124 Mass.)

μηδὲ μοιμύλλειν Λεβεδίην ἰσχάδ' ἐκ Καμανδωλοῦ

É *Καμανδωδοῦ* que se lê em alguns dos códices melhores de Sexto Empírico (*Adv. mathem.*, 1.274-275 Mau), a fonte deste fragmento: mas o modelo *Πακτωλός* convida a preferir *Καμανδωλοῦ*, dos restantes (181). Pape-Benseler, *Wörterb. der griech. Eigenn.*, s.u. *Καμανδωλός*, aproximam a palavra de *χαμανδωλός*, que interpretam como equivalente de 'planície'.

120 (120 Bgk., 127 Mass.)

καὶ Διοσκοῦρος Κυβήβη καὶ Θεϊκίη Βενδῖς

Preferimos ainda manter, como *lectio difficilior*, a forma *Διοσκοῦρος* (*Διόσκουρος* Hoffmann), emendada por Bergk (depois Adrados, Masson, Latte) para *Διὸς κόρη* (182). Mas corrigimos — com Fick, Knox, Perrotta e Masson — *Θρηϊκίη* dos códices em *Θρεϊκίη* (cf. também frg. 68.5 [41.1 D.-B., 72.5 Mass.] *Θρεϊκίων*).

(180) Justificação do nosso ponto de vista em *Hipónax*, pp. LXX-LXXI.

(181) Forma justamente defendida por Bartalucci, *Hipponactaeae interpretatiunculae* cit. (n. 29), p. 243 n. 4. Já Ten Brink, *Hipponactea* cit. (n. 2), p. 79, exprimiria idêntica opinião. Mas na última edição teubneriana do *Adversus mathematicos* (Lipsiae, 1954) lê-se *Καμανδωδοῦ*.

(182) A engenhosa lição de Schmidt *καὶ Διὸς κόρη Κυβήβη καὶ Θεϊκίη Βενδῖν* poderia defender-se com a existência da glosa *Βενδῖν ἄλλοι δὲ Ἄρτεμιν* e a facilidade com que estes hierónimos ocorrem em acusativo: cf., por exemplo,

121 (77.1-4 D.-B., 128 Mass.)

*Μοῦσά μοι Ἐδρυμεδοντιάδεα τὴν ποντοχάρυβδιν,
τὴν ἐγγαστριμάχαιραν, ὅς' ἐσθίει οὐ κατὰ κόσμον,
ἔννεφ', ὅπως ψηφίδι κακῆι κακὸν οἶτον ἄληται
βουλήι δημοσίηι παρὰ θιν' ἄλός ἀτρογγέτω.*

A evidente paródia homérica que se contém nestes hexâmetros levava Wilamowitz a propor — de acordo com *A 1 Πηληιάδεω* — a alteração de *Ἐδρυμεδοντιάδεα* do v. 1 em *Ἐδρυμεδοντιάδεω*, que passou às edições de Diehl¹⁻³ e de Knox. A proposta foi justamente considerada «inútil» por Masson (183), e Page não hesitou em qualificá-la de «apressada» (184). Acusa-nos Degani (185) de termos aceitado em 12.1 (56.1 D.-B., 40.1 Mass.) a emenda *δεσπότεω* de Schneidewin, e rejeitado aqui a modificação de Wilamowitz. Mas não parece haver paralelismo entre os dois casos: *δεσπότεω* é correção obrigada pelo sentido (e adoptada por todos os editores, desde o seu proponente); *Ἐδρυμεδοντιάδεω*, uma alteração de luxo: tão burlesco («linhagem do senhor do vasto reino»...) e sesquipedal (sete sílabas contra as cinco do *Πηληιάδεω* homérico) é já o composto escolhido pelo poeta que ele se julgou dispensado de intensificar ainda mais o seu efeito paródico com o emprego da mesma desinência do texto iliádico. A substituição, aliás, de *Ἐδρυμεδοντιάδεα* por *Ἐδρυμεδοντιάδεω* far-se-ia, de algum modo, a expensas da clareza e da elegância: o modelo homérico tem outra arrumação (*μῆνιν ἄειδε, θεά, Πηληιάδεω*: cf. *Μοῦσά μοι Ἐδρυμεδοντιάδεα ... ἔννεπ(ε)*); o genitivo, em Hipónax, sugeriria a ligação *Μοῦσα ... Ἐδρυμεδοντιάδεω* e quebrantaria, assim, a ênfase heróico-cômica da sucessão de compostos grandiloquentes: *Ἐδρυμεδοντιάδεα ...*

9 (4.1 D.-B., 3.1 Mass.) *ἔβωσε Μαιης παῖδα, Κωλλήρης πάλμιν* e 11.2 (37.2 (37.2 D.-B., 47.2 Mass.) *πρὸς μὲν κνήσειν τὸν Φλησίων Ἐρμῆν*. Mas *Διοσκοῦρος, Κυβήβη* e *Θρεϊκίη* aparecem em nominativo na citação de Hesíquio (s.u. *Κυβήβη*) de onde este fragmento foi enucleado; e Bêndis — observa justamente Latte, *Hesych. Alex. Lex.* s.u. *Κυβήβη* — «Iouis filia non est».

(183) *Sur un papyrus* cit. (n. 17), p. 313; e *Poète Hipponax*, p. 169.

(184) Crít. a Diehl-Beutler cit. (n. 16), p. 106.

(185) Crít. cit. (n. 30), p. 755. Também Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 15), p. 138, apoia a lição de Wilamowitz.

ποντοχάρυβδον ἐγγαστριμάχαιραν. Se o Efésio tivesse querido parodiar estreitamente o original homérico, começaria por colocar à cabeça da frase uma palavra indicativa da λαιμαργία, λιχνεία, μαργοσύνη da personagem...

Mais difícil de resolver é o problema de δc, no v. 2, porque a aceitação da emenda δc' de Kalinka (assim Knox, Medeiros e, agora, Roux) briga, por um lado, com o decalque, supostamente perfeito, de Homero (α 1 δc μάλα πολλά....; cf. Α 2 ἢ μνηστῆρας Ἀχαιοῖς....), pretendido por alguns⁽¹⁸⁶⁾, e, por outro, com a convicção, enraizada na maioria dos estudiosos⁽¹⁸⁷⁾, de que os hexâmetros paródicos são dirigidos contra um homem. Já noutra lugar⁽¹⁸⁸⁾ expusemos o nosso parecer, e continuamos a pensar que o indivíduo alvejado é uma mulher, provavelmente Arete: com prazer verificámos, por isso, que, em artigo recente, Roux⁽¹⁸⁹⁾ se inclina para esta opinião e aceita — como *lectio difficilior* — δc' e não δc.

No v. 3, em vez de <κακός>, inserido por Cobet, ou de <κακή>, introduzido por Knox, há que restabelecer, em concordância com ψηφίδι, a forma κακήι dos *recentiores*, como justamente observaram Degani, Pontani e Marzullo⁽¹⁹⁰⁾, esteados em κακαὶ ψηφοὶ do frg. iâmbico 193.¹³ Pfeiffer de Calímaco (cf. *Aet.* frg. 85.⁸ Pfeiffer πάντες ὑπὸ ψηφίδα κακήν βάλον e *Ov. Met.* 15. 44 *calculus ater*).

125 (27 D.-B., 35 Mass.)

ἔρέω γὰρ οὕτω · 'Κυλλήμιε Μαιάδος Ἐρμῆ

Ao inserir este fragmento entre os μέλη, aceitávamos a opinião de Gentili e Pontani, que viam nele um exemplo de reiziano mais enóplio.

⁽¹⁸⁶⁾ Para nomear apenas os últimos assertores: Degani, *crit. cit.* (n. 30), p. 755; Pontani, *crit. cit.* (n. 30), p. 339; e Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 15), p. 138.

⁽¹⁸⁷⁾ Únicas excepções, além do autor deste artigo: Knox, *Herodes*, pp. 60-61; H. Fränkel, *Dichtung und Philosophie des frühen Griechentums*, München, 1962, p. 288; e Roux, *Hipponax rediuius* cit. (n. 29), pp. 126-128. Adesão de Bartalucci por carta de 1-11-1965.

⁽¹⁸⁸⁾ *O milhafre, a garça e o báratro* cit. (n. 122), pp. 140-144.

⁽¹⁸⁹⁾ *Hipponax rediuius* cit. (n. 29), pp. 126-128.

⁽¹⁹⁰⁾ Degani, *crit. cit.* (n. 30), p. 755; Pontani, *crit. cit.* (n. 30), p. 339; Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 15), p. 139.

Creemos hoje que deve ser recolocado entre os trímetros iâmbicos do livro I (numeração convencional: 7A), de que foi apartado: não que adoptemos, por enquanto, como Masson⁽¹⁹¹⁾, a doutrina de Heliodoro sobre as liberdades tomadas pelo poeta, neste caso e no caso do fragmento seguinte, — mas porque pensamos, como Lasserre⁽¹⁹²⁾, que «au lieu d'y supposer à tout prix des substitutions dactyliques et spondaïques inacceptables dans l'iambe, du moins dans l'iambe lyrique et à certains endroits du vers, il nous semble infiniment plus simples de considérer ces vers pour ce qu'ils paraissent être à première vue: le premier un demi trimètre iambique introduisant la citation d'un enhoplion, début caractéristique de quelque hymne à Hermès, le second un hexamètre dactylique, citation ou parodie d'épopée, si l'on en juge à son style. Le procédé est commun dans les parabases de la comédie attique, mais nous le croyons attesté déjà chez Archiloque (103 D. est une citation du *Margitès*) et Sémonide en a un exemple fameux (29.2 D.), sans suspension rythmique, il est vrai.»

126 (28 D.-B., 23 Mass.)

'τοὺς ἀνδρας τούτους ὀδύνη † πιαλλι ρειπας

A autoridade de Bergk impôs à maioria dos editores do nosso tempo — exceptuam-se Knox, que optou por uma lição extravagante⁽¹⁹³⁾, e o autor deste inventário, que assinalou a *crux* — um texto corrigido τοὺς ἀνδρας τούτους ὀδύνη πιαλεῖ ὀιγγλή, em que πιαλεῖ recobria verosimilmente πιαλλι, mas ὀιγγλή era arbitrariamente deduzido de ρειπας (*ρειπιαε* ou *ρειπαιε*) dos códices. Ora este verso, que podia vir na imediata sequência do frg. 125 (27 D.-B., 35 Mass.) ἔρέω γὰρ οὕτω · 'Κυλλήμιε Μαιάδος Ἐρμῆ⁽¹⁹⁴⁾, como sucede aliás

⁽¹⁹¹⁾ *Poète Hipponax*, pp. 26-27 e 126.

⁽¹⁹²⁾ *Crit. cit.* (n. 30), p. 616.

⁽¹⁹³⁾ Construída a partir do frg. 361 Nauck de Ésquilo: ἡ δ' ὀφρυγγία καὶ ὀδονοπάδ' αἰρεῖται / γέροντα...., onde teria havido «an error of memory» do citador! (*Herodes*, p. 40.)

⁽¹⁹⁴⁾ Sugestão dubitativa de Lasserre (cartas de 14-7-1962 e 24-10-1964), que interpreta o frg. 125 como um verdadeiro colíambo interrompido na cesura principal e seguido da «citação» (real ou fictícia) de um hino a Hermes em enóplios

na própria fonte, representa, muito verosimilmente, uma imprecação do tipo da que se lê em Arquíloco, frg. 30.1-2 D.-B. (37.5-6 L.-P., 30.1-2 Tarditi) ἀναξ Ἀπολλων, καὶ εὐ τοὺς μὲν αἰτίους / σήμαινε καὶ σφραε ὄλλω ὄσπερ ὄλλυεις ou no próprio Hipónax, frg. 13 (36 D.-B., 25 Mass.) — ἀπό εὐ ὄλλυειν Ἀρτεμις. — εὐ δὲ κώπολλον. Julgamos, por isso, que a última palavra do verso será uma forma verbal no imperativo, acaso de εἰρήπω (mas εἰρήπαι ou εἰρήπιε põem dificuldades métricas). Quanto a † πιαλλι, é difícil dizer se há desfiguração ligeira ou profunda (195).

De qualquer modo, este fragmento — que é certamente, como pensam Bergk (196) e Lasserre (197), um hexâmetro paródico inserido *ludibrii causa* entre colíambos — deve ser recolocado, juntamente com o anterior, entre os fragmentos do livro I, com a numeração provisória de 7B (isto é: de acordo com a arrumação convencional do editor, no grupo das súplicas endereçadas aos deuses, imediatamente a seguir, com 7A (antigo 125 Med. [27 D.-B., 35 Mass.]), à última em que se supõe uma invocação a Hermes: frg. 7 [42 D.-B., 39 Mass.]).

ou paremiacos (ou simplesmente em hexâmetros dactílicos — o que nos parece mais provável) e o frg. 126 como a «citação» de um hexâmetro dactílico (v. supra a transcrição de um passo da sua crítica a Masson). O mesmo filólogo observa (carta de 24-10-1964) que Prisciano situa os dois versos no livro I e que a indicação *in eodem* poderá significar «na mesma poesia» ou «no mesmo passo». Bartalucci, pelo contrário (carta de 1-11-1965), entende que o frg. 125 representa efectivamente um colíambo muito livre, e que não há razões para discutir o esquema de Heliodoro-Prisciano (*G. L. Keil*, 3. 426.10): *iste iambus habet in secundo loco spondaeum, et in < tertio et in (Bergk) > quarto dactylum*.

(195) Bartalucci (carta de 1-11-1965) sugere ἰπάλωι, de ἐπίλωος ἑπιγοπύρετος (Alceu, frg. 406 L.-P.) ou ἰπαιεῖ, do hesiquiano ἐπιαλής: adjectivos (e não verbo, como supunham, entre outros, Bergk e Adrados) em concordância com ὀδόνη (cf. também *Hipónax*, p. 194). Muito diversa é a tentativa que nos foi proposta por Barigazzi (carta de 3-11-1965): τοὺς ἄνδρας τοῦτους ὀδόνη μάλ' εἰρήπαι (de facto μάλα, «cum scriptura plena», precedido do ι de ὀδόνη e seguido de ε de εἰρήπαι, passaria facilmente a πιαλλι). Mas o hexâmetro (?) apresenta-se, deste modo, decurtado de um pé.

(196) *P.L.G.*, II, p. 470.

(197) Cf. supra frg. 125 e n. 194.

127 (58 D.-B., 61 Mass.)

εὐ- ἔκρωζεν < > κώμυδις ἐς λαύρην

O texto transmitido ἔκρωζεν κώμυδις ἐς λαύρην (ou ἐν λαύρηι) põe uma aporia métrica, que explica a diversidade de tratamento por parte dos dois últimos editores. Na persuasão, dubitativa (198), de que se trate de um colíambo, Masson adoptou — como Diehl e Adrados — a opinião de Reitzenstein: lacuna inicial; <ή> inserido depois de ἔκρωζεν (com a admissão de uma *correptio attica*). Hoffmann (frg. 66) propusera, em vez de <ή>, o suplemento <ώ>; Bergk (frg. 66) reconstruíra um verso completo: ἔκρωζεν <ἐλθὼν ὄσ> κώμυδις ἐς λαύρην; e Knox (frg. 30), com a desenvoltura habitual, apresentara κώμυδις ἐν λαύρηι / ἔκρωζεν. Mas Rupprecht e Gentili (199) pensam que tanto este verso como o seguinte (frg. 128 [57 D.-B., 60 Mass.]) não são colíambos, mas dócmios a inserir na categoria dos μέλη hiponacteus: todos os suplementos e transposições seriam, por conseguinte, abusivos. Na dúvida, colocámos o fragmento entre os ἀποσπασμάτια ἀδήλου μέτρον.

Solução obviamente provisória, e pouco sincera: porque, na realidade, acreditávamos que ἔκρωζεν κτλ. fosse um colíambo mutilado pelas fontes (200). É essa, ainda hoje, a nossa opinião — por três razões, não decisivas, mas certamente ponderáveis: à parte o caso do frg. 124 (79 D.-B., 119 Mass.), não temos exemplos incontroversos dos μέλη hiponacteus, o que poderá significar (se a tradição nos não ilude) que foram género menos cultivado pelo poeta, e porventura reservado a temas ... não escatológicos; a escansão iâmbica convém perfeitamente à final κώμυδις ἐς λαύρην e não desconvem à palavra restante, ἔκρωζεν; a estrutura do fragmento lembra de perto a do 61A καὶ † επλεν † ὄσπερ κερκύδιλος ἐν λαύρηι, recentemente descoberto, e que

(198) *Poète Hipponax*, p. 138: «Le vers est incomplet, et sa structure incertaine. J'ai adopté avec réserve le texte proposé par Reitzenstein [...]»

(199) Rupprecht, em opinião transmitida a Beutler e registada no aparato dos frgs. 57 e 58 D.-B.; Gentili, em cartas (9-2-1961 e 10-12-1965) dirigidas ao autor destes *Hipponactea*.

(200) *Hipónax*, p. 196.

é de facto um escazonte. Sendo assim, o verso pertencerá ao livro I, onde se lhe atribui o número provisório de 61 c.

Quanto a suplementos, é arriscado pronunciar-se: <ή> de Reitzens-tein seria bem-vindo em uma atmosfera de fábula, mas a tendência vincada do poeta para os símiles — cf. 49 (65c D.-B., 66 Mass.) ὡς κόνων λάθαργος ... τρώγει, 75.11 (IV.11 D.-B., 79.11 Mass.) ὡς ἔχιθνα κυρίζει, 113.3 (X.3 D.-B., 118.3 Mass.) λαιμῶν ... ὡς ἐρωδιοῦ, cf. 61A † επλεν † ὡς περ κερκύνδιλος e ainda 27.2 (7.2 D.-B., 6.2 Mass.), 39.3 (39.3 D.-B., 26.3 Mass.), 51 (53 D.-B., 57 Mass.), 64.4 (14A.4 D.-B., 92.4 Mass.), 80.17 (VI.17 D.-B., 84.17 Mass.) — aconselharia a sugestão <ὦς> de Hoffmann.

Entre ἐν λαύρηι do *Etym. Gen. A*, adoptado por Knox e Masson, e ἐς λαύρηι do *Etym. Gen. B*, seguido por Bergk, Diehl, Adrados e nós próprios, continuamos, a despeito da exemplificação de ἐν λαύρηι no novo frg. 61A, a aceitar a segunda forma, que nos parece favorecida pela «dinâmica» de κρώζω (cf. Aristófanis, *Ran.* 982 κέρραγε πρὸς τοὺς οἰκέτας) e confere à cena — aparentemente, pelo menos — uma atmosfera «visiva» mais intensa. É frequente observar — escreve-nos Barigazzi (201) —, «specialmente d'inverno, quando tutto è coperto di

(201) Carta de 11-12-1968. Interpretação diferente de Bartalucci (carta de 1-11-1965), que merece também ser referida: «κόμνιδις è il noto uccello di *E* 291, malamente identificabile, ma che non sarà certo — almeno nel nostro frammento — 'une sorte de chouette', come vuole il Masson, p. 138. A me sembra piuttosto 'una specie di corvo, cornacchia' (Aristof. *Au.* 1181 la pone tra γύψ e αἰετός; l'onomatopoeico κρώζω indica espressamente il 'gracchiare' di una κορώνη, cf. Hes. *Op.* 747 [Aristof. *Au.* 23-24: W.M.]). λαύρη è qui indubbiamente equivalente di 'κορώνη' (cf. Aristof. *Pax* 99 τοὺς τε κορώνας καὶ τὰς λαύρας e *Etym. Gen. B*, p. 231 Miller), vuoi nel significato di 'cloaca, fogna', vuoi in quello di 'latrina'. Considerato tutto questo, a me sembra trattarsi di una scena analoga a quella di 14A D.-B., ove, secondo la ricostruzione di K. Latte, un personaggio, piú probabilmente Bupalò che Ipponatte stesso, narra come sia stato battuto con verghe di fico nei testicoli, secondo il trattamento riservato ai φαρμακοί, e come in conseguenza di ciò sia incappato in una specie di ... commozione intestinale (cf. in specie i vv. 9-10 παραψιδάζων βολβίτων [...] / ὄζειν δὲ λαύρη). Forse il tentativo di Bergk⁴ ἔκρωζεν <ἐλθὼν ὦς> κόμνιδις ἐς λαύρηι può fornirci una traccia utile. Solo che io considererei il verso mutilo del primo piede e sposterei il participio ἐλθὼν all'inizio di un verso successivo (per ragioni paleografiche e di costruito): σ — ἔκρωζεν <ὦς> κόμνιδις ἐς λαύρηι / [ἐλθὼν], interpretando così: in latrinam ueniens (evidentemente dopo l'... operazione) tamquam coruus uel cornix crocitabat ('gracchiare' in senso figurato per 'sbraitare'; cioè 'brontolare fastidiosamente e monotonamente', come fa chi ha subito un torto);

neve, degli uccelli sugli alberi circostanti che guardano stridendo verso un letamaio fumante, desiderosi di trovarvi cibo. Analogamente si può pensare a qualcuno (per es. a Bupalò, fr. 23 [15 D.-B., 12 Mass.]) che, guardando verso dei παῖδες, κρώζει, pregustando osceni piaceri.»

128 (57 D.-B., 60 Mass.)

<καὶ> στέφανον εἶχον κόκκυμῆλον καὶ μίνθη

Ambos os editores se inclinam para a hipótese de este verso ser um coliambo e apresentar a lacuna de uma sílaba, muito provavelmente no início (202). Nada nos prova, realmente, que estejamos em presença de dócmios, como desejariam Rupprecht (203) e outros.

Ora a integração mais simples, nesse caso, será <καὶ> de Gaisford, que de algum modo se pode abonar com a estrutura de outros versos hiponacteus, nomeadamente o frg. 57 (54 D.-B., 58 Mass.) κάλειφα ὀόδιον ἢ δὲ καὶ λέκος πυροῦ. Nenhuma dificuldade levanta o dáctilo inicial, abonável com 39.4 (39.4 D.-B., 26.4 Mass.) δαινόμενος, 43 (59 D.-B., 62 Mass.) ἐν ταμείωι, 45 (14b D.-B., 21 Mass.) ἡμίεκτον.

O fragmento regressa, deste modo, ao livro I, onde recebe o número provisório de 48A.

129 (71 D.-B., 75.4-5 Mass.)

Número eliminado, e texto transportado para o frg. 69.4-5.

outrora em κρώζω é da vedere un' allusione piú recondita, cioè 'crepitem uentris edere', 'pedere, peditare' (il crepitem uentris può ben essere paragonato al gracchiare di un corvo o cornacchia).» O professor italiano exclui (carta de 12-12-1968) qualquer relação entre os fragmentos 61A e 127: «ἐν λαύρηι ο ἐς λαύρηι doveva essere una clausola adusata in Ipponatte, comodissima per chiudere il μέτρον.»

(202) *Hipónax*, p. 198; *Poète Hipponax*, p. 138.

(203) Cf. n. 199.

132 (10 Bgk., 136 Mass.)

ἀνδριάντα τὸν λίθινον

Não há motivos para recusar ao poeta, como faz Masson⁽²¹¹⁾, as palavras τὸν λίθινον da citação extraída dos *Anecdota Graeca*, 1.82.13-14 Bekker: o adjectivo ocorre repetidas vezes em Heródoto (dezassete exemplos no léxico de Powell; cf. em especial 2.91.2 ἀνδριάντες λίθινοι, 2.110.1 ἀνδριάντας λίθινους), três vezes em Aristófanes (*Au.* 613, *Plut.* 710, 712), uma vez em Herodas (7.109), e são significativos, em nossa opinião, os testemunhos de Menandro, *Dysc.* 158-159 οὐδὲν γὰρ ἀφθονώτερον / λιθίνων γένοιτ' <ἀν> ἀνδριάντων πανταχοῦ, e de Luciano, *Tim.* 43 καὶ ὄλωσ ἀνδριάντων λιθίνων ἢ χαλκῶν μηδὲν ἡμῶν διαφερέτωσαν; por outro lado, ἀνδριάντα τὸν λίθινον — observa Morellí⁽²¹²⁾ — «poderia muito bem pertencer a um trímetro perfeitamente irrepreensível, com regular cesura pentemímere e um tríbraco no quarto pé, segundo o esquema

□ ἀνδριάντα τὸν λίθινον □ — — □ .»

133 (68 D.-B., 114b Mass.)

κρέας ἐκ μολοβρίτεω σός

Masson, que escreve em 12.1 (56.1 D.-B., 40 Mass.) δεσπότεω, em 36.2,3 (3.2,3 D.-B., 42.2,3 Mass.) Ἀττάλειω, Γύγειω, e, neste último fragmento (v. 4), propõe Μυταλίδειω por Μυτάλιδι dos códices, respeita aqui a forma μολοβρίτου dos manuscritos de Eustátio. A fraca autori-

(211) *Poète Hipponax*, pp. 91 («post ἀνδριάντα uerba τὸν λίθινον poetae dedit Bergk⁴, iniuria ut uidetur») e 172 («mais je ne crois pas que les mots τὸν λίθινον appartiennent au poète»).

(212) *Crit. cit.* (n. 30), pp. 373-374, onde se mostra que careciam de fundamento as objecções de Degani (*crit. cit.* [n. 30], p. 755) ao texto adoptado na nossa edição.

dade deste tardio citador leva-nos, contudo, a insistir na preferência, que então demos, a μολοβρίτεω, correccção de Schneidewin, aplaudida por Smyth, Hoffmann e Knox⁽²¹³⁾.

133 A (71 Bgk., I.1 D.-B., 78.8-9 Mass.)

πολλὴν μαρίλην ἀνθρώκων

Inserimos aqui, com numeração independente, este fragmento, conhecido de longa data por uma citação de Erociano (p. 61 Nachmanson), e que Diehl, imitado por Adrados e por nós próprios, julgara reconhecer em um frústulo papiráceo (Oxy. Pap. 2174.6.1)⁽²¹⁴⁾.

138 (133 Bgk.)

† σαρκῶν κῶν λιμῶν †

A manifesta corrupção do texto levou Masson a omitir o fragmento⁽²¹⁵⁾: decisão algo drástica, e inconsequente, que não parece de imitar. Até porque se vislumbram algumas soluções razoáveis, como σαρκῶν κῶν λιμῶι de Dindorf e Schneider⁽²¹⁶⁾, ou <ὄς> κῶν

(213) Sem esquecer, no entanto, as prudentes observações de Lasserre (*crit. cit.* [n. 30], p. 616) a este propósito: «En 66 D. [...] M. Masson corrige avec Schneidewin φρονοῦσεν en φρονεῦσεν, alors qu'il maintient en 29 D. μνᾶς (μνέας Meister): on ne voit pas clairement quel critère guide la normalisation des formes dialectales et l'on se demande s'il n'eût pas mieux valu, dans la ligne conservatrice adoptée, laisser subsister dans le texte les anomalies. Après tout, l'inscription à peine plus ancienne qu'Hipponax connue sous le nom de rhète de Chios juxtapose δημαρχῶν à δημαρχέων (S.G.D.I. IV 873 ss.) et la table généalogique d'Héropythos, à Chios également, vers 475, Ἴπποκθένο(ς) à Ἀὐτοκθένο(ς) (S.G.D.I. 5656).»

(214) *Poète Hipponax*, frg. 71.

(215) *Poète Hipponax*, p. 97: «Fragmenta incertissima apud Bergk⁴ 113A et 133 omisimus.»

(216) Ten Brink (*Variae lectiones*, «Philologus», 13 [1858], p. 607) sugeriu κωνῶν λιμῶι / σαρκῶν («carnes ab ossibus auellens fame canina»); e Knox (*Herodes*, p. 65), κῶν λιμῶι / σαρκῶν.

σαρκῶν λιμοῖ de Barigazzi⁽²¹⁷⁾: em que *σαρκῶν* é sugerido quer por *σαρκο-* dos códices e *σαρκάζοντες* do passo aristofânico glosado (*Pax*, 482), quer por *σαρκῶν* *σεσηρῶς* de Hesíquios e *σαρκῶν δὲ μελετήσας ἀπογεύεσθαι κύνων* de Antífanes (frg. 326 Kock); e *λιμοῖ*, por *ὑπὸ τοῦ γε λιμοῦ* do escoliasta anónimo.

139 (138 Bgk., 172 Mass.)

χελιδόνιον φάρμακον

Os códices da Su(i)da têm *χελιδόνων φάρμακον*, que, «se atendermos ao uso constante de *φάρμακον* com genitivo [cf. frgs. 6.2 (25.2 D.-B., 34.2 Mass.), *φ. ῥίγευς* ‘remédio para o frio’, 7.4 (42.4 D.-B., 39.4 Mass.) *φ. πονηρῆς* ‘remédio para a fraqueira’; Ésquilo, *Prom.* 249, 606 *φ. νόσον*; Ânfiis, frg. 37 Kock *φ. μέθης*; Platão, *Charm.* 155b *κεφαλῆς φ.*; etc.], deveria significar ‘filtro para andorinhas’: o que evidentemente não faz sentido.» Impõe-se, deste modo, a correcção *χελιδόνιον φ.* de Musuro e Alberti, feita pelo modelo *χελιδόνιον μέλος* da mesma Su(i)da, s.u., e justamente reexumada e defendida por Degani⁽²¹⁸⁾.

141 (99 Bgk., 131 Mass.)

Ἀγχιάλειη

Este topónimo, de forma discutida e localização incerta, figura sem *crux* na edição de Masson, o qual, todavia, menciona, como nós, várias propostas de correcção: *Ἀγχιάλη* Stiehle, *Ἀγχαλεῖη* ou *Ἀγχαλεῖη* (-λή) Ten Brink; acrescenta-se *Ἀγχαδέη* Schmidt.

(217) Carta de 3-11-1965 (com parte da argumentação que vem a seguir).

(218) *Hipponactea* cit. (n. 29), pp. 627-629. As palavras citadas e os exemplos são do próprio Degani.

146 (110 Bgk., 135b Mass.)

βορβορόπις (βορβορόπη)

A lição *βορβορόπη* de Eustácio, aparentemente corroborada pelas interpretações do Tessalonicense (862.46 *παρὰ τὸν βόρβορον καὶ τὴν ὀπήν* e 1329.34 *βορβόρον ὀπή*), mereceu a preferência de Küster, Bergk e Masson: persuadidos, decerto, que um insulto como ‘buraca-de-lama’ conviria, sem esforço, a uma meretriz. Entenderam outros, com razão, que as formas *βορβορόπη* de Suetónio, fonte provável de Eustácio, e *βορβορόπις* (duas abonações) da Su(i)da não podiam ser negligenciadas: e nelas se basearam para propor ou aceitar *βορβορόπις* (Toup, Miller, Knox, Latte, Medeiros), «fortasse *παρωιδικῶς* dictum ad Hom. *βοῶπις, γλανκῶπις, κωνῶπις*»⁽²¹⁹⁾. Cremos agora que é desnecessário recorrer a esta forma «cruzada», que terá nascido, antes de mais, da preocupação de inserir facilmente a palavra no trímetro iâmbico. Mas a Hipónax convêm quer *βορβορόπη*, quer *βορβορόπις*: porque uma e outra forma cabem normalmente nos hexâmetros (em que Arete ou outra mulher foram atacadas), e uma e outra parodiam — com *-οπη*, *-οπις* claramente relacionáveis com *ὀπή* ‘orifício’ (> ‘vulva’) — os altissonantes compostos homéricos em *-ωπη*, *-ωπις* (220).

(219) *Hipónax*, p. 213.

(220) Lembra Barigazzi (carta de 11-12-1968) que, a par de *βορβορόπις*, «il gioco etimologico raccomanderebbe anche *βορβορόπις*, come parodia dell’ omerico *-ῶπις*, ma con riferimento a *ὀπή*: si parla di una donna...» — Nenhum dos editores mais recentes quis ressuscitar a conjectura *βορβορόπιον κήπον* de Cobet, sugerida pela redacção da glossa da Su(i)da *βορβορόπιον κήπον . σημαίνει καὶ τὸ μόριον*: e, no entanto, ela poderia estear-se na lição *βορβορόκη* de Arcádio, 107.6 Barker — que não seria simples alteração de *βορβορόπη*, mas o produto de *βορβορο(πιον) κη(πιον)* —, e no significado obscuro de *κήπος* (*‘pudenda muliebria’*: cf. supra frg. 27.1 e o nosso comentário), mencionado na Su(i)da e conhecido por um passo de Diógenes Laércio (2.116). *βορβορόπιον κήπον* é a lição que prefere Koster (carta de 17-11-1968), embora acrescenta: «Nisi forte (quod paulo audacius est) ponimus Hipponactem bis tale uoce usum esse, sc. ut indicaret scortum (*βορβορόπιον*) et pudendum (*βορβορόπιον κήπον*).» Mas a esta expressão — algo alusiva e «licofroniana» (em que se perde já a relação com *ὀπή*) — preferiríamos um *βορβορόκηπος* comparável ao *μανιόκηπος* de Anacreonte (frg. 164 Gentili).

147 (104 Bgk., 137 Mass.)

ἀριχῶμαι

À forma ἀριχῶμαι, adoptada pelos dois últimos editores, parece preferível ἀριχῶμαι de uma parte da tradição, já que, em Hesíquio, o códice dá ἀναριχᾶσθαι (ἀναριχᾶσθαι, correcção de Latte, vem a ficar *extra ordinem*) (221), e Frínico, *Praep. soph.* p. 32.1 De Borries (= *Anecd. Gr.* 1.19.25 Bekker) peremptoriamente adverte: ἀναριχᾶσθαι πάνυ Ἀττικῆ ἢ φωνή... οἱ δὲ δύο οὐ γράφοντες ἀμαρτάνουσι.

148 A (138a Mass.)

βαρεῖα χεῖρ

Fragmento revelado por um artigo inédito do Léxico de Fócio (222) — βαρεῖα χεῖρ Ἰππῶναξ τὴν δεξιάν — e publicado pela primeira vez na edição de Masson. Um homerismo (*A* 89, 219, *E* 81, *A* 235, *N* 410, *P* 48, *Φ* 590, *Ψ* 687, c 56), para juntar a tantos outros, do texto hiponacteu.

149 (107 Bgk., 139 Mass.)

† βασαγχορος

O isolamento da forma, e o desconhecimento da sua origem e da sua estrutura (223), levam-nos a aceitar a *crux* assinalada por Masson.

(221) Bonanno, *Hesychiana*, «Quad. Ist. Filol. Gr.» (Cagliari), 1 (1966), p. 31 e n. 2.

(222) Em manuscrito descoberto por Politis (Masson, *Poète Hipponax*, p. 173 n. 1).

(223) Arbitrárias a análise de Sayce (*The decipherment of the Lydian language*, «Amer. Journ. of Philol.», 46 [1925], p. 50), aceite, com dúvida, por nós (*Hipónax*, p. 214), e a «correcção» βασανίχορος de Welcker, adoptada por Ten Brink, Bergk e Adrados.

151 (109 Bgk., 141 Mass.)

βρενθόμενον

Os códices dão βεβρενθόμενον, que Alberti e Hemsterhuys — seguidos por Latte e Masson — emendaram, com dúvida, para βεβρενθυμένον; Bergk tentou βεβρενθωμένον, Knox βεβρενθκονευμένον. Mas a boa correcção é certamente βρενθόμενον de Dindorf (224), como sugere, antes de mais, a própria equivalência hesiquiana — {βε}βρενθόμενος · παρὰ Ἰππῶνακτι ὁ ρ γ ι ζ ὀ μ ε ν ο ν (225) — e, depois, o facto de βρενθόμενον ser verbo atestado apenas no presente e (já em grego tardio) no imperfeito (226).

153 A

δορίαλλος

Tzetz. *Schol. in Aristoph.* Ran. 516b (p. 840 Koster) «καὶ παρὰτετιμέναι· νεοξυρεῖς τὸν δορίαλλον, τὸν μύρτον, τὸν χοῖρον, τὸν κόκθον, καὶ ὅσα τοιαῦτα ὁ Σώφρων καὶ ὁ Ἰππῶναξ καὶ ἕτεροι λέγουσι.

δορίαλλον cod.: δορίαλλον nos

uerbum comicum incertae scripturae ab Aristophane usurpatum

Hesych. δορίαλλος · τὸ τῶν γυναικῶν μύριον, ἀπὸ τοῦ δέρεω, ἐφ' ἔβρει τοῦ τραγοῖδοποιῶ Δορίαλλον, ὃ μὲνεται ἐν Ἀθηναίαις [Aristoph., frg. 367 Kock].

(224) Escreve o filólogo alemão, no *Thes.* de Estienne, s.u. βρενθόμενοι: «In Hesychii autem glossa βεβρενθόμενον [...] aut βεβρενθυμένον corrigendum, quod dubitanter proposuit Alberti, aut βρενθόμενον: quod cum in βεβρενθόμενον deprauatum esset, cuius erroris similia exempla s.u. βρένθη attuli, postmodum in βεβρενθόμενον depruari grammaticumque decipere potuit.» Da mesma opinião era o penúltimo editor de Hesíquio, Schmidt.

(225) Devemos a observação a Koster (carta de 17-11-1968), que se pronuncia também a favor de βρενθόμενον e acrescenta, relativamente à parte métrica: «quod siue anapaestum siue tribrachyn gignit, utrumque ab Hipponacte non alienum, siue dactylum initialem, ut supra [referia-se ao frg. 43 (59 D.-B., 62 Mass.)].»

(226) Para citar apenas autores que de Hipónax possam ter recebido influência: Aristófanes, *Nub.* 362 βρενθόμεναι (cf. Platão, *Symp.* 221b), *Pax* 26, *Lys.* 887 βρενθόμεναι;

Etym. Magn. 283.⁴⁵ *δορίαλλος* λέγεται καὶ *δόριλλος*. Ἀριστοφάνης [frg. 367 Kock]. 'αἱ <δὲ Bentley> γυναῖκες τὸν *δορίαλλον* φράγγονται (φραγγ- Dindorf Van Herwerden). ἔστι δὲ τὸ γυναικίον αἰδοῖον, ἐφ' ὅβρει τραγωιδιοποιῶ *Δορίαλλον*. ἢ παρὰ τὸ δέειν ἢ τὸ τιλλόμενον τὰς τρίχας καὶ οἴονει ἐκδερόμενον. οὕτω γὰρ πάλαι ἐπίλον, ὡς δηλοῖ Ἀριστοφάνης [Ran. 516]. ἠβυλλιῶσαι κἄρτι παρατετιλμένα'. cf. al. ll. infra laud.

Fragmento novo, que não figura ainda em nenhuma das edições do poeta, porquanto surgiu, bem como os números 164A, 169A e 178A, em um escólio de Tzetzes a Aristófanes, *Ran.* 516b, só em 1962 publicado por Koster (227). Gramáticos e lexicógrafos antigos dão variadas formas e grafias da palavra: *δόριλλος* Arcádio, p. 54.¹⁴, Herodiano, 1.158.²⁷, 2.446.¹⁵ (um e outro no meio de uma fiada de nomes em *-λλος*), *Etym. Magn.* 283.⁴⁵, Su(i)da (cf. também *δώριλλος* ap. Teognosto in *Anecd. Oxon.* 2. 62.¹³ Cramer), *δορίαλλος* *Etym. Magn.* 1. laud., *δορίαλλος* *Etym. Gen.*, Hesíquio, *δορίαλλος* Tzetz. *Schol. Ran.* 516, *δορίαλλος* ou *δορίαλλος* *Etym. Gud.* p. 159.⁴⁹; e, a acreditar na etimologia que oferecem, tratar-se-ia de uma metáfora burlesca, inspirada no nome, igualmente incerto (*Δορίαλλος*, *Δόριλλος*, *Δόρυλλος*...), de um poeta trágico (contemporâneo de Eurípides, segundo a *Vita* de Sátiro, «Oxy. Pap.», 9.1176.39. col. 15.³⁰). Se o termo ocorre efectivamente em Hipónax — e parece lícito aceitar a abonação de Tzetzes, bom conhecedor do poeta efésio —, não pode, claro está, ter relação com o nome do tragediógrafo, nascido, se efectivamente existiu (a informação de Sátiro é isolada), cem anos, pelo menos, depois do iambógrafo. Tê-la-á, ao invés, com um literato ou não literato homónimo do séc. vi a.C., que se houvesse distinguido por hábitos efeminados, como o Ágaton de Eurípides? Uma investigação do género não conduziria provavelmente a qualquer resultado, até porque a etimologia dos eruditos antigos nos parece uma invenção sugerida, para Aristófanes, por casos como Ἀριστόδημος 'προωκτός' (frg. 231

Luciano, *Tim.* 54, *Dial. mort.* 10.8 βρενθόμενος; Agátias, in *Anth. Pal.* 4 (3^c).7 βρενθόεται; Paladas, ibid. 11.305.2 βρενθόη. A forma βρενθόμενος reaparece em Ateneu, 9.383f e 15.626.

(227) *Scholia in Aristophanem: Pars IV — Io. Tzetzae Commentarii in Aristophanem* ediderunt L. M. Positano, D. Holwerda, W.J.W. Koster. Fasc. III, continens *Commentarium in Ranas et in Aues, Argumentum Equitum*, quae edidit W.J.W. Koster. Groningen, 1962, p. 840. Crítica de Masson: «Mnem.», s. 4, 17 (1964), pp. 88-90.

Kock; também Cratino, frg. 151 Kock), Ἴπποκλειδῆς (frg. 703 Kock) e Φορμίσιος (*Eccl.* 97) 'γυναικεία αἰδοῖα' (228). A palavra — que o poeta cómico teria encontrado em Hipónax — provém, a nosso ver, de *δορύλλιον*, diminutivo de *δόρυ* 'lança' > 'membro viril', como o lat. *contus*, *hasta*, *pilum*, *spiculum*, *telum* (cf. a paródia homérica [Θ 95] de Diógenes-o-Cínico em Diógenes Laércio, 6.53: μὴ τίς τοι εὐδοντι μεταφρένοι ἐν δόρυ πῆξι; e Aristófanes, *Lys.* 985 δόρυ δῆθ' ὑπὸ μάλης ἦκει εἶχων;), empregado, na linguagem familiar, para designar o homólogo feminino do 'pénis', isto é, o 'clítoris': sentido que convém perfeitamente ao fragmento aristofânico das *Lénnias* citado no aparato: αἱ <δὲ> γυναῖκες τὸν *δορίαλλον* φράγγονται, cf. *Lys.* 1004-1005 ταὶ γὰρ γυναῖκες οὐδὲ τῷ μύρτω κυγῆν | ἐῶντι (229). Se hesitamos em propor *δόριλλος* (ou *δόρυλλος*) para a glosa de Hipónax — como a etimologia indicada postula e a grafia de autoridades como Arcádio, Herodiano e Teognosto parece confirmar —, é que admitimos a possibilidade de *δορίαλλος* (ou *δορίαλλος*) ter realmente existido, como produto de um cruzamento de *δόριλλος* (*δόρυλλος*) com palavras «populares ou obscenas de final aparente em *-αλο-*» (230), como βάτ(τ)αλος 'ânus' (Éupolis, frg. 82 Kock), κνύβαλον 'excremento', *καταλόος* 'libertino', ou um certo número de termos em *-αλλος*, como ἀρύβαλλος (cf. o petroniano 61.6 *bacciballum*?), κορυδαλλός, κρηπαταλλός, *περίαλλος* 'ισχίον', *Τριβαλλός* (e cf. também *πάσσαλος* 'cavilha', 'moca' > 'pénis').

(228) Cf. a glosa de Hesíquio Ἀριστόδημος Ἀριστόδημον οἱ κωμικοὶ τὸν προωκτὸν (Cratino, frg. 151; Aristófanes, frg. 231 Kock) καὶ Θεόδωρον (Cóm. adésp. 310 Kock) καὶ Τιμησιάνακτα ἔλεγον, ἀπὸ τῶν ἡταιρηκέτων. Φορμίσσιος δὲ τὰ γυναικεία αἰδοῖα (Aristófanes, *Eccl.* 97) καὶ Βασιλείδας καὶ Λαχάρας; e Taillardat, *Les images d'Aristophane* cit. (n. 84), pp. 70 e 74-75.

(229) Diversa é, pelo contrário, a origem de *ἐπί-δορις* (*ἐπί-δερικ*, *ἐπί-δερρικ*) de Pólux, 2.174, e de *ὑπο-δορις* de Hesíquio, s.u. *κλειτορίς*, e Su(i)da, s.u. *μύρτων*, que também designam o 'clítoris', mas pertencem, como *ὑπο-δερμικ* 'm.s.', de Rufo, *Onom.* 111, à família de *δέρω*: cf. Chantraine, *D.E.L.G.*, s.u. *δέρω*.

(230) Chantraine, *La formation des noms en grec ancien*, Paris, 1933, pp. 247-248. Já Maas, «K.Z.», 58 (1930), pp. 127-128, que preferia a forma *δορίαλλος*, sugerira (sem aventar a etimologia que propomos), a influência de um termo como *περίαλλος*.

155 (113A Bgk.)

συνέμπεδος (?)

Também neste caso (cf. 138) Masson preferiu omitir a voz hiponacteia, inserta em uma glossa de Hesíquio parcialmente corrupta⁽²³¹⁾. Uma leitura *συνεμπέδου*, sugerida por Latte⁽²³²⁾, parece razoável: mas não se conhece outro exemplo deste composto.

156 (113B Bgk., 147 Mass.)

ἐπτάδουλος ἐπτάβουλος

Eliminado o frg. 55 (75 Bgk.), que reproduz um passo de Herodas (5.74-75) e que a este epígono do poeta efésio deve exclusivamente pertencer, damos, no entanto, a Hipónax — a exemplo de Masson — os compostos *ἐπτάδουλος* e *ἐπτάβουλος* que Suetónio (*Περὶ βλασφημιῶν* ap. «Mélanges» Miller, pp. 425-426) lhe atribui e que parece desnecessário «corrigir», como propõe Bergk⁽²³³⁾, em *ἐπταβούκαλος* e *ἐπτακαλλίμβολος*.

⁽²³¹⁾ Assim reproduzida na recente edição de Latte: *ἐμπεδῆς γαμόρος μάραυν* "Αιδῆς· ἐμπεδον ἔλεγον τὸν "Αιδην, ὡς Ἰππῶναξ ἀντὶ τοῦ †συνεμπέδου †χθόνιος. οἱ δὲ σθτωσ· ὁ "Αιδῆς ἐπιμελής ἐστι γαμόρος καὶ ἀσφαλής, οὐκ ἀμελῶν οὐδενός, ἀλλ' † εἰς τὴν γῆν λαμβάνων † τὴν μερίδα, οἷον τὴν γῆν μερίζόμενος (Trág. adésp. 208). O editor propõe transformar *αντιοντου* dos códices (ἀντὶ τοῦ Bergk) em ἀντὶ χθονίου e eliminar *χθόνιος*. Para sanar a *crux* da parte final sugere ἀλλ' ἐκκάτωι τῆς γῆς λαγχάνων [τῆν] μερίδα κτλ. — A glossa hesiquiana foi abreviadamente retomada por Fócio: *ἐμπεδῆς γαμόρος· τὸν δὲ "Αιδην ἔλεγον· Ἰππῶναξ*.

⁽²³²⁾ *Hesychii Alexandrini Lexicon*, II, Hauniae, 1966, p. 809: «Quid Hiponax dixerit, in corruptis litteris ΟΥΝΕΜΠΕΔΟΥ latet, fortasse compositum a συν- incipiens.»

⁽²³³⁾ *P.L.G.*, II, p. 495.

158 (115 Bgk., 149 Mass.)

θευτίς

Duvidosa uma acentuação iónica *θευτίς*, respeitada — em atenção a *θευτίς* dos códices de Hesíquio — por Bergk, Adrados e nós próprios: é *τευθίς* a prosódia corrente nos códices para o iónico Semónides (13 D.-B.: emendar a grafia para *θευτίς*?) e para os comediógrafos áticos.

159 (116 Bgk., 150 Mass.)

κωνητοποιός

Os códices de Pólux, 10.184, dão *κωννακο-* e *κωννητοποιός*, pelo que a emenda *κωνητοποιός* (em Frisk, *G.E.W.*, s.u. *κάννα*) parecerá, à primeira vista, a mais indicada. Mas, como o primeiro elemento se liga a *κάνης* 'esteira de junco', sempre com a singela, e o uso das geminadas nos códices comporta muitas arbitrariedades (v., por exemplo, no caso de Hipónax, frgs. 42.1 [55.1 Bgk., 59.1 Mass.] *μαρίλ(λ)η* e porventura 164 [122 Bgk., 156a Mass.] *κν(λ)ηβίς*), adoptaremos a grafia *κωνητοποιός*, usada por Bergk (que propõe também, mas desnecessariamente, *κωνηπιλόκος*) e perfilhada por Masson.

159 A

Κασμίλος

Herodian. *Περὶ καθολ. προσωνιδ.* (Hunger, pp. 5, 23) *προπερικπᾶται τὸ 'Κασμίλος' παρ' Ἰππῶνακτι.... τοιοῦτο (-ων cod.: emend. West) δὲ καὶ τὸ Κασμίλος. 'ὄθ γὰρ μὰ (διὰ cod.: emend. West) τὸν Καδμίλον'*

de *Κασμ.*, u. adn. Callim. fr. 723 Pfeiffer.

Fragmento novo, ainda não incluído em edições de Hipónax (v. 61A). A variante *Κασμίλος* do nome deste Cabiro, conhecido geralmente por *Καδμίλος*, e identificado pelos Tirrénios com Hermes,

era já conhecida através de uma citação de Dionisodoro (*F. Gr. H.* 1.68), feita pelo escoliasta de Apolónio Ródio (1.917), e de uma inscrição de Imbros (*I.G.* 12.8.74.4: séc. II). A julgar por uma notícia de Varrão, *L.L.*, 7.34 p. 103.8 Goetz-Schoell, que se refere à menção do deus *Cas-milus* (*-illus* codd.) por Calímaco, o Cireneu (frg. 723 Pfeiffer) teria empregado a forma adoptada por Hipónax. Se assentarmos em que o poeta efésio se serviu exclusivamente de *Κασμίλος*, o fragmento iâmbico (reconhecido como tal por West) οὐ γὰρ μὰ τὸν Καδμίλον é adéspotá: mas não será inoportuno recordar que Licófron, tributário de várias glossas hiponacteias, usou *Καδμίλος* (162 ὁ Καδμίλον γόνος).

162 (119 Bgk., 155 Mass.)

κερκύδιλος

Com base em um artigo de Diels⁽²³⁴⁾, que reputava *κροκνύδ|ε|ι|λος* de Eustátio (855.53) uma forma sem autoridade, proveniente de considerações pseudo-etimológicas; e implicitamente esteado na lição *κροκόδ|ε|ι|λος* de todos os códices do iónico Heródoto (2.69, etc.) — Masson preferiu na sua edição *κροκόδ|ε|ι|λος* do *Etym. Gud.* 348.26 (que cita igualmente o testemunho do Efésio) e condenou⁽²³⁵⁾ *κροκνυδιλος* que havíamos adoptado na nossa. Os recentes fragmentos encontrados no palimpsesto do *Περὶ καθολικῆς προσωνίας* de Herodiano (v. 61A), onde o vocábulo aparece duas vezes (61A, 61B), mostraram que o poeta emprega, afinal, uma terceira forma, *κρεκνύδ|ε|ι|λος*, que a métrica obriga a emendar para *κερκύδιλος*⁽²³⁶⁾. Não se confirma,

⁽²³⁴⁾ *Griech. krockodeilos*, «Indog. Forsch.», 15 (1903-1904), pp. 1-7 (em especial, p. 6).

⁽²³⁵⁾ Crít. cit. (n. 30) da «Rev. de philol.», p. 93.

⁽²³⁶⁾ West, *Notes on newly-discovered fragments* cit. (n. 141), p. 198: e *κεκ-* por *κρεκ-* convém, como dissemos acima (cf. frg. 61A), ao próprio efeito estilístico. — A forma *κρεκνύδ|ε|ι|λος* era já conhecida através do *Etym. Gen.*, s.u. *κροκόδ|ε|ι|λος*, que provavelmente a tomara de Hipónax. Masson, crít. cit. (n. 30) da «Rev. de philol.», p. 93 n. 2, pensava (e cremos que com razão) que esta forma explicaria a variante adoptada por Eustátio. Mas não pode sustentar-se agora a opinião que exprime a seguir: «[...] esta forma isolada deve provir também (como *κροκνύδιλος*) de especulações gramaticais, e duvido muito que estejamos autorizados a ver nela

no entanto, a oxitonia da palavra em Hipónax⁽²³⁷⁾: Herodiano, no passo decifrado por Hunger, diz claramente: *κρεκνύδ|ε|ι|λος ὄνομα προπαροξύνεται [...] παρὰ τοῖς Ἴωσιν, ὡς περὶ παρ' Ἰππώνακτι· καὶ † ἐπλεν κτλ.* [frg. 61A].

163 (121 Bgk., 156 Mass.)

Κυβελίς

Os códices de Tzetzes, *Schol. in Lycophr.* 1170, têm *Κύβηλις* (*Κυβηλίς*), que adoptámos, como Bergk e Adrados (frg. 142), na nossa edição. Masson observa⁽²³⁸⁾, com razão, que a maioria dos manuscritos de Estêvão de Bizâncio, s.u. *Κυβέλεια*, dá, embora sem mencionar o nome de Hipónax, a forma *Κυβελίς*, preferível se nos lembrarmos que se derivava o nome da deusa do nome de uma mítica cidade ou montanha frígia, *Κύβελα*. «Em Tzetzes, a grafia *Κύβηλις* deve provir de relação implícita com uma palavra diferente, *κύβηλις* 'bipene', que é empregada por Licófron e serve de pretexto à citação.»⁽²³⁹⁾

164 (122 Bgk., 156a Mass.)

κνλ(λ)ηβίς

Na fé da edição Schmidt de Hesíquio (Ienae, 1858-1868), Bergk, Adrados e Masson dão *κνλλήβδην* — mas o último assinala prudentemente a *crux*. Como já Musuro e Ten Brink haviam notado, e Latte confirmou, a forma dos códices é *κνλληβην*, que o último editor

uma variação vocálica antiga do primeiro elemento, como admitiu Diels, art. cit. [v. n. 234], p. 7.»

⁽²³⁷⁾ Eustátio, único a afirmá-la (855.53 *εἰ δὲ καὶ ὁ κροκνύδιλος προπαροξύνωνος ἢ κροκνυδιλος ὀξυτόνως μικρὸν αὐτὸν φασὶ ζωύφιον παρ' Ἰππώνακτι, τοιαύτην τινὰ ἐτυμολογίαν ἔχει, εἰδέειν ἂν οἱ παλαιοί*), tem muito menor autoridade.

⁽²³⁸⁾ *Poète Hipponax*, p. 177.

⁽²³⁹⁾ *Poète Hipponax*, p. 177 n. 3. Ten Brink era da mesma opinião. — Cf. Chantraine, *Deux notes sur le vocabulaire comique d'Aristophane*, «Rev. ét. gr.», 75 (1962), p. 390 n. 3.

do lexicógrafo alexandrino (Hauniae, 1953-1966), grafa e acentua *κόλληβιν*, embora a mande confrontar com outra glossa hesiquiana, *κόλληβίς· κολοβή*. Hesitamos agora em adoptar, para Hipónax, como fizemos na nossa edição, a forma *κόλληβίς* (240), porque a geminada poderá ter, em palavras deste tipo, um valor «expressivo». E a oxitonia, provisoriamente mantida, fica sujeita a revisão.

164 A

κύθος·

Tzetz. *Schol. in Aristoph.* Ran. 516b cit. ad fr. 153A.

Fragmento novo, não registado ainda em edições de Hipónax (v. 153A). — *κύθος* é vulgarismo corrente nos cómicos atenienses (por ex. Éupolis, frg. 233.4 Kock; Aristófanes, *Ach.* 782, *Ran.* 430, *Lys.* 1158). Os iambógrafos alexandrinos (Herodas, 2.44, 8.4; Calímaco, frg. 191.98 Pfeiffer (Iamb. 1); frg. col. adésp. 6.1 D.-B.) exemplificam *κυσός* (*κυσός* Teognosto, *Can.* ap. *Anecd. Ox.* 2.72.17 Cramer), que também parece ocorrer em Hipónax, frg. 64.16 (14A.16 D.-B., 92.16 Mass.), sob a forma «expressiva» *κυσός* (241): não já, porém, com o significado, que tem *κύθος*, de *γυναικείον αἰδοῖον*, mas antes com o de *πρωκτός* (242).

166 (124 Bgk., 159 Mass.)

λίος

A redacção da glossa — *Anecd. Paris.* 4.185.30 Cramer *λίος· ὁ λέων· καὶ λίος ἢ γενική, ὡς κίς, κίος. ὡς Ἰππῶναξ* — parece indicar

(240) Indicada por Latte (carta de 25-2-1961), em resposta a uma nossa consulta.

(241) *Hipónax*, p. LXXIII. Confirmação de Masson, crít. a Ardizzoni, *Callimaco «ipponatteo»*, «Ann. Fac. Lett., Fil. e Mag. dell'Univ. di Cagliari», 28 (1960), pp. 3-16: «Rev. ét. gr.», 75 (1962), pp. 300-301.

(242) Cf. a glosa hesiquiana *κυσός· ἢ πύγη ἢ γυναικείον αἰδοῖον*, lat. *cunus*, gal. *cwthr* 'rectum', pers. *kūn* 'traseiro' (Ernout-Meillet, *D.E.L.L.*, s.u. *cunus*).

que o lexicógrafo atribui a Hipónax o emprego do genitivo (243), e não pròpriamente do nominativo desta palavra homérica.

169 A

μύρτον

Tzetz. *Schol. in Aristoph.* Ran. 516b cit. ad fr. 153A.

Hesych. *μύρτος· ἢ μυρρίνη· καὶ τὸ γυναικείον αἰδοῖον. οἱ δὲ τὸ σχίσμα (σχῆμα codd.: emend. Guyet) τῆς γυναικός. Phot. μύρτον τὸ σχίσμα (σχῆμα codd.) τοῦ γυναικείου αἰδοῖου, ὃ τὸ μεταξὺ κλειτοῖς. [. . .] τὸ δὲ χεῖλος ὑποδοῖς, τὸ δὲ κόμπωμα μύρτοχειλῖς (-χειλή codd.). Su(i)d. s. uu. κριθή et μύρτον. Ruf. Ephes. *Onom.* 111 Daremberg (μύρτον). Poll. 2.174 τὸ δὲ ἐν μέσῳ καίρον σαρκίον νύμφη ἢ μύρτον ἢ ἐπίδερς ἢ κλειτοῖς.*

Fragmento novo, que não figura ainda nas edições do poeta (v. 153A). — Embora na citação de Tzetzes se leia *τὸν μύρτον*, o que supõe um nominativo *ὁ μύρτος*, parece preferível distinguir entre o nome do arbusto (*ἡ μύρτος* 'mirto') e o nome do fruto (*τὸ μύρτον* 'baga de mirto'), que em Hipónax, em Sófron (v. a citação de Tzetzes), em Aristófanes (*Lys.* 1004) designa também, por metáfora, o 'clítoris' (244).

171 (131 Bgk., 164 Mass.)

παμφαλῶν (παμφαλῆσαι)

O escoliasta de Apolónio Ródio, 2.127 Wendel, dá *παμφαλῶν* (nosso registo); Tzetzes, *Schol. in Lycophr.* 1162 Scheer, *παμφαλῆσαι* (registo de Masson): mas nem um nem outro dos eruditos antigos

(243) É a opinião de Masson, *Poète Hipponax*, p. 178. Mas Bergk, *P.L.G.*, II, p. 497 (onde se lê *ὁ Ἰππῶναξ* em vez de *ὡς Ἰππῶναξ*), pensava diversamente: «Vtrum Hipponax dixerit, non liquet.»

(244) Como pode ver-se no aparato, Hesíquio tem *μύρτος*, mas os demais lexicógrafos e eruditos, *μύρτον*. Cf. Schwyzer-Debrunner, *Griechische Grammatik*, II, München, 1950, p. 30.

tinha a intenção de citar exactamente a forma verbal exemplificada em Hipónax. Em vez de um destes infinitivos, o Efésio pode ter empregado *ἐπαμφάλησεν*, que é o registo hesiquiano (245).

174 (134 Bgk., 167 Mass.)

κυκοτραγίδης

Desde que, em 1923, G. Meyer (246) se julgou autorizado a extrair da disposição das palavras na citação de Eustácio, 1828.11 *καὶ ῥυποκόνδυλος καὶ κυκοτραγίδης παρὰ Ἴππώνακτι καὶ Ἀρχιλόχοι, διὰ τὸ εὐτελέες, φασί, τοῦ βρώματος*, um argumento em favor da atribuição de *ῥυποκόνδυλος* ao Efésio e *κυκοτραγίδης* apenas a Arquíloco (194 Bgk., 158 L.-B., 269 Tarditi), outros estudiosos se têm mostrado cépticos, ou pelo menos dubitativos, quanto à autoria hiponacteia do fragmento (247). Mas o pormenor de arrumação aduzido não impressiona quem conheça as enumerações caudalosas e incoerentes do Tessalonicense, que tão depressa alinha uma enfiada de termos sem a menor explicação como se detém a comentar este ou aquele e, algumas vezes, a mencionar os autores que os empregaram (248). Ora o composto *ῥυποκόνδυλος* (que deve ser tomado de Aristófanes [frg. 718 Kock] ou de outro cómico ateniense, como Platão [frg. 124.2 Kock]) dispensava perfeitamente os esclarecimentos de Eustácio, visto ser formado por duas palavras comuns e sem implicações especiais de sentido;

(245) Cf., por exemplo, a glosa hesiquiana *ἐξεδίφισεν· ἐξεζήτησεν* e a sua abonação no frg. 81c.8 (85c.8 Mass.). Também aqui o nome do poeta não vinha mencionado.

(246) *Die stilistische Verwendung der Nominalkomposition im Griechischen. Ein Beitrag zur Geschichte der διακτᾶ ὀνόματα*, «Philol.», Supplementband 16.3 Leipzig, 1923, p. 115.

(247) Degani, *crít. cit.* (n. 30), p. 754, entende que deveria ser colocado entre os *incerta*. É essa igualmente a atitude de Masson, *Poète Hipponax*, p. 96: «*incertum an uox Archil. et Hipponactis sit aut unius tantum*»; e p. 180: «*peut-être n'appartient-elle [l'épithète] en fait qu'à un seul des iambographes*». Mais drástico, Marzullo, *Frammenti cit.* (n. 15), p. 135, aconselha a supressão.

(248) Dois exemplos típicos — dependentes, como o citado, do *Περὶ βλασφημιῶν* de Suetónio («*Mélanges*» Miller, Paris, 1868, p. 424) — podem ler-se em 1837.38-42 e 1921.56-1922.2.

não assim *κυκοτραγίδης*, onde, embora os elementos formativos sejam por igual transparentes, ao erudito pareceu vantajoso recordar que o figo era um alimento de baixo preço (*εὐτελής*), para assim sugerir que a 'vergõntea dos rilha-figos' seria um nobre decaído... como os rafa-nófagos portugueses de Clenardo (249).

κυκοτραγίδης é, quase de certeza, um neologismo de Arquíloco, que antecipa o gosto dos cómicos por estas formações grandiloquentes (82.10 L.-B., 114.10 Tarditi; *Ἀρχιλοκίδη*, 85.2 D.-B., 217.2 L.-B., 185.2 Tarditi; *Βαθουσιάδη*, 107.1 D.-B., 153.1 L.-B., 162.1 Tarditi; *Ἐρασιμονίδη*, 81.1 D.-B., 224.1 L.-B., 188.1 Tarditi; *Κηρουκίδη*, *218 L.-B., *186 Tarditi; *Κελλητίδη*): mas nada obsta a que tenha sido retomado por Hipónax, que exemplifica a mesma tendência (121.1 [77.1 D.-B., 128 Mass.] *Ἐὐρυμεδοντιάδη*), e se refere, no frg. 39.5 (39.5 D.-B., 26.5 Mass.), a um indivíduo que a prodigalidade reduziu à miséria e constrangeu a «rilhar figos por conta (*κῶκα μέτρια τρώγων*) e roscas de cevada, pasto dos escravos».

176 (136 Bgk., 169 Mass.)

ῥκη

Lê-se *ῥκη* na edição de Masson: mas a forma masculina está muito melhor atestada (Antímaco ap. Ateneu, 7.304e; Filetas, 20; e Calímaco, frg. 394 Pfeiffer [e talvez 509 Pfeiffer: conjectura de Bentley]: uma reminiscência do iambógrafo?) e deve ser preferida para Hipónax (250).

(249) Mas Bartalucci, *Hipponactea cit.* (n. 29), p. 250, prefere dar ao composto um significado obsceno, que outros fragmentos do poeta e um epigrama de Filipe na *Anth. Pal.* 16.240 lhe permitiriam confirmar. Cremos, porém, que a expressão *κῶκα μέτρια τρώγων* do frg. 39.5 (39.5 D.-B., 26.5 Mass.) torna menos provável essa interpretação.

(250) Como reconhece o próprio Masson, em carta que nos dirigiu (24-10-1965). Cf. Strömberg, *Studien zur Etymologie und Bildung der griechischen Fischnamen*, Göteborg, 1943, p. 110.

178 A

χοῖρος

Tzetz. *Schol. in Aristoph. Ran.* 516b cit. ad fr. 153A.

Fragmento novo, ainda não incluído nas edições do Efésio. — O termo, designativo, neste caso, dos ἀπόρρητα femininos (cf. lat. *porcus*), é, como se sabe, de emprego frequente nos comediógrafos atenienses, que jogam muitas vezes com o significado equívoco da palavra (famoso, entre todos, o trocadilho prolongado de Aristófanes, *Ach.* 764 ss.) e dos seus derivados.

*179 (1 D.-B., 1.2 Mass.)

ὦ Κλαζομένοι, Βούπαλος † κατεκτευνεν

Há discordância nas fontes sobre a final deste fragmento colíambico, citado sem nome de autor, mas geralmente atribuído a Hipónax, como sugere a menção dos Clazoménios e de Búpalo: os códices de Plócio Sacerdote dão *καθεινε* e *καθηνε*; os de Rufino, *κατεκτευνεν* e *κατεκτευνεν*. Com base nos primeiros, Bergk³ arriscou a engenhosa conjectura *κᾶθηνις*, que pareceu confirmada pela menção do nome de Aténis no Oxy. Pap. 2174.1.11 (col. 2) *ᾶθηνι* (frg. 66.1 [70.11 Mass.]), e foi acolhida por Diehl-Beutler, Adrados, Medeiros e Masson. Anos volvidos, porém, o editor germânico, repeso do abandono a que votara os códices de Rufino, tentou, na quarta edição dos *Poetae Lyrici Graeci*, outra solução, *κατήσκυνεν*, «melhor fundada do ponto de vista paleográfico» (251), mas que está longe de satisfazer como forma e como sentido. Diehl, quer na primeira, quer na segunda edição da *Anthologia*, escreveu *κατέκτευνεν*: a solução foi aceite por Schmid (252) e por Terzaghi (253), embora tenha o inconveniente, por sua vez, de negli-

(251) Morelli, *crit. cit.* (n. 30), p. 376.(252) *Geschichte der griechischen Literatur*, I¹, München, 1929, pp. 399-400 e n. 13.(253) *L'odio di Ipponatte* cit. (n. 8), pp. 232-233. O filólogo italiano traduzia *κατέκτευνεν* por 'arruinava', 'matava moralmente': interpretação que não convence.

genciar a lição dos códices de Plócio Sacerdote. Enquanto não aparecer melhor correccção, códice mais esmerado, ou o texto (hiponacteu?) de onde este verso foi extraído, parece preferível assinalar a *crux* (254).

*180 (*64 D.-B., 29 Mass.)

ἀνὴρ ὅδ' — ἐσπέρησ κατεύδοντα
ἀπ' ὧν ἔδυνε — — — χλούνην

Sobre o problema da autenticidade deste fragmento escrevemos o seguinte em *Hipónax*, pp. LIII-LIV: «Schneidewin foi o responsável pela atribuição [...] ao Efésio; o escoliasta B de Homero, que o cita (I 539), dá-o apenas como da autoria «de um dos iambógrafos antigos». Porque de colíambos se trata, logo se pôe, com muita probabilidade, a candidatura de Hipónax: ainda que, em teoria, o nome de Anânio, seu contemporâneo e imitador, pudesse convir também. A matéria do fragmento — um picaresco assalto ao cair da noite (cf. Herodas, 2.13-14) — está igualmente de acordo com o mundo de *λωποδύται* e *πονηροί* que Hipónax frequentou e descreveu: o molde é aproximável, sem esforço, do utilizado no frg. 65.6-7 (65A D.-B., 70.6-7 Mass.) — τὸν θεοῖς<ω> ἐχθρὸν τοῦτον: ἀνὴρ ὅδ(ε); κατευδούσης/: κατεύδοντα/; τὸν βρούσσον: χλούνην —; e ἀπ' ὧν ἔδυνε, no início do verso, lembra ὅπ' ὧν ἔδέψατ(ο), também início de verso no frg. 74.46 [III.16 D.-B., 78.16 Mass.] (notar a «tmese» em um e em outro caso). Dificil acreditar que tudo seja obra do acaso.» Posteriormente Morelli (255) manifestou «fortes dúvidas» sobre a paternidade hiponacteia, baseando-se apenas no facto de que o emprego de ὅδε, no v. 1, não está atestado para outros fragmentos do iambógrafo: o argumento parece algo débil, porque, se é certo que tal demonstrativo não ocorre nos textos que se conhecem do poeta (mas estes representam uma parte mínima

(254) Putsch, o editor de Plócio Sacerdote, sugeriu que o verso ὦ Κλαζομένοι κτλ. fosse uma simples variante do frg. 90.15 (13 D.-B., 95.15 Mass.) ὡς οἱ μὲν ἀγέ Βουπάλοι κατηρώντο: e a ideia, embora peregrina, não desagradou a Knox (*Herodes*, p. 3), o qual, no entanto, preferia atribuir a Calímaco os dois versos ἀκούσαθ' Ἴππώνακτος κτλ. e ὦ Κλαζομένοι κτλ.(255) *Crit. cit.* (n. 30), p. 372.

dos *Iambos*: não temos mais de seis versos seguidos em estado de perfeita, ou quase perfeita, integridade!), não se vê por qual motivo devesse estar ausente dos mesmos — quando *οὔτος* e *κείνος* neles figuram algumas vezes (*οὔτος* em posição idêntica à de *ὅδε*, como vimos acima) e *ὅδε* é pronome corrente em Arquíloco (treze exemplos na edição de Tarditi), atestado em Semónides (7.30 e 11.1 D.-B.), frequente em Herodas (256). Talvez que o fragmento não seja de Hipónax (por isso mantemos a colocação entre os *incerta*) — mas quem o escreveu era, pelo menos, assíduo leitor do iambógrafo de Éfeso: de outro modo não sabemos explicar aquele «ar de família» na escolha dos assuntos e na arrumação das palavras, que já apontámos acima e que seria fácil reconhecer noutros fragmentos, por exemplo 18.2 (21.2 D.-B., 16.2 Mass.) *κνεφαῖος ἔλθων ῥωδιῶι κατηρλίεθην* (cf. *ἐσπέρης κατεύδοντα*) e 75.19 (IV.19 D.-B., 79.19 Mass.) *ἄνθρωπον εὔρε τὴν κτέγγην ὀφέλλοντα* (cf. *ἄνηρ ὅδ' ἐσπέρης κατεύδοντα*). Repropor a candidatura de Anânio, uma vez que a fonte indica um iambógrafo *antigo*? (257) Mas é tão conceituoso e insípido este imitador de Hipónax (reanimado apenas quando se ocupa de gastronomia) que nos não sentimos inclinados a favorecer a aventurosa atribuição.

Tem razão Morelli, no entanto, em afirmar (258) que é «absolutamente inaceitável» a reconstrução do v. I proposta por Dindorf (— *ἄνηρ ὅδ' ἐσπέρης κατεύδοντα*) e aceite por Diehl, Adrados, Medeiros e Masson: os iambógrafos antigos, e os seus melhores seguidores, evitam com cuidado a elisão na cesura pentemímere (259). Assim, ou se deverá supor a existência de uma lacuna depois de *ὅδ(ε)*, como indicamos acima, ou — «com muito menor verosimilhança» — depois de *ἐσπέρης*: *ἄνηρ ὅδ' ἐσπέρης — κατεύδοντα*.

(256) Embora menos que *οὔτος*: cf. Bo, *La lingua di Eroda* cit. (n. 125), p. 85 (onde, por lapsos, se diz que *ὅδε* ocorre apenas nove vezes no iambógrafo alexandrino, quando pelo índice da edição de Headlam-Knox se vê que são dezassete).

(257) Bergk, *P.L.G.*, II, p. 482, sugeriu também o nome de Xenófanes, citado logo a seguir pelo escoliasta (se é lícito emendar em *Ξενοφάνην* o *Ξενοφῶντα* que se lê nos códices). O filósofo foi autor de *Ἰάμβοι*: ignoramos, no entanto, se escreveu colíambos.

(258) Crít. cit. (n. 30), p. 372.

(259) Maas, *Greek metre* cit. (n. 122), p. 88. Exceptua-se o caso de *δέ*, proxímadamente antecedido de uma pausa forte, sublinhada em regra por um sinal de pontuação, como em Arquíloco, 22.3 D.-B. (15.3 L.-B., 22.3 Tarditi) *θεῶν ἔργα, μεγάλης δ' οὐκ ἔρεω τυραννίδος* (Morelli, «Maia», 12 [1960], p. 137).

*181-183 (Archil. 79ab - 80 D.-B.; 115-117 Mass.)

Depois dos artigos importantes de Perrotta (260), que a discordância de Cantarella (261) não conseguiu abalar, e de Masson (262), que abandonou a tese «separatista» pela «unitária», o intrincado problema dos epodos de Estrasburgo pareceu, durante algum tempo, resolver-se a favor do iambógrafo de Éfeso: Lasserre (263) apartou-os da sua edição de Arquíloco (264); Adrados (265), Medeiros (266) e Masson (267) incluíram-nos nas suas edições de Hipónax. Últimamente, porém, a tese de Cantarella adquiriu novos partidários: primeiro, Kirkwood (268); depois, Marzullo (269); e, enfim, Tarditi (270). Não foram invocados, todavia, argumentos diversos daqueles que tantas vezes têm sido discutidos: Kirkwood insistiu na possibilidade de os dois fragmentos principais (o frg. *182 é praticamente inutilizável) fazerem parte de uma antologia; Marzullo e Tarditi declararam-se convencidos de que «uma profunda diferença tonal» separa os dois epodos e que, por isso, o primeiro deve ser dado a Arquíloco, o último a Hipónax. Estamos longe ainda, como se vê, da almejada solução que, muito provavelmente, só um dado providencial poderá oferecer: a prudência mais

(260) V. nn. 6 e 7.

(261) V. n. 10.

(262) V. n. 12.

(263) V. n. 14. Na edição Budé de Arquíloco (*Fragments*, Paris, 1958), o texto foi estabelecido por Lasserre, traduzido e comentado por Bonnard.

(264) Mas Treu, *Archilochos*, München, 1959, pp. 224-228, manteve-se fiel à teoria de Reitzenstein, que atribuía os dois epodos a Arquíloco. E E. Fraenkel, *Horace*, Oxford, 1957, pp. 31-32 (com a n. 2), confessa-se partidário da atribuição do primeiro epodo a Arquíloco; quanto ao segundo, contesta a paternidade hiponactea (v. infra, n. 288).

(265) *Líricos griegos* cit. (n. 9), pp. 61-63.

(266) *Hipónax*, pp. 240-249. Na discussão do problema, feita a pp. LV-LIX, concluíamos do seguinte modo: «As dúvidas subsistem e subsistirão enquanto um código ignorado ou um novo papiro não vier dissipá-las: entretanto, o peso maior dos argumentos inclina a balança a favor de Hipónax.» Os famigerados epodos figuram, apesar disso, entre os *ἀμφιβητήριμα* da nossa edição.

(267) *Poète Hipponax*, pp. 83-84 (onde os epodos abrem o livro II dos *Iambos*). Breve referência ao problema da atribuição a pp. 158-159 (cf. também p. 39).

(268) V. n. 15.

(269) V. n. 15.

(270) V. n. 15.

elementar continua a impor que, na expectativa, estes fragmentos se considerem ἀμφιβητήριμα, como os apresentámos na nossa edição, ou melhor ἀδέσποτα, como lembrou Page (271).

EPODO I

I	.[
II	η[
1	π.[ψ[...]....
		κύμα[αυ] πλαζόμενος·
		κἄν Καλυδ[αυ]ῶν γυμνῶν εὐφρονες[
		Θρήκες ἀκρό[κ]ομοι
5		λάβοιεν — ἔνθα πόλλ' ἀναπλήσει κακὰ
		δούλιον ἄρτον ἔδων —
		ῥίγει πεπηγότ' αὐτόν· ἐκ δὲ τοῦ χυλόου
		φυκία πόλλ' ἐπιχέροι,
		κροτέοι δ' ὀδόντας ὡς [κῶ]ν ἐπὶ ττόμα
10		κείμενος ἀκροατήρι,
		ἄκρον παρὰ ῥηγμῖν' ἀκυμάντωι [.].ι·
		ταῦτ' ἐθέλοιμ' ἄν ἰδεῖν
		ὅς μ' ἠδίκησε, λ[ά]ξ δ' ἐπ' ὄρκιοις ἔβη,
		τὸ πρὶν ἑταῖρος [έ]όν.

À parte o caso de εὐφρονες[, que será tratado mais abaixo, as únicas diferenças entre a nossa edição e a de Masson encontravam-se nos vv. 2 e 11.

2: Med. κύμα[αυ], segundo Reitzenstein: Mass. κύμα[αυ], de acordo com Cantarella (272). A nossa preferência por κύμα[αυ] baseava-se nos modelos homéricos — ε 388-389 κύματι πηγῶν / πλάζετο (cf. ψ 235 κύματι πηγῶν) e Φ 268-269 μέγα κύμα ... / πλάζ' ὄμοις καθύπερθεν — que estiveram presentes ao espírito do autor do epodo. Mas a conjec-

(271) V. n. 16.

(272) *Gli epodi di Strasburgo* cit. (n. 10), p. 24: Cantarella lembrava o v. 11 (onde lia παρὰ ῥηγμῖνα κυμάτων) e Arquilocco, frgs. 21 D.-B. (282 L.-B., 21 Tarditi) κυμάτων ἐν ἀγκάλαις e 56.1-2 D.-B. (103.1-2 L.-B., 91.1-2 Tarditi) κύματι ταράσσεται / πόντος. Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 15), p. 24, era igualmente favorável ao emprego do plural: «in ε 388 (cf. ψ 235) ricorre κύματι πηγῶν / πλάζετο, ma si tratta di una onda qualificata, perciò 'singolare'».

tura de Cantarella foi confirmada, de modo decisivo, por uma reminiscência de São Gregório de Nazianzo, in *Anth. Pal.* 8.210.1-2 πολλάκι ναηγοῦτο δέμας κατέχωσεν ὀδίτης / κύμασι πλάζόμενον, πολλάκι θηρολέτου, recentemente observada por Degani (273).

11: Med. ἄκρον παρὰ ῥηγμῖν' ἀκυμάντων [.].ι. ν
Mass. ἄκρον παρὰ ῥηγμῖνι κυμαντῶι [.].ι. ι

A lição do editor francês apresenta dois inconvenientes (274): obriga a supor um erro no papiro (onde efectivamente se lê ρηγμῖνα, e não ῥηγμῖνι, que é alteração de Cantarella), e a existência — nunca atestada — de um adjectivo *κυμαντός. Objecta Masson (275) que «a significação, de algum modo favorável,» de ἀκυμαντος lhe «parece não convir ao espírito deste passo». Outra é, porém, a nossa opinião: se as ondas continuassem a despedaçar-se em fúria contra a praia, o inimigo do poeta experimentaria, até, um sentimento de reconforto por ter escapado ao abraço da morte; mas se o mar, depois de ter flagelado duramente o infeliz, se mostrar agora manso como um lago, a irrisão da sorte será, para o escravo dos Trácios, muito mais pungente.

Por outro lado, o exemplo de Eurípidés, *Iphig. Taur.* 253 ἄκραι ἐπὶ ῥηγμῖνιν ἀξένου πόρου (cf. frg. col. parem. adésp. 6 Knox ἄκραι ἐπὶ ῥηγμῖνιν Εὐξείνου πόντου); e o facto de ῥηγμῖνι vir sempre acompanhado de uma determinação em genitivo (ἄλος, θαλάσσης, πόντου, πόρου) — induziriam a preferir uma forma ἀκυμάντων (seguida, no papiro, de uma palavra de cinco letras: [π]ό[ρ]ον, como sugeriu Colonna (276) e convinha efectivamente à posição de Salmidesso sobre o Bósforo?). Mas não pode esquecer-se que um especialista eminente como Schwartz, provido dos mais modernos processos técnicos de leitura de papiros, se pronunciou, embora com as dúvidas que o estado do texto justifica, por uma final -τωι [.].ι.ι (em discordância parcial com a opinião dos primeiros editores, que propuseram -τω[ν δ]μρῶ). Recentemente consultado por nós, o douto papirologista confirmou

(273) *Archil.* 79a, 2 D.-B., «Quad. Ist. Filol. Gr.» (Univ. Cagliari), 2 (1967), p. 3.

(274) Já apontados por nós, crít. cit. (n. 30), pp. 566-567, e por Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 15), pp. 26-27.

(275) Crít. cit. (n. 30), p. 94.

(276) *L'antica lirica greca* cit. (n. 68), p. 113.

a opinião expressa em 1951 (277): «A última letra é um *ι* e, de qualquer maneira, não pode ser um *υ*. *τωι* continua duvidoso, porque este grupo de três letras ocuparia um espaço ligeiramente exagerado, atentas as dimensões dos outros caracteres. A leitura de Reitzenstein [*ακνυματω . . μωυ*] é absolutamente impossível. [...] Outra certeza negativa: *ακνυμαντων* também não é possível.» (278) Nestas condições, só nos resta escrever, de acordo com a última leitura de Schwartz,

ἄκρον παρὰ ὄηγγμῖν ἄκνυμάντων .[.]. ι

e aguardar que outro papiro ou códice ignorado se encarreguem de resolver o enigma das sílabas finais.

Não são estes dois passos, todavia, os únicos que ainda hoje podem criar dificuldades aos editores do epodo. No v. 3, Diehl-Beutler, Medeiros, Masson, e agora Tarditi, escrevem, de acordo com a leitura recente de Schwartz (que neste ponto concorda com a dos primeiros editores) *εὐφρονες*[-]; Diehl-Beutler e Masson aproveitam mesmo a integração *εὐφρονές[τατα]* de Diels, que Perrotta (279) traduz por 'do modo mais benevolente', 'com toda a gentileza' e comenta nestes termos: «a expressão, com aquele superlativo, é sarcástica: bem se imagina que benevolência o naufrago pode esperar dos Trácios, bárbaros e ferozes». Adrados, no entanto, preferiu *εὐφρόνων*[-] (*μάλα*) de Cantarella (cf. Píndaro, *Pyth.*, 10.40; Ésquilo, *Ag.* 351, 849, *Pers.* 837; Eurípides, *Hipp.* 793); e Marzullo, *εὐφρόνην* [*κάτα*] (cf. Ésquilo, *Pers.* 221; Sófocles, *El.* 259) de Del Grande. Argumenta Marzullo (280) que *εὐφρονέστατα* não está atestado (o que é efectivamente um embaraço) (281) e que «o sarcasmo seria inesperado» — porquanto «l'intero epodo è mosso da un sadismo piú che esplicito, scoperto» (e aqui não vemos que sarcasmo e sadismo se excluam necessariamente). Mas *εὐφρόνη*, na

(277) Data do artigo de Masson, *Encore les épodes de Strasbourg* cit. (n. 12), em que o texto destes fragmentos é publicado de acordo com a leitura de Schwartz.

(278) Carta de 20-11-1968. Se *ἄκνυμάντων* não é possível, cremos que o mesmo se poderá dizer de *ἄκνυμαντων* de Gentili (*Polinnia* cit. [n. 55], p. 111).

(279) *Polinnia* cit. (n. 55), p. 110.

(280) *Frammenti* cit. (n. 15), p. 25.

(281) Como já observara Cantarella, *Gli epodi di Strasburgo* cit. (n. 10), p. 23: as formações em *-έστερος*, *-έστατος*, embora difusas em iónico e em dórico, só se tornam do uso comum na língua ática, e quase exclusivamente na prosa.

designação eufemística de 'noite' (282), seria, como reconhece Marzullo, «o único contacto, em todo o epodo, com a língua de Hesíodo» (*Op.* 560; cf. Píndaro, *Nem.* 7.3); e, estilisticamente, o seu emprego parece inadequado às circunstâncias do texto. Além disso, o papiro tem *εξ* (talvez *ω*), não *ηη*. *εὐφρόνω*[-] de Cantarella (Adrados) (283), que Schwartz não enjeita em último recurso (284), esquivaria, ao mesmo tempo, as dificuldades de *εὐφρονές[τατα]* e *εὐφρόνην*[-].

No v. 8, o papiro tem, segundo a leitura de Schwartz, *επιχοι*, forma aticizante que Masson, na esteira de Cantarella, emendou para *επιχέχοι* (texto aceite, desde então, por todos os editores, inclusivamente pelo último, Tarditi). Gentili (285) preferiria regressar à correcção *επέχοι*, de Reitzenstein, pelas seguintes razões: *a*) no modelo homérico — *I 7 πολλὸν δὲ παρ' ἔξ ἄλλα φῦκος ἔχενεν* —, o sujeito é *κῦμα* (*ἄμυδις δὲ τε κῦμα κελαινὸν / κορβύεται, πολλὸν κτλ.*); no epodo, e de acordo com a leitura *επιχέχοι*, seria o naufrago; *b*) ora não parece verosímil que se trate do naufrago, porque este, esgotado de forças, matraqueando os dentes de frio, jaz de rojos sobre o cairel da praia; *c*) o objecto directo deverá ser *αὐτόν*, que vem imediatamente atrás, pelo que é razoável supor que o sujeito seja *φυκία πολλά*; *d*) o valor de *ἐκ* em *ἐκ δὲ τοῦ χυρόου* (v. 7) não está documentado para Hipónax. Mas a estas objecções pode responder-se que: *a*) o autor do epodo adaptou o modelo às exigências da sua construção, onde *ὄγει*.... *επιχέχοι*.... *κοπέοι* têm o mesmo sujeito, que é o naufrago; nem parece fácil de aceitar uma mudança brusca de sujeito entre *ὄγει* e *κοπέοι*; *b*) é perfeitamente natural que o naufrago, mesmo esgotado e de borco, fizesse, ao tiritar de frio, os movimentos bastantes para espalhar à sua volta as algas que o cobriam: algumas, pelo menos,

(282) Marzullo entende como Klinger — *De Archilochi fragmento* cit. (n. 13), p. 41 (onde, no entanto, se adopta *εὐφρόνης* [*κρότωι*] de Schulthess) — que «il naufrago, se di notte, certo sarebbe il colmo della sciagura».

(283) Recorde-se que, por sinal, Blass, *Die neuen Fragmente* cit. (n. 3), p. 343, propunha a leitura *ω* em vez de *εξ* de Diels (que ele considerava «gänzlich unsicher»); mas com a intenção de obter mais um argumento a favor da autoria hiponactea dos epodos: *εὐφρόνων* [*βροτων*] do primeiro seria paralelo a *ἄριστα βροτων* (v. 4) do último...

(284) Escreve o papirologista francês em carta de 20-11-1968: «Au vers 3, les deux derniers signes sont bouclés et c' est presque sans hésitation que je maintiens: *εὐφρονες*[-]. S'il devait y avoir le moindre doute, la seule solution de rechange possible est: *εὐφρονω*[-]»

embora o poeta, forçando as tintas, escreva *πολλά...*; c) *αὐτόν* é objecto de *λάβειν* (v. 5) e nada tem que ver com *ἐπιχέροι*; d) é certo que um valor de *ἐκ* idêntico ao do texto não está documentado para Hipónax: mas quem nos assegura, afinal, que o texto pertence ao Efésio? ou que, se lhe pertence, esse valor não estaria exemplificado na parte perdida, sendo, como é, corrente em Homero? — Conservaremos, portanto, a lição *ἐπιχέροι*, que, ao contrário de *ἐπέχει*, tem a vantagem, como observou Cantarella, de estar ligada a *ἐχευεν* do modelo homérico.

EPODO II

I]	..[.]..[
1	ἢ	χλαῖν[α.....φ]άτην [..... κυστόν ἐόντα] φιλεῖς ἀγχοῦ καθῆσθαι· ταῦτα δ' Ἴππωνά[ο]ῖδεν ἄριστα βροτῶν·
5	οἷ]δεν	δὲ κἀρίφαντος (ἄ μάκαρ ὅτ[ι οὔδαμά πως εἶδε τ]ρ[άγ]ου πνέοντα φῶρα), τῶι κυτρεῖ [
		Αἰσχυλίδην πολεμεῖ·
10	ἐκαῖνος	ἦμερσε[.....]ης· πᾶς δὲ πέφρηγε δόλος·
].-[

Pequenas, e pouco significativas, eram as diferenças entre a nossa edição e a de Masson:

2: Med. *κῆρυτον*, segundo Reitzenstein (Perrotta): Mass. *κυστόν*, de acordo com Coppola (Cantarella);

3: Med. Ἴππωνά[: Mass. Ἴππῶνα[ξ;

7: Med.]ρ [..]ον; Mass. τ]ρ[όμ]ον, suplemento de Cantarella.

Pode eliminar-se, desde já, em favor de *κυστόν*, a primeira dessas diferenças: é convincente, de facto, a integração proposta por Marzullo⁽²⁸⁶⁾ *κυστόν ἐόντα* φιλεῖς, que revela, uma vez mais, a propensão do autor do epodo para parodiar a linguagem homérica — cf. *A 426*

(285) Polinnia cit. (n. 55), p. 110.

(286) Frammenti cit. (n. 15), p. 140.

κυστόν ἐόν κορυφοῦται (κῶμα)⁽²⁸⁷⁾ —, adaptando frases de embocadura épica a circunstâncias de rasteiro naturalismo.

Não assim, por enquanto, as outras duas. Ἴππωνά[será Ἴππῶνα[ξ (o poeta? ou um seu homónimo, como é provável, se o epodo lhe não pertencer?)⁽²⁸⁸⁾; mas a sugestão Ἴππωνά[κτίδης (um patronímico evidentemente burlesco: cf. no v. 8 *Αἰσχυλίδην*)⁽²⁸⁹⁾, feita por Maas, tornou menos óbvio um suplemento que parecia inevitável.

É improvável que o suplemento τ]ρ[όμ]ον de Cantarella se venha a impor. Pode a existência de *πολεμεῖ* no v. 8 estimular alguns a inserir, neste lugar, uma palavra designativa de 'bravata assustadora' (cf. *B 536, Γ 8, A 508*, etc. *μένεα πνείοντες*, Hesíodo, *Th. 319 πνέονσαν πῶρ*, Ésquilo, *Ch. 33 κότον πνέων*, Aristófanes, *Ran. 1016 πνέοντα δόρον καὶ λόγγα*); recorde-se, porém, que, nos exemplos homéricos (*Γ 34, Z 137, H 215, ε 88*, etc.) e trágicos (Ésquilo, *Ch. 463*; Eurípides, *Bacch. 607*, etc.) do nosso conhecimento, *τρόμος* indica 'o estremecimento, o arrepio de temor' que o indivíduo experimenta diante do perigo; em *τρόμον πνέοντα* teríamos, em vez desse sentimento ... padecido, o 'temor expirado' sobre os outros: o que, sem ser pròpriamente uma estranheza, se desejaria, no entanto, ver documentado noutros textos. Ora não é obrigatório que *πνέω* se acompanhe de ideias de violência e de temor: em Homero (*δ 446 ἠδὲ μάλα πνείονσαν*, sc. *ἀμβροσίην*, que elimina o trescalar das focas), em Sófocles (frg. 565.3 Pearson [140.3 Nauck] *οὐ μύρον πνέον*), em Aristófanes (frg. 319 Kock *ἐνέπνευ(ε) τοῦ μύρον καὶ βακκάριδος*), por exemplo, a palavra

(287) E, para a estrutura, Arquíloco, frg. 108 D.-B. (156 L.-B., 163 Tarditi) *φιλέειν κυττόν περ ἐόντα*, também oportunamente citado por Marzullo, *ibid.*

(288) E. Fraenkel, *Horace* cit. (n. 264), pp. 31-32 n. 2, é peremptório na negativa: «I cannot admit that the context in which the name occurs [...] makes it possible to assume that Ἴππῶνα[ξ or Ἴππωνά[κτίδης (P. Maas) is the name of the poet. Ἴππωνά.... and the disgusting Ἀρίφαντος are, in two strictly parallel clauses, put on the same footing. Ariphantos is clearly an enemy of the speaker; how, then, could Ἴππωνά.... be the speaker himself? As Leo said, *De Hor. et Archil. 7*, «Hipponactis alicuius nomen cum aliis poetae inimicis in altero fragmento commemoratum etiam certius ostendere ei [i.e. to Reitzenstein, who implied by this treatment of the passage what Leo said explicitly] uidebatur hos uersos non Hipponactis esse.»

(289) Discórdancia de Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 31), p. 141: «Colmare la lacuna con un ingegnoso Ἴππωνά[κτίδης significa tirare in ballo, complicando, un discendente del poeta!»

também se refere a odores: e a odores respeita exactamente um passo do epigramatista Lucílio, in *Anth. Pal.* 11.240.2 *τοὺς ὀσμῆσαιμένους πνεῖν πεποίηκε τράγου* (290), que pode ser inspirado neste passo do epodo. E não tem consistência a objecção, apresentada por Cantarella, de que o rescendor hircino se não vê (cf. v. 6 *οὐδαμὰ πως εἶδε*) — porque, na expressão do poeta, não é ao rescendor que almejam furtar-se os olhos (e o nariz!...): é ao delinquente (*φῶρα*) que o transporta ... e exala. Mas quem tiver dúvidas sobre a oportunidade do suplemento τ[ρ]άγου, que é de Diehl, poderá, como fizemos na nossa edição, abster-se de preencher as letras delidas do papiro.

Diremos, por último, que, no v. 1, parece entrever-se uma palavra realmente adaptada ao lúrido ambiente do epodo, φ]άρνη (sugerida por Masson no aparato, registada com firmeza por Marzullo); e que, no v. 6, onde os dois últimos editores escrevem, de acordo com a acentuação κῶ do papiro, κῶ ᾿ εἶδε, se deverá, contrariando a interpretação do escriba, adoptar *πως εἶδε*: se o pronome, que tornaria mais vibrante a exclamação do poeta, estivesse de facto presente, seria de esperar, na sequência, um vocativo, e não o apositivo *φῶρα*; além disso, no escólio marginal colocado sobre a parte final do v. 6 (*ἄ μάκαρ ὄτ[ις]*), lê-se *μακάριος ὅς τόν*, sem referência ao pronome suposto no texto (291).

*184 (*72 D.-B., 122 Mass.)

Μητροτίμωι δηδῆτέ με χοῆ τῶι κότῳι δικάζεσθαι

Seguindo o exemplo de Ten Brink, Masson ajuntou no mesmo fragmento, sem qualquer indicação gráfica de interrupção de sentido, este verso, citado sem nome de autor (mas atribuído por Meineke

(290) Cf. também Juliano, in *Anth. Pal.* 9.368.3 *κῆνος νέκταρ ὄδωδε· εὐ δὲ τράγου*; Galeno 14.57 *τραγίλειν*; Aristófanes, *Pax* 811 *τραγομάσχαλος*; Catulo, 69.3; Horácio, *Epod.* 12.4-5; Ovídio, *Ars am.* 3.193; Marcial, 6.93.3.

(291) A argumentação pertence a Marzullo, *Frammenti* cit. (n. 31), pp. 141-142. A maioria dos editores (Reitzenstein, Diehl, Cantarella, Adrados) preferia, de resto, a lição *πως εἶδε*.

a Hipónax), e o frg. 117 (73 D.-B., 123 Mass.) *καὶ δικάζεσθαι Βίαντος τοῦ Πριμῆος κρέσσον*, que, com a menção explícita do poeta, figura em citações de Estrabão (14.1.12), Diógenes Laércio (1.84) e da Su(i)da (s.u. *Βίαντος Πριμῆως δίκη*, cf. *δικάζεσθαι κτλ.*).

Como Masson, também pensamos que o fragmento *Μητροτίμωι κτλ.* é muito provavelmente hiponacteu (292): mas a junção proposta parece-nos forçada e, do ponto de vista estilístico, não convincente (293).

*185 (118.16 Mass.)

γυναικ[οπί]πης

Este hápax — já conhecido através de Eustátio, 851.54 (que não indica a sua fonte) — reapareceu no Comentário anónimo a Hipónax (Oxy. Pap. 2176.6.6) de que saíram os frgs. 113 (X D.-B., 118 Mass.) e 114 (XII D.-B., 118.18 Mass.): Maas (294) atribuiu-o a Hipónax, e Masson aceitou a proposta. Trata-se, realmente, de uma paródia do homérico *παρθεν-οπίπης* (A 385) e deve ter servido de modelo a *ἀρρεν-οπίπης* (em Eustátio, 827.30, sem nome do autor); *παιδ-οπίπης* do colíambógrafo Hermias de Cúrion (ap. Ateneu, 13.563e; p. 274 Knox), considerado um imitador de Hipónax (295); *οἰν-οπίπης*, atribuído pela Su(i)da e pelo escoliasta a Aristófanes, *Thesm.* 393 (onde, no entanto, se lê *οἰνοπότιδας*); e *πυρ-οπίπης*, Cratino, frg. 340 Kock, Aristófanes, *Eq.* 407.

(292) *Hipónax*, p. LIV.

(293) Os exemplos hiponacteus de repetição de palavra de um verso para outro, citados por Masson, *Poète Hipponax*, p. 127, não são comparáveis ao caso de *δικάζεσθαι*, que encerraria um verso e abriria praticamente o seguinte (*δικάζεσθαι / καὶ δικάζεσθαι*): no frg. 1 (34-35 D.-B., 38 Mass.) *πάλλμυ* está em posição final em um e em outro verso; em 6.2-3 (25.2-3 D.-B., 34.2-3 Mass.) *δασειῶν* é cavalgamento do v. 2, *δασειῶν* final do v. 3; em 90.3-4 (95.3-4 Mass.) *Βουπάλοι...* / *Βούπαλον* estão no meio de dois versos contíguos; em 115-116 (70 D.-B., 120 Mass.) *κόφω* está no meio do primeiro verso, *κόπτων* no fim do segundo (notar, nos três últimos exemplos, a *uariatio* flexional). Cf. n. 36.

(294) *Commentarii in Hipponactem* cit. (n. 17), p. 133.

(295) Masson, *Poète Hipponax*, p. 164 e n. 6. Mas são tão escassos os fragmentos de Hermias (seis versos por junto!) que não é possível verificar essa imitação (frg. 1.1 D.-B. *ἀκούσατ', ὦ Τύρακες* imita Calímaco, frg. 191.1 Pfeiffer: com a reminiscência de ὦ *Κλαζομένοι* do frg. *179 [1 D.-B., 1.2 Mass.]?).

*186 (152 Mass.)

κραδηκίτης

Com razão se tem observado ⁽²⁹⁶⁾ que, em Hipónax, há uma verdadeira obsessão do rito-suplício dos *φαρμακοί*. O poeta não se contenta em descrever a cerimónia (frgs. 26-33 [6-11, 65B, 32A D.-B.; 5-10, 65, 24 Mass.]): evoca-a, directa ou indirectamente, em termos de descrição ou de comparação (54 [32 D.-B., 37 Mass.], 64.4 [14A.4 D.-B., 92.4 Mass.]. A ninguém melhor que ao Efésio convirá, portanto, esta glossa de Hesíquio: *κραδηκίτης · φαρμακός, ὁ ταῖς κράδαις βαλλόμενος* ⁽²⁹⁷⁾ — onde, por sinal, se sente o eco de algumas expressões hiponacteias: 26 (6 D.-B., 5 Mass.) *κράδησι βάλλεσθαι*, 27 (7 D.-B., 6 Mass.) *ἀπιζοντες / κράδησιν ... ὡσπερ φαρμακόν*, 30.2 (10.2 D.-B., 9.2 Mass.) *κράδας ἔχοντες, ὡς ἔχουσι φαρμακοῖς*. Para mais, *κραδηκίτης* é um hápax de aspecto «bizarro», como diz Masson ⁽²⁹⁸⁾: de acordo com uma sugestão de Chantraine ao editor francês, poderá ser uma formação burlesca, analógica de *θιακίτης*.

*187 (161 Mass.)

μεταρμόσας

Tzetzēs, *Exeg. in Iliad*. A 15, p. 78 Hermann, escreve textualmente: *καὶ ἀντὶ τῶν δακέων ψιλὰ ἐξεφώνουν, ὡς ἔχει ἡ ἀρχαία Ἰωνική· ἔπιβρόχων* [frg. 99.15 (IX.15 D.-B., 104.15 Mass.)] *ἀντὶ τοῦ ἐπιβρόχων*,

⁽²⁹⁶⁾ Romagnoli, *I poeti lirici* cit. (n. 17), p. 175; Pontani, *Letteratura greca*, I, Messina-Firenze, 1954, p. 178.

⁽²⁹⁷⁾ Redard, *Les noms grecs en -της, -τις, et principalement en -ιτης, -ιτις. Étude philologique et linguistique*, Paris, 1949, pp. 45 e 242 n. 29; Masson, *Poète Hipponax*, pp. 111 (e n. 1) e 176. Já Bergk, *P.L.G.*, II, p. 492 (frg. 96 [161 Med., 153 Mass.]): «Ex Hipponacte fortasse etiam alia Hesychii glossa petita est: *κραδηκίτης · φαρμακός, ὁ ταῖς κράδαις βαλλόμενος*.»

⁽²⁹⁸⁾ *Poète Hipponax*, p. 111 n. 1.

καὶ τὸ ἐπ' ἀρμάτων — πώλων [frg. 68.5 (41.1 D.-B., 72.5 Mass.)] *καὶ 'μεταρμόσας'*. Como ao «velho iónico» Hipónax pertencem as duas primeiras abonações, é muito provável que lhe pertença também a terceira: sobretudo se nos lembrarmos de que o Bizantino era um citador incansável do poeta efésio ⁽²⁹⁹⁾.

*188 (135d Mass.)

σποδηκισαύρα

O argumento da vizinhança, invocado para o fragmento precedente, tem, neste caso, um valor diminuto ⁽³⁰⁰⁾. É certo que *σποδηκισαύρα* figura em Eustátio, 1921.59-1922.2, numa lista de denominações insultuosas de meretrizes, como *ἀνασεισίφαλλος, ἀνασυστόλις* e *βορβορόπις* (110-111 Bgk.; 144-146 Med.; 135, 135a, 135b Mass.), que são realmente de Hipónax: mas com estes nomes vêm, de permeio, outros que lhe não podem ser atribuídos — *χαμαιτύπη* de Tímocles (frg. 22.2 Kock), Menandro (frg. 699 Koerte-Thierfelder), etc., *λεωφόρος* (frg. 60.23), *μανιόκηπος* (164), *πολύμνος* (165 Gentili) de Anacreonte, *χαλκιδίτις* de um cómico anónimo (frg. adésp. 1352 Kock), *λούπα*, transcrição do lat. *lupa*. Um achado recente veio, no entanto, reforçar a possibilidade de o fragmento ser hiponacteu, como propõem Schneider e, dubitativamente embora, Masson: pensamos no frg. 61A *καὶ † επλεν † ὡσπερ κερκίδιλος ἐν λαύρη*, onde *λαύρη* parece ter o sentido, que convém ao segundo elemento de *σποδηκισαύρα*, de '*pudenda muliebria*' ⁽³⁰¹⁾.

⁽²⁹⁹⁾ Bergk, *P.L.G.*, II, p. 476 (frg. 42 [41 D.-B., 68.5-7 Med., 72.5-7 Mass.]): «fortasse etiam *ἐπιβρόχων* et *μεταρμόσας* ex Hipponacte petita sunt.» Confirmado para *ἐπιβρόχων* (frg. IX.15 D.-B., 99.15 Med., 104.15 Mass.); a confirmar para *μεταρμόσας*.

⁽³⁰⁰⁾ Masson, *Poète Hipponax*, p. 172, menciona, no entanto, esse pormenor.

⁽³⁰¹⁾ V. supra as anotação ao frg. 61A; e West, *Notes on newly-discovered fragments* cit. (n. 141), p. 198. — Cremos que a atribuição de *σποδηκισαύρα* a um cómico terá resultado do frequente emprego de *σποδέω* 'βινέω' e *λαύρη* 'κοπρών' em Aristófanes.

*

Não figuravam no corpo da nossa edição, nem vão figurar como aditamento neste inventário, os seguintes fragmentos que Masson atribui a Hipónax:

1.1 ἀκούσατ' Ἴππώνακτος· οὐ γὰρ ἀλλ' ἦκω

64 (*62 D.-B.) χρόνος δὲ φευγέτω σε μηδὲ εἰς ἀργός.

68 (col. adesp. 1 D.-B.) δύο ἡμέραι γυναικός εἰςιν ἡδισταί,
ὅταν γαμῆ τι κάκφερον τεθηγκυῖαν.

151a Κωδάλον χοῖνιξ

151b κοχώνη

Os frgs. 1.1, 64 e 68 não são, em nosso entender, do poeta efésio: o primeiro é da autoria de Calímaco (191.2 Pfeiffer: Iamb. 1.1), e nem sequer pode ser sintacticamente articulado com 1.2 (1 D.-B., *179 Med.) ὦ Κλαζομένιοι, Βούπαλος † κατεκτενεῖν⁽³⁰²⁾; os outros dois pertencem a colíambógrafos anónimos, possivelmente alexandrinos⁽³⁰³⁾.

151a contém, segundo se crê, a referência — proverbial — a um Códalo glutão que pode ser o mesmo compositor de árias para flauta mencionado no frg. 118.14 (X.14 D.-B., 113.14 Med.)⁽³⁰⁴⁾: mas não sabemos, a rigor, se a expressão ocorria, deste ou daquele jeito, nos iambos de Hipónax. A mesma incerteza pára, afinal, sobre o provérbio κάκιον ἢ Βάβυς ἀλλεῖ (Ateneu, 14.624b; cf. Zenóbio, 4.81; etc.), em que figura o nome de outra vítima do poeta, o auleta Bábis, e que Masson regista apenas no aparato do frg. 151 (97 Bgk., 148 Med.). Como nos parece que deveria ter feito também neste caso.

(302) Morelli, *crit. cit.* (n. 30), pp. 374-376.

(303) *Hipónax*, pp. XLVIII-XLIX.

(304) Sobre Códalo (e Bábis, a seguir mencionado), v. Masson, *Sur un papyrus cit.* (n. 17), pp. 306-309.

Quanto a 151b, a natureza do termo e o seu emprego em Herodas (7.48) e nos cómicos (por ex. Eupolis, frg. 77 Kock; Aristófanes, *Eq.* 424, 484, frgs. 482 e 544 Kock) tornariam verosímil a atribuição ao poeta efésio. Mas as objecções de Bergk⁽³⁰⁵⁾ não foram removidas: até prova em contrário, o escoliasta de Hipócrates (p. 214 Daremberg: cf. Erociano, 103.16 Nachmanson) cita um glossógrafo, e não o iambógrafo⁽³⁰⁶⁾.

Melhor fundada, a nosso ver, seria a atribuição — dubitativa embora — a Hipónax do fragmento seguinte, que Masson não considerou:

*189 (frg. chol. adesp. 3 D.-B.)

ἐγὼ μὲν, ὦ Λευκίππε, δεξιῇ κίττη

Schol. Aristoph. Au. 704 'τοῖς ἐρωῶσι σύνεμεν (sc. aues)' · Δίδυμος δέ, ἐπει ἢ κίττη καὶ εἶ τι τοιοῦτον ὄρνεον δεξιὰ πρὸς ἔρωτας φαίνεται · 'ἐγὼ μὲν κτλ.' Su(i)d., s.u. 'ἀεὶ τοῖς ἐρωῶσι σύνεμεν' · 'Αριστοφάνης περὶ ὄρνιθων, διὰ τὸ τοὺς ἐραστὰς ὄρνιθας εὐγενεῖς χαρίζεσθαι τοῖς ἐρωμένοις. καὶ ἡ κίττη δὲ καὶ εἶ τι τοιοῦτον ὄρνεον δεξιὰ πρὸς τοὺς ἔρωτας φαίνεται · 'ἐγὼ μὲν κτλ.'

ὦς Λευκίππη Schol. ὦ Λευκίππη Su(i)d. : emend. Bentley | δεξιῇ (-ὰ) κίττη codd. : emend. Meineke

Hipponacti dederunt Hemsterhuys Meineke : cf. frg. 18 (21 D.-B., 16 Mass.) ἐγὼ δὲ δεξιῷ παρ' Ἀρήτην | κνεφαῖος ἐλθὼν ῥωδιῷ κατηνλίθην, Callim. frgg. 191.56 (Iamb. I) εἶδεν δ' ὁ Προυέλληνο[c] αἰκίωι κίττη | et 528 (incertae sedis) Pfeiffer ὁ δ' ἠλεός οὐτ' ἐπὶ κίττην | βλέψας | Hesych. κίττη · ὄρνις ποιός· οἱ δὲ ὄρνικολάπτης.

Mais do que as afinidades formais (e de «ambiente»: erótico, a julgar pelas referências dos citadores) entre este fragmento e o 18 (21 D.-B., 16 Mass.) — ἐγὼ μὲν (incipit, como em 69.4 [73.4 Mass.]

(305) *P.L.G.*, II, p. 500. Ten Brink, *Variae lectiones*, «Philologus», 13 (1858), p. 607, que sustenta a atribuição ao poeta efésio, procura isolar o nome de Hipónax, pontuando diferentemente o passo do escoliasta de Hipócrates: κοχώνη· οἱ μὲν τὸ ἰερὸν ὀστοῦν, οἱ δὲ τὰς κοτύλας τῶν ἰσχίων· ἐξ ὧν ἐστὶν Ἀριστοφάνης ὁ γραμματικός, Γλανκίας καὶ Ἰσχόμαχος· καὶ Ἴππῶναξ τὰ ἰσχία (sc. λέγει κοχώνη).

(306) Radt, *crit. cit.* (n. 30), p. 192.

ἐγὼ δέ, 80.16 [VI.16 D.-B., 84.16 Mass.] ἐγὼ δ', 80.20 [VI.20 D.-B., 84.20 Mass.] ἐγὼ μὲν) : ἐγὼ δέ; δεξιῆι κίττηι : δεξιῶι ... ἔωδιῶι —, que a imitação diligente de um epígono poderia explicar, impressiona o facto, significativo sem dúvida, de que a expressão αἰκίωι κίττηι (em final de verso, como neste fragmento), é posta por Calímaco (frg. 191.56 Pfeiffer) na boca do próprio Hipónax⁽³⁰⁷⁾.

Se o leitor não estava familiarizado com os problemas do texto hiponacteu, e acompanhou com benevolência o nosso inventário, há-de ficar surpreso ao verificar que, em meia dúzia de anos (1961/62-1968) — e à parte a adição de catorze (sete pela primeira vez) números novos (61A, 61B, 133A, 148A, 153A, 159A, 164A, 169A, 178A, *185, *186, *187, *188, *189) —, houve necessidade de retocar ou discutir lições em cerca de metade dos fragmentos do poeta efésio. Nem o balanço — longe disso! — se pode dizer encerrado. A nosso pesar, deixamos ainda aos especialistas o calvário de muitas dificuldades. Outras ajuntarão, eles próprios, ao penoso madeiro deste autor. Não existe para Hipónax — e quantos a têm? — «a edição ideal, preparada com lobeliano rigor»⁽³⁰⁸⁾. Mas vamo-nos aproximando, louvores a Deus, com robusta esperança. E, se nunca existir, paciência. É da lei, para os artistas, o serem inaferráveis: até na argila que modelam. Ainda bem. *Salvatico è quel che si salva* — declarou um Mestre que o sabia, e praticava, Messer Leonardo, do burgo de Vinci.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS
Bolsheiro do Instituto de Alta Cultura

⁽³⁰⁷⁾ Cf. Arduzzoni, *Callimaco «ipponatteo»* cit. (n. 241), que se não ocupa, todavia, do problema da autoria do fragmento. — Sobre a possibilidade de atribuição a Hipónax de várias glossas anónimas, ou de palavras «características» em vários imitadores, v. a nossa crítica a Masson (cit. n.30), p. 564 n.9.

⁽³⁰⁸⁾ A observação é de Morelli, *crít. cit.* (n. 30), p. 371.